

**VICENTA DE OLIVEIRA ALVARENGA**

**HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA NO GRUPO DE DANÇA  
“IRMÃS ALVARENGA” E A CONCEPÇÃO DE ESTUDANTES E  
DOCENTES SOBRE A PRODUÇÃO DE IDENTIDADES E  
DIFERENÇAS PRESENTES NO GRUPO**



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
CAMPO GRANDE – MS  
2022**

**VICENTA DE OLIVEIRA ALVARENGA**

**HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA NO GRUPO DE DANÇA  
“IRMÃS ALVARENGA” E A CONCEPÇÃO DE ESTUDANTES E  
DOCENTES SOBRE A PRODUÇÃO DE IDENTIDADES E  
DIFERENÇAS PRESENTES NO GRUPO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Educação, da Universidade Católica Dom Bosco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação.

**Área de Concentração:** Educação

**Orientador:** Carlos Magno Naglis Vieira



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
CAMPO GRANDE – MS  
2022**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade Católica Dom Bosco  
Bibliotecária Mourâmise de Moura Viana - CRB-1 3360

A473h Alvarenga, Vicenta De Oliveira  
História de vida de uma professora no grupo de dança "Irmãs Alvarenga" e a concepção de estudantes e docentes sobre a produção de identidades e diferenças presentes no grupo/ Vicenta De Oliveira Alvarenga; sob orientação do Prof. Dr. Carlos Magno Naglis Vieira. -- Campo Grande, MS : 2022.  
114 p.: il.;

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande-MS, Ano 2022  
Bibliografia: p. 110 - 114

1. Dança - Aspectos sociais. 2. Aquidauana (MS). 3. Cultura - Aspectos sociais. 4. Identidade e diferença I.Vieira, Carlos Magno Naglis. II. Título.

CDD: 793.3

**“HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA NO GRUPO DE DANÇA  
“IRMÃS ALVARENGA” E A CONCEPÇÃO DE ESTUDANTES E DOCENTES  
SOBRE A PRODUÇÃO DE IDENTIDADES E DIFERENÇAS PRESENTES NO  
GRUPO”**

**VICENTA DE OLIVEIRA ALVARENGA**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Carlos Magno Naglis Vieira (UNIR/UCDB) Orientador e Presidente da Banca

Profª. Drª. Maria Isabel Alonso Alves (UFAM) Examinadora Externa

Prof. Dr. Heitor Queiroz de Medeiros (PPGE/UCDB) Examinador Interno

Campo Grande/MS, 25 de fevereiro de 2022.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO E DOUTORADO

## DEDICATÓRIA



Guilherme Alvarenga Barbosa – 2020 No hospital da Cassems em sessão de quimioterapia.

Dedico esse trabalho ao meu neto Guilherme, que mesmo diante do desafio pela cura, passando momentos difíceis, com a ajuda de sua mãe guerreira, aprendeu a suportar as dores das agulhadas (“mamãe não deixa eles me furarem”), as perdas dos cabelos (“mamãe eu não quero ficar careca”), a quimioterapia e os remédios ruins. E com esse sorriso de vencedor superou a doença através da fé e do transplante. Todos os sofrimentos e esta superação me ensinaram a jamais desistir diante das dificuldades, acreditar sempre em dias melhores. Você é meu herói! Obrigada por fazer parte da minha vida!

Dance por amor, não por aplausos.

Dance para expressar, não para impressionar.

Dance não para ser cópia de alguém, mas para revelar quem você é!

(Aziza Zayn)

## AGRADECIMENTOS

Produzir esta dissertação foi um grande desafio, mas foi possível superar. A caminhada tornou-se agradável na presença de Deus e dos mentores espirituais que sempre me ensinaram a caminhar com fé, permitindo a conclusão dessa etapa da minha vida de forma suave e segura.

Aos meus ancestrais que me conduziram para as descobertas me proporcionaram reflexões culturais que marcaram o meu caminho, a minha vida e a minha fé.

À minha mãe, Catarina Andreza, pela compreensão e preocupação com o meu bem-estar, mesmo nos momentos da doença; ao meu pai, Pastor Alvarenga Perez (*in memoriam*), pelos ensinamentos, pelo amor à cultura e pela superação do preconceito e discriminação.

Aos meus filhos Clériton, Gláucia e meus filhos sobrinhos Rafael, Denni, Danilo (*in memoriam*) e, em especial, a minha filha sobrinha Franciéli, pela dedicação e atenção com minha mãe e a nossa família tornando possível a realização dessa pesquisa.

Aos meus netos e netas Maria Eduarda, Sofia, Darlan, Guilherme, Eduardo e, em especial, Miguel, que aos dois meses de idade tornou-se meu filho por dez meses durante o período em que minha filha cuidava do meu neto Guilherme. Às minhas noras Suzana, Marcela e ao meu genro Amilton Junior.

Ao meu orientador, o professor Dr. Carlos Magno Naglis Vieira, por toda confiança em meu trabalho, pela compreensão e carinho nos momentos difíceis pelos quais passei, sempre com palavras otimistas me fortalecendo para continuar a caminhada. Com sua sabedoria, enriqueceu esta dissertação e me fez compreender a minha identidade e a minha docência. Muito obrigada, professor!

À banca.

À professora Maria Isabel Alonso Alves e ao professor Heitor Queiroz de Medeiros, agradeço pela leitura criteriosa da minha dissertação, sinalizando contribuições que foram importantes e fundamentais para os caminhos trilhados e percorridos para a finalização desse trabalho.

Agradeço a duas pessoas muito especiais: Antônio Carlos Seizer e Eva Angelina, pelas orações durante a ansiedade, dificuldades e também pelos conselhos nos momentos de pensar em desistir da caminhada. Gratidão!

Aos meus colegas do mestrado e doutorado, em especial Andréia, Gerson e Henrique, que compartilharam suas experiências, muito obrigada! Além dos colegas da linha de pesquisa, a secretária do PPGE/UCDB, Luciana de Azevedo, sempre disposta a ajudar e sanar as dúvidas.

Aos professores e professoras do Programa, gratidão pelos ensinamentos e pelos trabalhos que desenvolvem.

Aos professores e professoras do Programa de Mestrado do Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), que compartilharam seus conhecimentos e sabedorias durante as aulas: Adir Casaro Nascimento, Maria Cristina Lima Paniago, Flavinês Rebolo, Heitor Queiroz de Medeiros, Ruth Pavan, Nádia Bigarella e José Licínio Backes.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

À Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos, sem a qual isso não seria possível.

Ao amigo José Pedro Frazão, por fazer parte do grupo de dança “Irmãs Alvarenga” produzindo os versos declamados na dança do “Pericon”.

Aos ex-integrantes Cristiane e Leonardo (*in memoriam*), dançarinos que contribuíram participando em várias apresentações do grupo de Dança “Irmãs Alvarenga”. Deixou boas lembranças de nossa convivência. Saudades eternas!

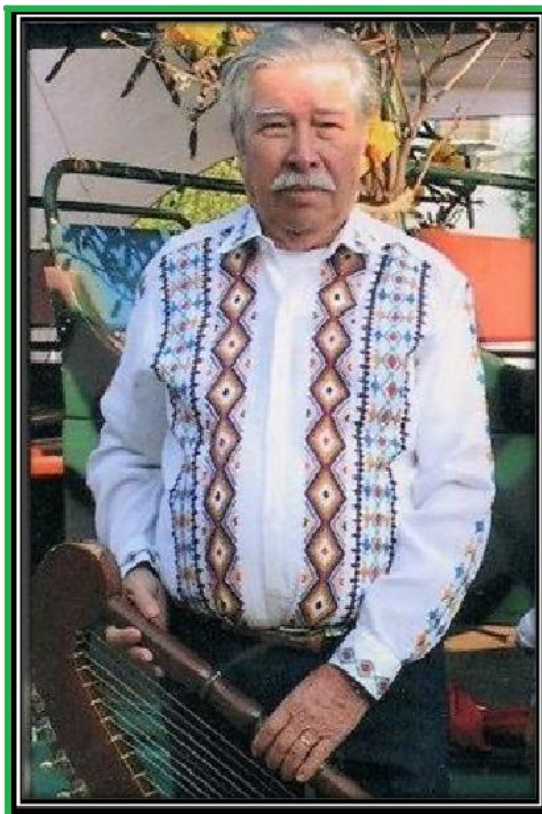
Por fim, mas não menos importante, aos integrantes Coleta Mendes Gimenez, Estéfani Aparecida Mendes Gimenez, Maurício dos Santos Oliveira, Valter Souza da Silva, Myrceia Gimenes Cozer e às professoras Nilda Fátima Moraes e Synara Azambuja que participaram das entrevistas dessa pesquisa e ao mesmo tempo representando todos aqueles jovens adolescentes que fizeram parte do grupo de Dança “Irmãs Alvarenga” durante dezessete anos de atuação.



## HOMENAGEM

**Pastor Alvarenga Perez – Meu pai, com o nome de batismo comum no Paraguai**

**Vítima da Covid-19 – em 29/12/2020**



### **Meu amigo Pastor Alvarenga**

**(José Pedro Frazão)**

**Um homem que morava num sorriso,  
Iluminando a face das pessoas,  
Trouxe-nos paz, amor, notícias boas,  
Fazendo deste mundo um paraíso.**

**Pastor era o seu nome batismal,  
Hablabá español y guaraní,  
Nasceu no Paraguai, mas foi aqui  
Que fez sua moradia principal.**

**No Pantanal virou celebridade  
De mil virtudes, verdadeira lenda,  
E Aquidauana é a feliz cidade**

**Que o acolheu da forma mais querida.  
Oh, meu amigo Pastor Alvarenga,  
Por nós serás lembrado toda a vida.**

ALVARENGA, Vicenta de Oliveira. *História de vida de uma professora no grupo de dança “Irmãs Alvarenga” e a concepção de estudantes e docentes sobre a produção de identidades e diferenças presentes no grupo*. Campo Grande, 2022. 112 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Católica Dom Bosco – UCDB.

## RESUMO

A presente dissertação vincula-se à Linha de Pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena e ao Grupo de Pesquisa Educação Intercultural e Povos Tradicionais/CNPq, do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). A pesquisa tem como objetivo geral descrever a história de vida da professora no Grupo de Dança “Irmãs Alvarenga” e a concepção dos estudantes e professores sobre os elementos culturais que contribuíram para a produção das identidades e diferenças durante a participação no grupo de dança. Para alcançar o objetivo geral, foram propostos os seguintes objetivos específicos: a) apresentar a história do Grupo de Dança “Irmãs Alvarenga” na cidade de Aquidauana-MS e b) verificar as contribuições culturais do Grupo de Dança “Irmãs Alvarenga”. Como eixo teórico, a pesquisa busca inspiração em autores que articulam os conceitos de cultura, identidade e diferença, tais como Hall (1997, 2003, 2004), Silva (2012), Bauman (2005), Woodward (2000) e outros. Para compreender melhor os elementos da dança, o trabalho realizou um diálogo com os seguintes autores: Porpino (2018), Faro (1986), Guedes (2016), Sigrist (2000), entre outros. A pesquisa de caráter qualitativo busca conciliar procedimento de produção de dados que podem assim ser descritos: a) entrevista semiestruturada, via plataforma Google Meet; b) Grupo de discussão via plataforma Google Meet, com ex-integrante do grupo de dança “Irmãs Alvarenga” (estudantes e professores); c) análise documental do grupo de dança “Irmãs Alvarenga” (cartas convite, carta de agradecimento, fotos e outros); d) levantamento bibliográfico sobre o assunto. Os resultados da pesquisa mostram que a participação dos estudantes no Grupo de Dança “Irmãs Alvarenga” contribuiu para fortalecer o protagonismo do grupo e dos seus participantes no contexto escolar, além de proporcionar um espaço de trocas culturais e um fortalecimento para a identidade do Mato Grosso do Sul.

**Palavras-chave:** Grupo de Dança “Irmãs Alvarenga”; cultura; identidade e diferença; Aquidauana-MS.

ALVARENGA, Vicenta de Oliveira. The story of life of a teacher in dance group “Irmãs Alvarenga” and how students and teachers understand the making of identities and differences in the group. Campo Grande, 2022. 112 p. Thesis (Master’s), Dom Bosco Catholic University – UCDB.

### ABSTRACT

This master’s thesis is bound to the Cultural Diversity and Indigenous Education research line and to Intercultural Education and Traditional People research group/CNPq. Both are held in the Graduate Program in Education – Master and Doctorate of Dom Bosco Catholic University (UCDB). Its general objective is to describe the story of life of the teacher in the dance group “Irmãs Alvarenga” and how students and teachers understand the cultural aspects contributing to the production of identities and differences during their participation in the group. To achieve the general objective, the following specific objectives were thought: a) to present the story of the dance group “Irmãs Alvarenga” in Aquidauana city, in the Brazilian Mato Grosso do Sul state; b) to verify the cultural contributions of the dance group “Irmãs Alvarenga.” The research’s theoretical axis is based on some authors and their concepts of culture, identity, and difference, such as Hall (1997, 2003, 2004), Silva (2012), Bauman (2005), Woodward (2000), and others. To better understand some aspects of dance, we conducted a conversation with the following authors: Porpino (2018), Faro (1986), Guedes (2016), Sigrst (2000), and others. It is a qualitative study and has used the following data production techniques: a) semi-structured interview via Google Meet; b) document analysis of dance group “Irmãs Alvarenga” (invitation letters, thank-you letter, photos, and others); c) bibliographical survey on the topic. We found that the students’ participation in the dance group “Irmãs Alvarenga” has contributed to strengthening group’s leadership and its participants’ in the school environment, and also has provided room for cultural exchanges and strengthening for the Mato Grosso do Sul’s identity.

**Keywords:** Dance group “Irmãs Alvarenga”; culture; identity and difference; Aquidauana-MS.

## LISTA DE SIGLA

ARCA	Arquivo Histórico de Campo Grande
ARPA	Associação Recreativa Paraguaia de Aquidauana
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEJAR	Centro Educacional José Alves Ribeiro
CEUA	Centro Universitário de Aquidauana
COVID	Vírus Sars-CoV-2
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
MS	Mato Grosso do Sul
9.º BE Cmb	9.º Batalhão de Engenharia e Combate
ONU	Organização das Nações Unidas
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
MP	Polícia Militar
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
SED	Secretaria Estadual de Educação
TCC	Trabalho de Conclusão do Curso
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
UPA	Unidade de Pronto Atendimento
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

## LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1 – Perfil das professoras e estudantes participantes da pesquisa.....	56
Figura 1 – Irmãs Alvarenga: Vania, Vicenta e Vera.....	24
Figura 2 – A magia da Música.....	39
Figura 3 – Assistindo aula remota em tempo de pandemia.....	44
Figura 4 – Última apresentação do grupo de dança na Avenida Pantaneta .....	60
Figura 5 – Primeira apresentação o Grupo no 9º Batalhão de Engenharia .....	63
Figura 6 – 2º apresentação – Centro Universitário de Aquidauana.....	65
Figura 7 – 1º Vitória do concurso de quadrilha – Avenida Pantaneta – Aquidauana-MS .....	68
Figura 8 – Apresentação no 9º Batalhão de Engenharia de Combate.....	70
Figura 9 – 2ª Vitória Concurso de quadrilha em Anastácio-MS .....	72
Figura 10 – Apresentação na Avenida Pantaneta – Aquidauana-MS .....	76
Figura 11 – Festa Junina na Escola Estadual Antonio Trindade .....	78
Figura 12 – E.E. Marlly Russo Rodrigues – Festa Junina .....	79
Figura 13 – 2ª Vitória Concurso de quadrilha em Anastácio-MS .....	81
Figura 14 – Apresentação da dança Chupim – Associação Comercial de Aquidauana-MS, 2001 .....	83
Figura 15 – Apresentação da Dança Galopeira .....	84
Figura 16 – Integrante da dança Solito .....	85
Figura 17 – Primeira apresentação do Pericon – CEUA.....	87
Figura 18 – Momento organização das vestimentas para apresentação.....	101

## SUMÁRIO

<b>PALAVRAS INICIAIS PARA COMEÇAR A DANÇAR: ENTRANDO EM SINTONIA .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 – OS PASSOS INICIAIS DE UMA DANÇA: A PESQUISADORA, SEUS PARCEIROS TEÓRICOS E OS MOVIMENTOS QUE SE AJUSTARAM PARA A PRODUÇÃO DA DANÇA .....</b>	<b>20</b>
<b>1.1 A responsável pela Dança: Vicenta de Oliveira Alvarenga, uma pesquisadora em construção .....</b>	<b>21</b>
<b>1.2 Passos deslizantes que auxiliaram na desconstrução e ressignificação: o ingresso no PPGE da UCDB .....</b>	<b>38</b>
<b>1.3 Os conceitos teóricos que ajudaram nesse movimento .....</b>	<b>46</b>
<b>1.4 Os movimentos que se fizeram presentes para ajustar os passos: os objetivos e os procedimentos metodológicos.....</b>	<b>50</b>
<b>CAPÍTULO 2 – O MOVIMENTO INICIOU: APRESENTANDO O GRUPO DE DANÇA “IRMÃS ALVARENGA” NO MUNICÍPIO DE AQUIDAUANA-MS ...</b>	<b>59</b>
<b>2.1 Como tudo começou? O grupo de Dança Irmãs Alvarenga no município de Aquidauana-MS.....</b>	<b>59</b>
<b>2.2 Quem dançou e participou nesse grupo? Os estudantes, professores(as) e as demais profissionais: identidades .....</b>	<b>72</b>
<b>2.3 Dançando com o grupo: relações estabelecidas, lugares e apresentações – algumas contribuições culturais.....</b>	<b>76</b>
<b>CAPÍTULO 3 – VAMOS DANÇAR? A PRODUÇÃO DAS IDENTIDADES E DIFERENÇAS PRESENTES NO GRUPO DE DANÇA “IRMÃS ALVARENGA” .....</b>	<b>88</b>
<b>3.1 O grupo de dança “Irmãs Alvarenga” e as contribuições na vida dos estudantes .</b>	<b>89</b>
<b>3.2 Os elementos culturais do grupo de dança “Irmãs Alvarenga” que colaboram nas produções das identidades e diferenças dos estudantes.....</b>	<b>93</b>
<b>3.3 Negociações silenciadas que circulavam pelo grupo de dança “Irmãs Alvarenga”</b>	<b>97</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>104</b>
<b>REFERENCIAL .....</b>	<b>107</b>

## **PALAVRAS INICIAIS PARA COMEÇAR A DANÇAR: ENTRANDO EM SINTONIA**

A presença da dança na Educação Básica é o motor que impulsiona a presente pesquisa de mestrado. É uma pesquisa que exigiu desta pesquisadora, mãe, filha, avó e professora, um tempo de dedicação e concentração para a leitura, escrita e interpretação dos dados produzidos no campo empírico. Trata-se de uma pesquisa que proporcionou novas aprendizagens, ensinou a desconstruir visões e colaborou para conhecer novos autores e diferentes visões de mundo.

Por meio das disciplinas cursadas (obrigatórias e optativas) no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), fui me envolvendo, construindo e desconstruindo (WALSH, 2009), ressignificando concepções e observando os diferentes contextos que me levavam a olhar de forma “outra” o meu campo empírico, o Grupo de Dança “Irmãs Alvarenga”.

Vinculado à Linha de Pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena e ao Grupo de Pesquisa Educação Intercultural e Povos Tradicionais/CNPq, do PPGE (Mestrado e Doutorado) da UCDB, a dissertação tem como objetivo geral descrever a história de vida da professora no Grupo de Dança “Irmãs Alvarenga” e a concepção dos estudantes e professoras sobre os elementos culturais que contribuíram para a produção das identidades e diferenças durante a participação no grupo de dança.

Para alcançar o objetivo geral, foram propostos os seguintes objetivos específicos:

- a) Apresentar a história do Grupo de Dança “Irmãs Alvarenga” na cidade de Aquidauana-MS.
- b) Verificar as contribuições culturais do Grupo de Dança “Irmãs Alvarenga”.

Em linhas gerais, o trabalho de dissertação procura descrever a minha trajetória de vida como professora de Ciências Biológicas na Educação Básica, a história de formação do grupo de Dança “Irmãs Alvarenga”, fundado no município de Aquidauana, localizado no estado de Mato Grosso do Sul, bem como a participação dos estudantes/dançarinos(as). Os escritos, desenvolvidos ao longo do estudo, revivem e analisam conhecimentos, conquistas, desafios, frustrações no campo pessoal e da educação, assim como a prática de se aventurar nas danças regionais em parceria com jovens estudantes.

Diante da proposta de relatar a minha trajetória de vida e também do grupo de Dança “Irmãs Alvarenga”, proponho descrever os momentos vivenciados no decorrer de nossas vidas. Assim, a história de vida “[...] trabalha com a estória ou o relato de vida, ou seja, a história contada por quem a vivenciou” (SPINDOLA; SANTOS, 2003, p. 121). Nesse sentido, história de vida é definida como

[...] o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativas lineares e individuais dos acontecimentos que nele considera significativos, através dela se delineiam com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. (QUEIROZ, 1988, p. 20)

Outro fato relevante que menciono aqui é a questão da entrevista narrativa, em que a pesquisadora e os entrevistados e entrevistadas narram suas histórias a partir do grupo de dança e, com isso, compõem e traduzem os dados da pesquisa.

Enquanto pesquisadora, narrar história de vida tem me direcionado a algumas dificuldades e limitações, e isso pode ocorrer com os pesquisados. Durante suas narrativas, acabam sendo afetados e marcados enquanto sujeito de tal experiência, pois “quando falamos em entrevistas narrativas nos reportamos aos sujeitos da experiência e ao saber da experiência” (ANDRADE, 2012, p. 190).

Andrade (2012) afirma que não devemos nos manter à margem ou fora da investigação, o que é difícil diante da objetividade que a pesquisa requer. Nesta forma de ver, acabamos envolvidos por ela – a pesquisa, que de certa forma nos interessa –, pois fazemos parte do campo social ou cultural estudado. Dessa forma, constitui-se “numa via de mão dupla, ser sujeito da experiência e do saber da experiência ao esquadrihar gestos, perscrutar as falas, observar as atitudes, enfim, estar atenta a todos os movimentos realizados” (ANDRADE, 2021, p. 193) pelos envolvidos no processo.



O interesse por este tema para pesquisa surgiu nos tempos de minha infância, pois a dança é um elemento que esteve presente em minha vida. Caminha comigo em meu fazer docente, e veio ao encontro com as observações do cotidiano escolar dos meus alunos(as) e das queixas dos professores e professoras na escola onde ministrava aula de Ciências.

Outro motivo que me levou a realizar esta pesquisa foi durante a especialização, quando trabalhei sobre a questão da (in)disciplina. Nesse estudo, registrei a dança na escola e o surgimento do grupo de dança “Irmãs Alvarenga”. No trabalho de conclusão do curso (TCC), os escritos apresentaram os estímulos dos estudantes no processo do ensino e aprendizagem, assim como as mudanças de comportamentos, após a participação no grupo de dança, tanto da escola como do grupo de dança “Irmãs Alvarenga”.

Diante desta constatação, percebe-se a necessidade de compartilhar com a educação as alternativas de intervenções que contribuiriam nas relações interpessoais, assim como na formação da identidade e diferença dos estudantes.

Durante meu tempo de atuação docente na Educação Básica, pude trabalhar com crianças, jovens e adultos. Porém, meu maior desafio, aquele que me apresentou mais inquietações, foi com o grupo dos adolescentes. Para esses jovens, principalmente os que estavam inseridos no grupo de dança, a preocupação não era somente de escolarização, mas de elaborar pensamentos críticos, preocupados com o seu protagonismo. Essa lembrança, do início da minha carreira docente, vem ao encontro dos escritos de Paulo Freire (1996). O autor menciona que “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 1996, p. 59).

Nesse contexto, a inquietação e o questionamento para entender o universo dos jovens dançarinos e a vontade de compartilhar e registrar meus pensamentos sobre a dança, educação e toda essa vivência, me levam a concordar com Porpino (2018, p. 15): “[...] de que tanto pesquisando quanto dançando, podemos sentir a beleza do descobrir, do compartilhar, do sonhar e do criar sentidos para o viver”.

O que mais me motivou o interesse em pesquisar com estudantes/dançarinos(as) está ligado ao fato de que percebi que havia a possibilidade unir a dança ao ensino e aprendizagem. Com isso, também formar um laço de amizade entre educador(a)/estudantes, fortalecendo a relação de ambas as partes.

Estar envolvida com a dança, não somente nas atividades do grupo de Dança “Irmãs Alvarenga”, permitiu, durante a minha carreira docente, desenvolver outras atividades pedagógicas e, principalmente de diferentes maneiras, de como atuar e tomar decisões diante de uma sala de aula.

Scarrapato (2001) escreve que a dança na sala de aula não visa somente propiciar a vivência do corpo e diminuir a tensão decorrente de esforços intelectuais excessivos. A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos. Segundo a autora, a dança deve

[...] partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a auto-expressão e aprendendo a pensar em termos de movimento. (SCARRAPATO, 2001, p. 59)

Esses e outros motivos me levaram a realizar o registro dessa caminhada na educação, sistematizar em forma de pesquisa todas essas experiências com a educação e a dança, antes de encerrar minhas atividades como educadora. Nesse sentido, baseado em minha experiência docente e nos escritos de Porpino (2018), entendo que a dança no ambiente escolar pode propiciar condições para os alunos participarem ativamente da construção de sua aprendizagem, na busca de seu conhecimento e na produção de novos saberes e visões de mundo.

As participações dos estudantes nas danças estimulam uma ação conjunta e desta forma o protagonismo de seus participantes, assim como a produção das identidades e diferenças. Para aqueles jovens estudantes, com a idade entre 12 e 16 anos, a dança oportunizou o lazer, a autonomia e a reflexão sobre a responsabilidade de cada um, com a sua aprendizagem. E, enquanto fundadora do grupo de dança e também professora dos(as) estudantes/dançarinos(as), procurei observar e refletir se houve resultados da união entre a dança e o ensino dos conteúdos curriculares.

Conforme os registros escolares da época desde que os estudantes iniciaram sua trajetória com a dança na escola e no grupo de Dança “Irmãs Alvarenga”, começou gradativamente uma melhoria do comportamento na escola, o que refletiu nas avaliações e nas suas posturas de vida.

Como eixo teórico, a pesquisa busca inspiração em autores que articulam os conceitos de cultura, identidade e diferença, tais como Hall (1997, 2003, 2004), Silva (2012), Bauman (2005), Woodward (2000) e outros. Ressalto que os autores mencionados estão amparados em uma corrente teórica, porém, o trabalho não pretende ficar restrito a essa teoria, tendo em vista que o campo tem solicitado outras leituras para melhor concepção da pesquisa. Para melhor compreender os elementos da dança, o trabalho realizou um diálogo com os seguintes autores: Porpino (2018), Faro (1986), Guedes (2016), Sigrst (2000), entre outros.

Inspirado nos autores mencionados, nos momentos dessa produção, me questionei se estava no caminho certo em descrever a história do grupo de dança e verificar a questão das identidades e diferenças dos(as) estudantes/dançarinos(as). Pois, conforme ia aprofundando a temática da pesquisa, percebia que “as posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades” (WOODWARD, 2000, p. 55) e nossa subjetividade. Para isso, faz-se necessário ressignificar e desconstruir as minhas certezas. Quando se propõem nos desconstruir leva repensar “as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre ‘quem nós somos’” (WOODWARD, 2000, p. 55) e construir outras histórias e outros modos de fazer pesquisa.

Não pretendo aqui ocultar os dissabores que se fizeram presentes no caminhar da pesquisa, mas deixar evidente os detalhes da investigação e, para isso, conto com articulação com o campo teórico.

Para o desenvolvimento da pesquisa e buscar alcançar o seu objetivo, entendo que preciso “buscar novos caminhos e percorrer inúmeros trajetos” (VIEIRA, 2015, p. 27). São caminhos e trajetos “que têm como base um conteúdo, uma perspectiva ou uma teoria” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 15). Nesse sentido, baseado nos estudos de Meyer e Paraíso (2012), “[...] uma metodologia de pesquisa é pedagógica, portanto, porque se trata de uma condução: como conduzo ou como conduzimos nossa pesquisa” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 15). Na realização deste trabalho, optei pela pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa preocupa-se com a uma realidade que não pode ser quantificada, respondendo a questões muito particulares, trabalhando um universo de significados, crenças, valores e que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (SPINOLA; SANTOS, 2003, p. 120)

Para a realização desta pesquisa, criei um grupo de discussão com alguns fundadores(as) do grupo, elementos que permitiram conhecer de forma mais ampla os principais pontos de vista e conceitos que formam o grupo de dança, pois a pesquisadora, que é participante, considera importante a concepção mais abrangente dos percursos do cotidiano e os processos das apresentações e a perspectivas dos fundadores sobre a dança desenvolvida em Aquidauana, no Mato Grosso do Sul.

Em se tratando de grupo de discussão, vale destacar que é “uma prática nascida nos estudos sociológicos e trabalhada de uma maneira específica na tradição da sociologia espanhola” (MEINERZ, 2011, p. 486). Nesse sentido, o grupo de discussão é uma metodologia entendida e

[...] referenciado na tradição da sociologia espanhola, consiste em uma importante prática qualitativa de análise social, na medida em que favorece uma profundidade e permite descobrir mecanismos sociais ocultos ou latentes. A entrevista aberta e o grupo de discussão apontam para algo muito precioso oferecido por esse tipo de prática investigativa, que é a possibilidade da escuta. (MEINERZ, 2011, p. 486)

Através das entrevistas e do grupo de discussão, permitiu-se a compreensão dos sujeitos e, com discursos sociais produzidos coletivamente, houve uma melhor interação com os sujeitos da pesquisa, descontração durante a entrevista, o que possibilitou o desenvolvimento do estudo.

Esta dissertação está organizada em uma breve introdução, denominada de “Palavras iniciais para começar a dançar: entrando em sintonia” e mais três capítulos, seguidos da conclusão.

No capítulo 1, intitulado **Os passos iniciais de uma dança: a pesquisadora, seus parceiros teóricos e os movimentos que se ajustaram para a produção da dança**, relato a minha história de vida, a trajetória como docente e a chegada ao Mestrado em Educação da UCDB. Ainda escrevo sobre os conceitos teóricos que norteiam o trabalho e os caminhos metodológicos necessários para a produção dos dados da pesquisa.

No capítulo 2, intitulado **O movimento iniciou: apresentando o Grupo de dança “Irmãs Alvarenga” no município de Aquidauana-MS**, apresento o grupo de Dança “Irmãs Alvarenga” e destaco a sua formação, sua trajetória no município de Aquidauana e os participantes que se fizeram presentes no grupo.

No capítulo 3, sob o título **Vamos dançar? A produção das identidades e diferenças presentes no Grupo de Dança “Irmãs Alvarenga”**, trago o desenvolvimento dos objetivos propostos na pesquisa. Em linhas gerais, apresento as entrevistas realizadas com os estudantes/dançarinos e, a partir delas, exponho os elementos culturais do grupo de dança nas produções das identidades e diferenças dos estudantes e as negociações silenciadas que circulavam no grupo de Dança “Irmãs Alvarenga”.

Antes de finalizar esta introdução, cabe mencionar que as imagens presentes no texto têm muito mais um caráter ilustrativo e visam documentar a trajetória do Grupo de Dança “Irmãs Alvarenga”.

Após esses escritos, passo a realizar as considerações do trabalho de pesquisa, retorno aos capítulos iniciais e aos objetivos, na intenção de tecer os dados empíricos com o referencial teórico utilizado.

## **CAPÍTULO 1 – OS PASSOS INICIAIS DE UMA DANÇA: A PESQUISADORA, SEUS PARCEIROS TEÓRICOS E OS MOVIMENTOS QUE SE AJUSTARAM PARA A PRODUÇÃO DA DANÇA**

O título desse capítulo está direcionado para a dança que vem de um percurso despertado na infância no período escolar marcado por um recomeço, com forte envolvimento com adolescentes. Já inspirada pelos atravessamentos realizados pelas leituras do mestrado, venho delineando as experiências vividas como professora de Ciências na Educação Básica e as danças de quadrilhas e paraguaias, com as construções teóricas que estou realizando.

A dança é movimento e forma de expressão que nos faz entrar em contato com a realidade humana em construção. Na busca de uma comunicação não verbal, a dança possibilita ao indivíduo relacionar-se com o próprio corpo e com o mundo. Pensar na dança é pensar nos momentos em que a comunicação escrita ou falada não foi suficiente para expressar as angústias ou desejos de poetizar (PORPINO, 2018). Em *Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética*, Porpino (2018, p. 26) descreve: “[...] se a dança fosse um texto escrito, poderia ser uma poesia; se fosse um discurso falado, poderia ser uma declaração de amor à vida; mas, sendo gesto, a dança só pode ser o próprio dançarino em seu movimento dançante”.

Tentar descrever a especificidade, a leveza e outros atributos ao dançar, serão sempre uma gesticulação do corpo que ela poderá ser compreendida pelo homem. Assim, o homem utiliza a dança e o canto para troca de informações e se firmar como membro de uma comunidade. Diante dessa reflexão, podemos mencionar as danças regionais ou folclóricas que oferecem a oportunidade de o indivíduo demonstrar seu potencial artístico, além de conhecer e valorizar a trajetória de diferentes grupos que compõem a cultura brasileira, assim como de outros países. Dessa forma, pode ter um grande valor educativo.

Entretanto, o ponto fundamental desse capítulo é relatar a trajetória de vida da pesquisadora e o envolvimento com a dança, como filha, mãe, avó, educadora, pesquisadora e líder de um grupo de dança. Diante de tantas identidades e diferenças, procurei através da leitura entender essas diversidades.

### **1.1 A responsável pela Dança: Vicenta de Oliveira Alvarenga, uma pesquisadora em construção**

*“Sou paraguaia quando estou dançando as danças típicas e quando ouvia meu pai falando o guarani! Índia quando olho para minha mãe e vejo os traços de mulher indígena! Negra quando olho a cor da minha pele e meus cabelos ondulados! Sou todas essas etnias, que se resumem em um povo guerreiro, que luta pela vida em busca da igualdade para todos.”* (Vicenta de Oliveira Alvarenga).

Durante as minhas leituras, escrevi esse verso que trago como reflexão para auxiliar nos meus relatos. Início com o seguinte questionamento. Quem sou eu? Descendente de paraguaios! Negra! Indígena! Sou todas essas descendências, heranças dos meus ancestrais! Nessa perspectiva de entender a minha identidade, embora não deva me preocupar com aquilo que a sociedade diz, assumo todas essas identidades no momento que o contexto me proporciona. Tenho que pensar que vivo uma identidade própria, estamos sempre em construção. Stuart Hall (2006) propõe uma reflexão: o que é de fato uma identidade?

Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. (HALL, 2006, p. 7)

A identidade não é algo pronto, fixo, eterno. A identidade vai se construindo ao longo de nossa vida. Eu já nem sei quem sou. Às vezes, me misturo, me separo. Afinal de contas, o que é certo ou errado para mim? O que eu gosto? Ou o que não gosto? Nesse momento, o que tenho é que gosto de ser mãe, avó, professora, pesquisadora e de dançar. A dança proporciona positivamente a percepção de si mesma, nas relações com os outros e com o meio. De acordo com os estudos de Porpino (2018, p. 26), “A dança faz sentido e cria novos sentidos tanto para aquele que dança quanto para aquele que aprecia”. Posso mencionar que foi com o grupo de dança “Irmãs Alvarenga” que eu entendi o sentimento e a importância da dança na formação da identidade/diferença.

Para continuar a minha caminhada nessa dissertação, senti a necessidade de descrever a minha trajetória de vida, para dar sentido aos relatos iniciais. As narrativas nos ajudam a colocar ordem e coerência em nossa experiência e dar sentido aos acontecimentos de nossa vida. A história é a maneira como organizamos e revelamos para o outro aquilo que reconhecemos em nossa memória.

O processo de narrar o vivido são sempre relatos de práticas sociais que o indivíduo atua no meio em que circula. Segundo Spinola e Santos (2003, p. 121), “[...] quando relatamos um fato, na verdade, estamos tendo oportunidade de refletir sobre aquele momento”. Nesse sentido, reconstituir aspectos da formação, das minhas origens e os passos percorridos para chegar até aqui, descrever os desafios vividos para conquistar o sucesso, diante de alegrias, perdas e tristezas, será, na medida do possível, compartilhado.

Nesse processo de construção da identidade, me apresento. Sou brasileira, de família simples, atravessada por descendências diversas, de três irmãs, sendo eu a primeira e as outras duas gêmeas. Nasci em Aquidauana-MS, no dia 3 de setembro de 1960. Professora habilitada em Biologia, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em 1992. Atualmente sou professora efetiva da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, especialista em Recursos de Manejo e Conservação do Meio Ambiente e especialista em Coordenação Pedagógica, ambas as formações pela UFMS.

Fui criada em diferentes fazendas, onde meu pai desempenhava as atividades de construir curral para bovinos, locais onde se trabalha com os animais para vacinação ou a ordenha de vacas.

Minha mãe, do lar, desempenhava a função de cuidar e educar as filhas. Além dessas funções, ela cozinhava para a família e os ajudantes do meu pai. E, mesmo com pouco grau de escolaridade, minha mãe auxiliava nas tarefas escolares do dia a dia.

Relatar esse processo de convivência familiar da infância até a vida adulta não está sendo tarefa fácil. Mencionar os momentos vividos e saber que sua história será lida por diversas pessoas, e revisitadas inúmeras vezes por mim, não é nada confortável. Portanto, irei concentrar-me em diferentes aspectos que me fazem refletir sobre a minha desconstrução como pessoa, como mestrande, como professora e como pesquisadora que está desenvolvendo um trabalho de pesquisa com o título: História de Vida de uma Professora no Grupo de Dança “Irmãs Alvarenga” e a Concepção de Estudantes e Docentes sobre a Produção de Identidades e Diferenças presentes no Grupo.

Como mencionei acima, sou atravessada por outras descendências, reporto aos meus pais: ele paraguaio, nascido na cidade de Porto do Rosário, aos 20 anos veio para o Brasil,

deixando seu país, que sofria as consequências das guerras, em busca de um novo horizonte. Sempre comentava que não foi fácil estar num país que não entendia e nem falava o idioma, passando por preconceito e discriminação, mas foi o lugar que escolheu para viver e formar sua família. Após as leituras que me auxiliaram nessa produção, observo o quanto meu pai se sentiu “estranho”, inferior, subalterno. Em muitas situações, na tentativa de evitar conflitos e tensões com a sociedade, acabava dissimulando a sua condição de ser paraguaio (BHABHA, 1998).

Minha mãe é uma mulher determinada, cercada pela discriminação e preconceito, primeiro por ser afrodescendente, sendo meus avós de origem africana e indígena e, segundo, pelo casamento realizado com um sujeito paraguaio, que na ocasião não era bem-aceito pela família. Essa diversidade étnica e cultural forma a minha identidade e a minha pessoa. De acordo com Hall (2006, p. 12), “esse processo produz o sujeito pós-moderno, contextualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente”. Assim, a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo.



Figura 1 – Irmãs Alvarenga: Vania, Vicenta e Vera



Fonte: Acervo particular da autora (1962).

Quanto a esse assunto, podemos destacar que assumimos determinadas identidades que surgem devido ao nosso “pertencimento”, o movimento que realizamos em nossas culturas étnicas, com a nossa religiosidade, com os atravessamentos linguísticos e raciais. Sendo assim, descrevo a minha origem identitária e os atravessamentos culturais que contribuíram para a produção dessa identidade e formação, ainda em andamento.

Conforme também mencionado acima, tive uma infância humilde, morando em fazendas. Estava sempre em contato com a vegetação e os animais, onde aprendi a valorizar a natureza. Nesse período, meu pai dava início a um novo trabalho. Para ficar próximo da mata, onde deveria tirar as madeiras para fazer o curral, passamos a morar em ranchos de palha de bacuri, tendo apenas abertura das portas e sem janelas. Aqui também iniciavam-se os desafios e sofrimentos da minha família.

Recordo que passamos a conviver com uma grande quantidade de mosquitos que em pouco tempo deixava nossas pernas e braços com várias feridas provocando coceiras. Na ocasião, minha mãe passava *Caladryl*, um creme que aliviava as dores. Para amenizar essa situação, minha mãe fazia fumaça com esterco de vaca para espantar os insetos. Ao anoitecer, colocava roupas de manga longa e conduzia para nossa única cama, onde eu e minhas irmãs dormíamos protegidas por mosquitoireiro de algodão cru, confeccionado por ela.

A fumaça permanecia dia e noite para contornar o dilema. Já estava insustentável aquela situação, pois vivíamos com as pernas repletas de feridas e sangrava constantemente. Lembro-me que minha mãe disse ao meu pai que teria que encontrar uma solução, pois já não sabia mais como resolver tal situação. Com isso ele foi até a sede da fazenda para relatar o caos que estava vivendo com sua família.

Após ouvir meu pai a respeito do fato que estava acontecendo no acampamento, o capataz disponibilizou uma casa de madeira próxima à sede da fazenda. Nossa, que alegria! Passamos a morar em uma casa de verdade, tinha até piso! Desta forma amenizou a situação, porém não ficamos livres dos mosquitos, pois em todo lugar da fazenda existiam tais insetos. Essa mudança nos trouxe alguns benefícios, pois surgiu a oportunidade de iniciar meus estudos.

O meu primeiro contato com a escola ocorreu na zona rural, localizada na fazenda São José da Chapena, no Pantanal. A escola ficava no local onde eu e minha família morava. Devido à fazenda concentrar muitas crianças na faixa etária de alfabetização, um dos proprietários, o senhor Roberto Scaff, decidiu que todos os filhos dos peões e também do capataz, deveriam aprender a ler e escrever. Foi nesse momento que ele trouxe um professor do município de Miranda-MS para ministrar aulas para as crianças que moravam em torno da fazenda.

Chegou o grande dia! Muita expectativa por parte das crianças. Daríamos o início aos primeiros dias de aula e logo estaríamos aprendendo as primeiras letras. Eu estava muito ansiosa, pois tinha o desejo de aprender a ler e escrever. Particularmente não tenho boas recordações, pois esse sonho foi apagando quando conheci o professor, já era idoso e aparentava calvície, essa foi a imagem que ficou gravada em minha mente de criança. O agravante de tudo não era por apresentar essas características, mas sim por ser pedófilo. Não entrarei em detalhes, pois são lembranças que faço questão de não recordar. O mais importante de tudo isso é que ficou pouco tempo na fazenda, não fiquei sabendo o motivo pelo qual foi mandado embora, suponho que proprietário da fazenda ficou sabendo do comportamento que apresentava, mas posso garantir foi uma alegria para as meninas.

Em seguida, contrataram uma educadora. Fiquei muito feliz, pois depois desse episódio só tivemos professoras mulheres. Foi quando chegou à professora Celeida, moça bonita, meiga e carinhosa com as crianças. Por estar noiva ficou pouco tempo ministrando as aulas, porém logo contrataram a professora Geni, que permaneceu mais tempo na fazenda. Penso que tenha sido com ela que aprendi a ler as primeiras letras, não me recordo. A vontade de ler era tanta que das poucas vezes que vinha para cidade observava os letreiros das lojas e soletrava e descobria o que estava escrito e, assim, comecei a ler com muita rapidez. E também tinha meus pais que incentivavam e auxiliavam nas tarefas de casa.

A escola me proporcionou não somente o aprendizado, mas conhecer outras pessoas da minha idade e foi quando tive o primeiro contato com crianças indígenas que também moravam na mesma fazenda que eu estava com minha família. Foi uma experiência importante, pois formei laços de amizades que até então não possuía, em nossas andanças. O contato era somente com meus pais e minhas irmãs. Também foi nessa época que conheci minha amiga “Coleta Gimenez”, de nome estranho e que ficou conhecida como até o dia de hoje como “Cota”. Sempre que entrava de férias da escola vinha visitar sua irmã que também morava na fazenda. E o mais interessante é que perdemos o contato e após muitos anos nos reencontramos na escola Estadual Professora Marilly Russo Rodrigues, no município de Aquidauana, onde assumi o concurso para ministrar aulas de Ciências.

Ainda percorrendo o período da minha infância, como mencionei anteriormente, vivenciei diversos desafios. Um deles foi a perda do meu avô, que veio a falecer em um curto prazo de convivência com minha família, quando estive nos visitando. Não tinha passado por uma situação semelhante, pois não entendia porque temos que partir e sem ao menos nos despedir. Segundo Bauman (2006, p. 45), “[...] onde quer que eu esteja, estou em companhia de meu pavor de que mais cedo ou mais tarde a morte vai pôr um fim a minha presença aqui”. Esta é uma realidade e a única “certeza” que temos todos nós um dia faremos a passagem, mas tudo o que fica são as lembranças de ter tido a oportunidade de receber atenção e carinho do meu avô. Não tive outra experiência igual, pois os demais faleceram quando era muito pequena e por parte do meu pai só conheci minha tia avó que o criou desde bebê, pois minha avó falecera após o seu nascimento.

Ainda no cenário da minha infância e morando na mesma fazenda, houve um outro desafio para enfrentar. Deparei-me com minha mãe com tuberculose, doença que quase lhe tirou a vida, mas, na fé e com os cuidados recebidos, venceu a doença. Passei a entender o que é tristeza e desespero, minha mãe infectada pela bactéria Bacilo de Koch, doença não divulgada na década de 60, principalmente para as crianças. Não entendia os motivos pelos quais não podiam estar próximos de minha mãe e muito menos usar as mesmas coisas que ela utilizava. Esse foi um período de muita tristeza e sofrimento, pois ela precisava receber injeções e diversos comprimidos por um longo período. Recordo que ela vivia com vários hematomas pelo corpo. Mesmo presenciando toda essa situação, acreditava que um dia chegaria o fim todo esse sofrimento.

Diante desses sofrimentos, mesmo sendo criança, conheci a fé, a esperança, a oração, a devoção e acreditar em dias melhores. Foi quando que me tornei devota de Santa Isabel, que me confortava nos momentos de tristeza, através das preces e orações. Recordo-me quando

ganhei uma imagem da santa, presente da mãe de um dos proprietários da fazenda onde eu morava, e naquela ocasião ela me disse: “Sempre que eu tiver em apuros, peça ajuda para a Santa Isabel”. Por várias vezes solicitei ajuda da santa nos momentos de crise em que minha mãe enfrentava situação desesperadora. Assim, continuei por um longo período na fé e esperança que a cura chegaria. Foi o que aconteceu, muita oração, fé e um longo período de tratamento.

Mesmo tendo muitos afazeres na casa e cuidando da saúde, minha mãe sempre organizou seu tempo para se dedicar na confecção de roupas para mim e minhas irmãs, na máquina de costura herdada de minha avó. Nesta máquina tentei muitas vezes aprender a costurar escondido, aproveitando os momentos em que minha mãe saía para visitar as amigas. Mas sempre eu era descoberta, pois quebrava a agulha e, ao recolocar outra no lugar, não ficava correto e, com isso, sempre levava uns puxões de orelha. Penso que foi nessa época que nasceu o meu interesse pela costura que, depois, me levou a fazer o curso de aperfeiçoamento. Foi muito importante esse aprendizado, pois as lições me oportunizaram confeccionar roupas para meus filhos e posteriormente as roupas dos integrantes do grupo de dança “Irmãs Alvarenga”. Procuo entender que tudo que acontece em nossa vida é uma preparação para os acontecimentos no futuro.

Todas essas lembranças vêm à tona e me fazem recordar momentos vividos que marcaram a minha infância ainda morando em fazendas, onde tive o primeiro contato com as festas de santos padroeiros. No lugar em que morava o “capataz” e sua família, todos tinham o hábito de começar o ano festejando São Sebastião e, no mês de junho, começavam a comemoração com Santo Antônio, São João, encerrando com São Pedro. Eu nunca soube se eles pagavam promessas, mas a festa era para todos da fazenda e vizinhos fazendeiros. Além das rezas era servido churrasco, só não me recordo das músicas e bailes. Mas a cada comemoração de santo, levantavam-se os mastros com as imagens e permanecia assim até o ano seguinte para renovação.

Algo que me chamou muita atenção nesse período foi o banho de São João no açude que havia na fazenda. Eu era bem criança, mas o que me marcou foi a descida até ao rio, onde as “rezadeiras” cantavam a música para São João e quando chegavam à margem do rio as pessoas se olhavam na água para verem sua própria imagem. De acordo com a crença das idosas, a pessoa que não tinha a imagem refletida na água, não estaria na próxima festa do ano seguinte. Era um momento de oração, fé e confiança no santo homenageados.

Outra lembrança foi o fato de conviver muito tempo com as famílias indígenas. Esse convívio fez com que meus pais batizassem muitas crianças que nasceram naquele período.

Recordo também do senhor Palmiro, contador de história e benzedor que sempre ajudava os moradores da fazenda com suas orações. O seu Palmiro era indígena que benzia dor de dente e falava que, se fosse dente de leite, iria se quebrar e logo nasceria outro. O fato mencionado faz recordar Boaventura de Souza Santos (1989), autor que mostra que a crença tem um valor e uma credibilidade, pois ela pode ser pensada de maneira local e universal.

Nesse período vivenciei muitas coisas boas e também ruins, até então não conhecia a violência e nem abuso de poder. Por algumas vezes, vivenciei os maus tratos praticados pelo capataz da fazenda contra o indígena conhecido por Bororo. Sempre usava de palavras grosseiras e preconceituosas, chamando-o de índio preguiçoso, e usava um chicote para cometer tal violência, sempre alegando que o índio não fazia o serviço direito e ainda por cima era preguiçoso, por isso estava sendo castigado. Esse acontecimento evidencia o quanto isso é um “produto das marcas da cultura hegemônica e das relações assimétricas de poder impostas pela colonialidade” (VIEIRA, 2015, p. 30).

Em continuidade na história, meu pai fora transferido para outra fazenda para fazer outro mangueiro, agora de carandá, e nós permanecemos na mesma fazenda, até o dia que minha mãe resolveu ir para Aquidauana. Ela solicitou ajuda de seu compadre, senhor Mário, que prontamente arrumou os cavalos para nos levar até à “reta” para pegarmos a “jardineira”, meio de transporte semelhante aos ônibus atuais, que nos levou ao município de Miranda. Nesse local, tomaríamos o “trem de passageiro”, meio de transporte da época que nos levaria até o município de Aquidauana.

Em 1969, com iniciativa da minha mãe, havia chegado o momento de realizar meu sonho de morar na cidade. Mas a alegria durou pouco, pois meu pai veio nos buscar e levar para a fazenda onde trabalhava. Permanecemos aí por um ano. Era uma fazenda melhor, mas como todo lugar tem suas dificuldades, essa não seria diferente. Recordo que quando chovia ficávamos ilhadas, ninguém entrava nem saía da fazenda. A parte boa é que o capataz da fazenda tinha muitos filhos e quase todos da minha idade. Foi um período ótimo, entretanto não tinha escola, mas aproveitávamos para brincar e nos divertir nas horas vagas, pois todo tinha afazeres em casa.

Outra situação que vivenciei e que ao mesmo tempo era divertida acontecia no momento que tinha que ir até a “mina”, distante da minha casa, para buscar a água. Era momento de certa forma de lazer, cada criança tinha seu vasilhame para pegar água. Foi nessa época que aprendi a equilibrar objetos na cabeça, pois trazia minha panela cheia de água e soltava as mãos. Desafiava as outras crianças a realizarem o mesmo. Essa brincadeira era só gargalhada, pois muitos acabavam derramando a água, mas graças a essa aprendizagem hoje consigo equilibrar

o cântaro na cabeça para dançar a “Galopeira”<sup>1</sup>. Também nessa fazenda aprendi os primeiros passos da dança, tendo como professora a minha mãe. Ao som de um rádio de pilha, ensinou a mim e minhas irmãs gêmeas a dançar a polca paraguaia<sup>2</sup> e o chamamé<sup>3</sup>, músicas que eram muito tocadas na época.

Após tantos desafios, é chegada a hora de realizar o meu sonho, ir para cidade e estudar. Meus pais resolveram se mudar para Aquidauana, minha terra natal, e dar oportunidade para as filhas estudarem. No ano que chegamos não foi possível, pois já não havia mais vagas nas escolas. Mais um ano sem estudar. Por isso, meu pai contratou uma professora particular para nos ensinar e reforçar o pouco que havíamos aprendido.

E assim começa a minha vida morando na cidade, sonho que sempre almejava na minha infância. Sonhava em estudar e ter uma profissão. Nunca desejei passar o resto dos meus dias morando na fazenda, pois, a cada vez que vinha passear na cidade, mais eu tinha convicção que era o que desejava para mim e minha família. Penso que atualmente viver em algumas fazendas deve ser melhor, pois com o avanço da tecnologia muitas coisas mudaram.

Em 1972, passei a frequentar a escola primária, e assim meu sonho começava a se realizar, após ter ficado dois anos sem frequentar a escola. Agora em uma instituição escolar na cidade, eu e minhas irmãs fomos matriculadas na Escola Municipal Antônio Trindade, cursando a 2.<sup>a</sup> série primária. Como não tínhamos nenhum documento para comprovar a minha escolaridade, foi necessário passar por uma classificação.

Foram muitos anos perdidos e nesse mesmo ano completaria 12 anos de idade. O que me conformava é que havia outras crianças na mesma situação, ou seja, diferentes idades que já podiam estar em séries mais avançadas. Concluí as séries iniciais com 14 para 15 anos, pois somente em uma fazenda onde morei tinha escola para as crianças. Com isso meus estudos foram ficando atrasados, mas quando passei a morar na cidade voltei a estudar até concluir a minha formação como educadora.

Como disse acima, o meu trabalho de pesquisa está relacionado com a dança desenvolvida com alunos inicialmente de escola pública e, posteriormente, passa a ser um grupo independente. A dança sempre esteve presente em minha vida e ficando em evidência quando passei a frequentar a escola primária, momento em que me apresentei pela primeira vez num

---

<sup>1</sup> É uma música do compositor paraguaio Mauricio Cardos Ocampo com versão de Pedro Bento. Foi um dos primeiros sucessos da dupla Chitãozinho & Xororó e até hoje o maior sucesso da carreira do cantor Donizeti e da cantora Perla, paraguaia que há décadas mora no Brasil.

<sup>2</sup> Estilo musical criado no Paraguai no século XIX.

<sup>3</sup> Um estilo musical tradicional da província de Corrientes, Argentina, apreciado também no Paraguai, Uruguai e Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul. É considerado uma expressão artística que tem elementos da cultura indígena guarani, afro-americana e europeia.

grupo de quadrilha, preparada pela minha professora. Recordo-me que nesse dia eu usava um vestido de “chita” com estampa de cor verde, os cabelos longos arrumados de “Maria Chiquinha” e fitas para enfeitar. Sempre usei os cabelos compridos por vontade de meu pai, que dizia que as mulheres paraguaias usavam os cabelos longos e com uma flor para enfeitar. Isso valia não só para mim, mas para minhas irmãs gêmeas que tinham os cabelos lisos e escorridos.

Para manter esses cabelos, meu pai, enquanto tomava o “mate” e antes de ir para o trabalho, tinha o cuidado de pentear e fazer tranças em nossos cabelos, pois minha mãe não tinha paciência e queria que todas tivessem o cabelo bem curto e não perdia a oportunidade de fazer isso sempre que visitava a cidade, para tristeza do meu pai. Bem, continuando sobre a minha participação na dança, posso dizer que fora um dia inesquecível, me sentia uma artista. Penso que foi o maior incentivo para levar em frente às danças realizadas nas escolas junto com meus alunos, pois em todas as apresentações eu não perdia a oportunidade de participar junto com eles.

Já em 1975, fui estudar na escola dos meus sonhos, o Centro Educacional José Alves Ribeiro (CEJAR). Nesse espaço escolar, conheci novas pessoas, novas amizades e novos professores. Tudo muito diferente da escola onde estive pela primeira vez, pois para cada disciplina era um professor, alguns causavam medo, só eles podiam falar, outros eram mais flexíveis com os quais tínhamos liberdade de dialogar.

Posso dizer que esse período foi um dos melhores da minha vida. De todos os eventos realizados pela escola eu sempre participava, tais como: movimento do Centro Cívico, fanfarras e dos esportes que havia na escola: voleibol, atletismo, basquete e handebol. Nas festas juninas, era uma das primeiras voluntárias para dançar. Quando estava dançando esquecia todas as dificuldades, todos os problemas e também as tristezas do cotidiano familiar. Estava feliz na escola, mas em casa estávamos passando por dificuldades, pois meu pai foi trabalhar no Paraguai, na cidade de Pero Juan Caballeiro, por dois anos. Nesse período quase não se comunicava com a família, nem mandava dinheiro, sempre alegava que tudo estava muito difícil. Mas a verdade é que ele estava vivendo com outra pessoa e não tinha como manter duas famílias.

Enfim, pela primeira vez eu e minhas irmãs tínhamos que trabalhar. Foi um período muito difícil, algumas vezes saía nas casas das pessoas para vender galinhas e arrumar dinheiro para comprar algum alimento, minhas irmãs foram trabalhar como domésticas, eu cheguei a trabalhar em parques de diversão quando chegava à cidade. Também trabalhei de doméstica por um período, mas sempre tive “anjos” para me ajudar. Nessa época eu já estudava à noite e

meu professor de Matemática perguntou se eu estava trabalhando, porque queria arrumar um emprego no jornal da cidade. Não disse que estava trabalhando, pois pensava em mudar de trabalho, algo melhor que pudesse ganhar mais para ajudar a família, já havia completado 18 anos.

Em 1978, passei por uma entrevista com o senhor José Lima Neto, onde recebi algumas orientações e a exigência naquela época era o curso de datilografia. Fui contratada para trabalhar no Jornal O Pantaneiro<sup>4</sup>, na mesma ocasião, umas das minhas irmãs também foi trabalhar na mesma empresa, na parte gráfica. Trabalhei no jornal por oito anos quase.

Em 1983, ao finalizar o Ensino Médio, na época 2.<sup>o</sup> grau, fiquei grávida e, no mês de outubro daquele ano, nasceu meu filho. Foi o melhor presente que recebi na colação de grau. No ano seguinte, prestei o vestibular na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) para o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas; não obtendo êxito, continuei estudando em casa para tentar novamente no ano seguinte. Em 1985, ingressei na UFMS, *campus* de Aquidauana. O mais interessante que não tive como escolher o curso que gostaria de fazer, pois a universidade oferecia somente quatro cursos, onde escolhi Ciência, Habilitação em Biologia.

Meu projeto de vida era cursar a graduação em Direito, mas na ocasião não foi possível. Além da questão financeira, teria que me deslocar para outro município e nesse período estava com meu filho pequeno. Logo no primeiro semestre me identifiquei com o curso, as aulas práticas de laboratórios, os componentes curriculares já me encantaram, sem falar as novas amizades e os professores excelentes. Tudo isso foi me conquistando aos poucos e quando percebi já estava envolvida com as disciplinas, mesmo tendo dificuldades nas aulas de Química e Física.

Entrar na faculdade não foi tão difícil, mas concluir foi um grande desafio na minha vida. Logo no início do segundo semestre nos deparamos com uma greve dos professores reivindicando um melhor salário, depois a ausência de professores para ministrar algumas aulas e, o mais agravante, a falta de compreensão, companheirismo por parte de algumas pessoas com quem convivemos. Durante o dia tinha o auxílio das minhas irmãs para cuidar do meu menino, mas à noite dependia da ajuda do pai do meu filho. Foram anos de muitas lutas, decepções, choro, pressão psicológica e vontade de desistir da minha caminhada. Mas fui vencendo gradativamente essas dificuldades com ajuda da minha família, amigas de sala e a compreensão e incentivo dos meus professores.

---

<sup>4</sup> Jornal do município de Aquidauana. Sua primeira edição foi veiculada no dia 5 de maio de 1965. Continua presente até os dias de hoje. Disponível em: <https://www.opantaneiro.com.br/>. Acesso em: 22 dez. 2021.



Os anos foram se passando e quando percebi estava me preparando para iniciar os estágios, percebi que iria me tornar uma professora. Nem imaginava chegar a esse ponto, pois não tinha pretensão de ministrar aulas. Nem cursei o magistério, pois não me sentia habilitada para estar em uma sala de aula. No ensino médio optei por fazer o curso Técnico em Secretariado. Mas, enfim, passaram-se sete anos dentro da faculdade para concluir o curso, como já relatei, foram vários obstáculos que tive que vencer para concluir o ensino superior.

Nesse percurso fiquei grávida novamente e tive minha filha. Mais um sonho realizado, estava com um casal de filhos que também era meu sonho, agora era seguir em frente em busca de concluir o Ensino Superior. Continuei estudando diante de tantas dificuldades, por várias vezes levei meus filhos na faculdade, nas aulas de reposição. Sempre foram meus companheiros, cresceram assistindo minha caminhada. Penso que souberam ver meu exemplo, pois sempre deram valor nos estudos e concluíram a faculdade. Meus filhos são os melhores presentes que recebi na vida.

Em 1992, momento de alegria, concluí a graduação e fiquei pronta para ser uma professora. A partir desse ano, essa seria minha profissão e a carreira que iria seguir. Ainda, nesse mesmo ano, prestei o concurso público e fui aprovada. Recordo que naquele momento, não tinha intenção de ser aprovada, pois sabia que estava saindo da graduação e precisava me preparar melhor. Mas como as oportunidades surgem em nossa vida, não podemos recusar. Precisava pensar no futuro dos meus filhos.

Em 1993, fui convidada a ministrar aulas como convocada e substituir um professor da área de Ciências, que no mês de agosto do corrente ano assumiria a direção da escola Estadual Teodoro Rondon, em Anastácio. Naquela ocasião não tinha interesse em dar aulas, pois havia recentemente concluído a graduação e não me sentia preparada para assumir tais aulas. Por insistência do diretor e amigo de graduação, acabei aceitando o desafio de assumir as aulas temporariamente, pois a pouca experiência que tinha foi como convocada por um período de trinta dias em uma escola da Rede Estadual, ministrando aulas de Matemática, antes da minha graduação.

A outra experiência como educadora, foi através das aulas de reforço de Matemática, numa escola particular da minha ex-professora de História. Na ocasião me convidou para fazer parte do quadro de professores que ministravam aulas de reforços em todas as áreas do conhecimento. Foi uma experiência gratificante, mas que não foi suficiente para ministrar e conduzir a sala de aula. Os desafios vividos me fazem lembrar as palavras de Freire (1996, p. 77), em *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*: “Ninguém pode

estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra [...] ninguém pode estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas”.

Ainda nessa direção, pareço estar ouvindo as palavras dos meus professores de estágios dizendo que no curso de graduação aprendemos a teoria. A prática acontece quando estamos diante dos educandos e com uma nova realidade. Por muitas vezes eles repetiam que dependendo da situação teria que ensinar os estudantes que questionam apenas com olhares, analisam a sua postura e a forma de como vai apresentar os conteúdos.

Mas, ao contrário das expectativas negativas que geralmente cercam o início da carreira docente, principalmente em escolas públicas, preciso registrar que a minha primeira experiência como professora de Ciências foi positiva. O diretor e alguns colegas de profissão se colocaram à disposição para me auxiliar nas dificuldades que surgissem no decorrer do processo. Nesse momento, passei a entender que o papel de uma professora não é somente ensinar, mas é necessário ter um bom relacionamento, interagir, ouvir, dialogar, compreender e conquistar a confiança dos estudantes para uma boa convivência escolar.

Escrevendo essas linhas, recorro a minha postura em sala de aula, logo no primeiro dia. Entrei em uma turma de 8.<sup>a</sup> série, cheguei e cumprimentei a todos, mas em seguida virei para lousa e iniciei a escrever. Não houve apresentação, interação e muito menos um diálogo inicial. Apenas registrei meu nome na lousa e respondi à pergunta de uma aluna. Hoje, revivendo esses momentos entendo a importância do “educador que escuta [pois] aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes, necessário [...]” (FREIRE, 1996, p. 113).

Compreendo que não foi elegante da minha parte, a forma como me comportei naquela ocasião, mas em outra aula, estava mais tranquila. Iniciei fazendo a chamada e observando cada um dos estudantes. Antes de iniciar a trabalhar os conteúdos do dia, conversei com a turma e, em seguida, uma aluna comentou sobre o acontecido na aula anterior. Recordo que essa turma era formada de jovens mais focados nos estudos e com o pensamento voltado para ingressar no Ensino Médio, por esse motivo, não tive tanta dificuldade para ministrar as aulas.

Nas primeiras turmas do Ensino Fundamental II, os estudantes eram ao contrário. Muitos falantes caminhavam o tempo todo pela sala e não mantinham a atenção no que estava expondo, de certa forma encontrei dificuldade para ministrar as aulas. Percebendo a dificuldade em transmitir os conhecimentos aos estudantes, conclui que seria necessário buscar uma forma de conquistá-los, motivar e levar o interesse aos conhecimentos específicos e ao ensino e aprendizagem.

Mas como faria isso? Algumas alternativas realizadas foram aulas práticas, trabalho de campo com algumas turmas, porém o melhor resultado foi quando tive a oportunidade de

trabalhar com as danças na escola. Percebi naquele momento o quanto os jovens gostam de se envolver com atividades culturais da escola, como música, dança, teatro e atividade esportiva. Estava diante de um desafio, pois teria que buscar as coreografias e ao mesmo tempo aprender para ensinar a garotada. Mas contei com a ajuda de alguns professores, com mais tempo de casa e estava acostumado a trabalhar com danças típicas regionais.

Recordo que em agosto de 1993 a direção da escola estava preparando uma festa folclórica. Foi o momento de me aproximar dos estudantes. Para essa atividade organizei a participação de um pequeno grupo de quadrilha com a finalidade de trabalhar as danças regionais e as comidas típicas das festas juninas.

Desse pequeno grupo de estudantes, iniciou-se o trabalho com as danças regionais e outras. Permaneci na Escola Estadual Teodoro Rondon por dois anos. Nesse período o grupo de dança formado para a festa folclórica teve a oportunidade de se apresentar em eventos realizados pela prefeitura de Anastácio, assim como da Associação Recreativa Paraguaia de Aquidauana (ARPA).

Em junho de 1994, fui convocada para assumir o concurso público em educação, realizado em 1992. O concurso tinha uma validade de dois anos, podendo ser prorrogado. Em 6 de junho do corrente ano passei a fazer parte do quadro efetivo de professores da Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul (SED-MS), sendo lotada na Escola Estadual Marly Russo Rodrigues.

Foi uma grande alegria esse momento, mas passaria por novos desafios. Não importava. A minha vida teria outro rumo, pois estar concursada seria a minha segurança onde poderia oferecer um futuro melhor para meus filhos. Assim, fui para escola onde estava ocorrendo à lotação, e já de início me deparei com duas situações, a primeira por ter escolhido uma escola da periferia, que de certo modo não era bem vista aos olhos de alguns professores e também da sociedade. Escutei de muitos colegas que o bairro onde se localizava a escola tinha grupos de jovens que faziam parte de *gangs*.

Além de não ter muita escolha devido à minha classificação, a regra estava posta. Aqueles melhores classificados tinham direito de escolha. Enfim, escolhi a escola em questão, onde o meu horário ficou dividido em três turnos, pois as aulas que a escola disponibilizou para SED eram essas. A segunda situação foi a de ouvir a minha futura diretora falar de forma autoritária que não iria mexer no horário de sua escola, pois já estava tudo organizado e que não era responsável em haver convocação de concurso no meio do ano letivo. Esta situação por muitas vezes pude vivenciar, nem sempre eram compreensivos entre a escola e direção. Não

me importei com os comentários, pois de qualquer forma todas as escolas teriam que alterar seus horários, pois iriam receber novos professores.

Toda essa situação me faz recordar as ideias de Hall (2003) quando menciona que as relações de poder circulam, ou seja, os diretores são professores que após o seu período de mandato retornam ao seu lugar de origem. Por inúmeras vezes, os professores são vistos como intrusos, pois estamos chegando a ambientes desconhecidos, com realidade diferente a que estamos acostumados a conviver. Estamos diante de uma nova cultura.

Alguns professores mais solidários e curiosos vieram questionar de que turmas eu iria me apropriar, de onde estava vindo e assim por diante. E para minha surpresa ouvi de uma colega que eu estaria vindo para a escola para tirar as aulas de sua filha, que na ocasião estava trabalhando como convocada. Respondi que eu estava assumindo as aulas, pois havia passado no concurso público. Nem sempre somos bem recebidos por nossos colegas da educação devido a essas questões ainda presentes. Lembro que a inspetora dos estudantes foi que me auxiliou para encontrar as salas.

Nos primeiros dias de aula observei que os estudantes eram agitados, um pouco “indisciplinados” e não se importavam com a minha presença, e sempre que tinham oportunidade procuravam evidenciar a antiga docente. Algo que me chamou a atenção foi quanto à postura dos meus novos alunos em relação aos da outra escola em que já estava trabalhando anos anteriores como convocada. Vi-me diante de uma nova turma e com realidades totalmente diferentes, estudantes com diferentes identidades, às vezes, atravessadas e influenciadas pelas questões econômicas, sociais e culturais do local.

[...] as identidades e as diferenças são produções culturais múltiplas e inacabadas, ou seja, produzidas na relação do eu com os outros. No sentido das identidades e diferenças, as pessoas são produzidas em múltiplos contextos em casa, na escola, no trabalho, em uma partida de futebol, etc. (VIEIRA, 2015, p. 25)

A escola vive uma situação de tensão e conflitos permanentes que muitas vezes desviam os docentes de seu objetivo. Recordo que convivi com estudantes de comportamentos diversos, devido a vários fatores do meio em que vivem. Deparei-me com turmas indisciplinadas, desmotivadas e sem nenhum compromisso com os estudos; estudantes que com palavras ameaçadoras tentavam testar o limite e a paciência do educador, promovendo a desordem na sala de aula. Notei que muitas das crianças matriculadas na escola estavam ali devido à merenda escolar, realidade que tive que aprender a entender e respeitar e ao mesmo tempo auxiliar e reivindicar as famosas repetições do alimento do dia.

Essa situação de dificuldade, momentos difíceis, obrigava-nos, enquanto docente, a parar e a refletir sobre o fazer pedagógico. Como ensinar os alunos e conduzir o processo de ensino e aprendizagem? Como podemos obter resultados satisfatórios quando estamos diante de crianças que necessitam de alimentos? Em muitas situações, pensava o que é ter resultado para esses estudantes. Por muitas vezes, passei horas buscando a melhor forma de fazer os estudantes se interessarem pelas aulas de Ciências.

Por esse motivo, arrisquei trabalhar com atividades culturais em busca de maior interação, convivência, respeito, valorização de diversidades e interesses pessoais. Com isso formar estudantes para atuar na liderança, promovendo a justiça e o respeito.

Após essa ação, observei algumas mudanças de comportamento, com os alunos se tornando menos agressivos, companheiros, responsáveis e capazes de criar estratégias para trabalhos em grupo. Foi quando surgiu a proposta dos estudantes de montar um grupo de dança de quadrilha para a festa junina que estava se aproximando, pois ficaram sabendo que a nova professora de Ciências gostava de dançar e que já trabalhava com jovens em outra escola. Até então não haviam encontrado professor para ajudá-los, pois muitos eram vistos como estudantes “indisciplinados” aos olhos de alguns educadores.

Esses estudantes formaram uma comissão para solicitar a ajuda, disseram que gostariam de participar das festividades da escola, mas que precisavam de um responsável para representá-los diante da direção colegiada. Surgiu então a oportunidade de se fazer um combinado com a turma. Poderia ajudá-los, mas eles também teriam que ter o compromisso de mudarem de comportamento em sala de aula, teriam que se dedicar nos estudos e realizar todas as atividades das disciplinas que cursavam. Todos os presentes firmaram o compromisso de mudar e auxiliar os demais colegas a seguirem o mesmo propósito. Foi levada ao conhecimento da direção colegiada a proposta do projeto. No início não foi bem aceito, até porque a professora que se propôs ajudar, Vicenta Alvarenga, estava recentemente assumindo o concurso do magistério e a diretora não conhecia o seu trabalho como educadora apesar de estar trabalhando em outra instituição de ensino e já desenvolvia este tipo de atividade.

A diretora da Escola Estadual Professora Marly Russo Rodrigues não simpatizou com a ideia, mas não se opôs e permitiu que iniciassem os ensaios em caráter de experiência, pois não acreditava que em pouco tempo os jovens aprendessem a coreografia da dança e que pudesse manter a ordem dos alunos, que eram bem agitados.

Não foi tarefa fácil, mas o importante é que ao final obteve-se o resultado esperado. Com isso compreendi que havia conquistado os alunos e tinha formado um grande laço de

amizade e que a cada ano o grupo da escola passava por renovação, e novos integrantes vinham fazer parte.

Entre 1995 e 1998, o grupo de dança passou a ser conhecido na sociedade pelo fato de que durante três anos vinha participando de concursos de quadrilha em outras instituições e conquistando o campeonato durante as apresentações. Mas, para manter um grupo de dança ou qualquer outro tipo de atividade cultural, é necessário haver interesse e incentivo da direção colegiada, tanto no apoio das vestimentas quanto na questão de transporte. Por esse motivo, o grupo de dança da escola foi desativado, pois não tive condições de dar continuidade sem o apoio da equipe escolar. Outro fator que me levou a deixar a atividade de dança é que estava com muitas atividades para desenvolver, tinha recentemente dado início à especialização e também assumido a Coordenação Pedagógica em outra escola. Estava com muitos afazeres que necessitavam de muita dedicação.

Em maio de 1998, subitamente perco uma das minhas irmãs gêmeas (Vania). De repente me tornava mãe de mais duas crianças, além do meu casal de filhos. Fiquei desnorreada e pensei em deixar a especialização, mas como sempre tenho “anjos” que estão presentes em minha vida, prossegui meus estudos com apoio da minha orientadora e meus colegas de curso. Não foi fácil superar, mas estava me organizando para assumir mais um compromisso, quando mais uma vez passo por outra tristeza, no mês de julho do corrente ano, a minha segunda irmã (Vera) veio a falecer que era gêmea com a primeira. Nossa! Agora complicou: mais duas crianças órfãs.

Em outubro de 2014, uma felicidade acontece em minha vida, com a chegada do meu primeiro neto. A chegada do Guilherme foi uma emoção tão grande quanto tivera com o nascimento dos meus filhos. Não imaginava como era essa sensação de ser avó. Penso que seja ser mãe duas vezes, é uma alegria imensa sentir essa emoção vendo seu neto com os mesmos traços dos seus filhos recém-nascidos. Só agradecer pela dádiva divina de ser mãe e depois ser avó. Em 2015, mudei de residência para Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, a 130 km de Aquidauana. Em uma nova escola, trabalhando no Ensino Fundamental, com aulas no período matutino e vespertino, conheci outra realidade não muito diferente quando entrei para a educação, tive que conquistar e conhecer meus alunos. Durou apenas um ano e meio, pois em 2016, após aprovação na prova de gestão para diretores de escolas do estado, fui convidada para ser diretora adjunta na Escola Estadual Lúcia Martins Coelho, ensino de tempo integral.

Permaneci por três anos nessa escola que foi um grande desafio, mas foi compensador financeiramente, pois com isso consegui financiar minha casa. Mas, além disso, tive contato com vários aprendizados e principalmente o desafio de estar em uma direção. Confesso que não

foi fácil a convivência com algumas pessoas, mas consegui vencer todas as dificuldades e conquistar parceiros(as) para dividir o trabalho e boas amizades que levo comigo para a vida.

A continuidade da minha alegria se fez com a chegada do meu segundo neto. Mas, em 2018, uma tristeza se abateu sobre nossa família. No primeiro mês do ano, meu primeiro neto foi diagnosticado com leucemia. Nossa! Foi uma tristeza imensa, ele apenas com 3 anos de idade para enfrentar tamanha dor e sofrimento, sem falar a minha filha que teria que ser uma grande guerreira para vencer junto com ele todos os procedimentos do tratamento.

Penso que esses primeiros escritos do capítulo foram os mais difíceis de relatar e buscar em sua memória fatos que se passaram. Relatar sobre a trajetória de vida, ao iniciar este trabalho, serviu como um exercício, pois além de olhar a minha própria história de vida, pude considerar os(as) autores(as) que caminham comigo nessa pesquisa. Se a experiência nos revela o que nos toca e nos atravessa, certamente fui tocada, é o que me conduziu de forma prazerosa às discussões sobre a dança desenvolvida na escola no desempenho de algumas atividades profissionais. Por isso, nessa caminhada vejo que o ato de escrever sobre a experiência vivida não é uma atividade simples, pois exige tempo, reflexão e documentá-los por escrito.

Na medida em que vou conhecendo e reconhecendo os(as) autores(as) referenciados(as) neste trabalho, venho aprendendo com a pesquisa, em busca de mim mesma – quem sou eu? Conforme estudo a minha história eu vou buscando-me (re) conhecer e (re)construir-me a cada dia. Esse novo olhar, a partir das experiências e a dos outros traz uma importante contribuição pessoal, pois me auxilia a entender o que foi vivido e ao mesmo tempo amplia como vivemos e enxergamos o mundo e as relações interpessoais. E para a minha formação como pesquisadora, leva a outras possibilidades de investigação no meio educacional.

## **1.2 Passos deslizantes que auxiliaram na desconstrução e ressignificação: o ingresso no PPGE da UCDB**

Ainda em efetivo exercício na educação, concluindo a especialização de Coordenação Pedagógica, fui incentivada pelo meu amigo jornalista, escritor e professor José Pedro Frazão a continuar meus estudos. Durante a realização do meu trabalho de pesquisa, o professor Frazão comentou que pesquisar as experiências com dança na escola seria um bom campo empírico. Depois de algum tempo, fui afetada por essa iniciativa. Foi assim, que decidi procurar um programa de pós-graduação em que a proposta de pesquisa seria significativa. E é dele (Frazão) o conceito poético sobre a dança – “A magia da música” – (Figura 2), que escolhi para sintetizar

a magia que sinto pela dança, essa arte corporal que se entrelaça com a música e nos faz viver melhor:

Figura 2 – “A magia da música”



Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/489625790708137780/>. Acesso em: 4 nov. 2021.

Em 2019, eu estava na função de diretora adjunta em uma escola no modelo de autoria em tempo integral, na cidade de Campo Grande. Com atividades constantes e envolvidas com todo o segmento escolar, pois a instituição estava vivendo um novo modelo de ensino que exigia um pouco mais de conhecimento na prática pedagógica e no gerenciamento escolar, participei de vários cursos de formação continuada e em alguns momentos atuava como formadora. Foi um trabalho árduo, que me levou a vencer os desafios que surgiram nesse período de gestora.

Nesse mesmo ano, em novembro de 2019, eu estava me preparando para fazer a prova em um programa de pós-graduação em educação na área de gestão escolar. Estava muito envolvida com esse contexto e afetada pelos acontecimentos vividos na escola. Diante do universo institucional e dos desafios vividos entre a escola e a minha família, passei a me ver com vários textos para estudar, tempo reduzido, cansaço da jornada de trabalho e me assustava com tanta complexidade. Porém, posso registrar que eu estava muito empolgada com todos esses desafios.

Após as três etapas exigidas (prova escrita, prova de proficiência em língua estrangeira e prova oral para apresentação do Projeto de Mestrado), fui aprovada em duas etapas, mas em língua estrangeira teria que refazer em outro momento. Consegui conquistar parte dos meus



objetivos até aquele momento. Quanto à prova de Gestão Escolar, não atingi a média suficiente para ser aprovada, mas com os estudos realizados me proporcionou a entrada no Mestrado.

Em março de 2020, ingressei oficialmente como mestranda em Educação no PPGE – Mestrado e Doutorado da UCDB e no grupo de pesquisa Educação Intercultural e Povos Tradicionais/CNPq. Um novo desafio me esperava: leituras densas e complexas, dificuldades financeiras, uma nova realidade acadêmica e novos contatos com meu processo de desconstrução.

Com tanta ansiedade de como pagaria minhas mensalidades do mestrado, veio uma das melhores notícias: havia sido selecionada para a bolsa de estudos. Agora sim, passei a ser uma pesquisadora em processo de construção, pois estava aliviada desse compromisso, tendo como foco a dedicação e a pesquisa. Isso me fez lembrar as palavras de Freire (1996, p. 29), segundo as quais “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando”. Essas palavras me levam a refletir como professora e pesquisadora em busca da prática docente à indagação e à busca pela pesquisa.

O início dos novos aprendizados causou-me muita ansiedade, estava diante de novas realidades de leituras e diálogos importantes para o processo de formação: privilégio de ter novos professores, e já na aula inaugural compreendi que cada um que se apresentava deixava transparecer seus conhecimentos, que causavam calafrios, pois me sentia totalmente desesperada.

Nesse início me sentia perdida, eu falava pouco e ficava mais observando o discurso de todos que estavam presentes nas aulas. Assim, que fui assistindo às aulas, lendo os textos, não entendia os conteúdos, pois eram desconhecidos e não faziam parte do meu convívio, causando-me desconforto, ansiedade e preocupação com essa situação. Cheguei a pensar estar em lugar errado e que não conseguiria acompanhar o processo de ensino e aprendizagem.

Compreendo que nesse ambiente, que ainda estou circulando, existe a necessidade de realizar muitos estudos e leituras. Eu fui entendendo que ao ler estaria contribuindo para os meus conhecimentos e para uma “possível” mudança no meu fazer pedagógico (WALSH, 2016). Essa nova postura que ainda busco conquistar poderá me auxiliar em novas oportunidades para o desempenho das minhas atividades junto aos estudantes.

Logo na primeira disciplina cursada, Interculturalidade e Educação Escolar, no PPG em Educação da UCDB. Durante o curso pude me aproximar de diferentes autores como: Homi Bhabha, Stuart Hall, Frantz Fanon, Spivak, Catherine Walsh, entre tantos outros. Esses autores, antes de contribuírem para a minha pesquisa de mestrado, auxiliaram-me na desconstrução

constante que vivia intensamente durante as aulas, desde o aproximar das leituras, compreender os escritos e ressignificar pensamentos e atitudes. Esse processo foi possível devido à rede de apoio encontrada nos professores e colegas do PPGE/UCDB que me tranquilizavam diante do novo e dos desafios diários.

Antes de continuar o nosso diálogo, quero ressaltar outro momento que me causou ansiedade, apreensão e um novo desafio. Logo nos primeiros meses das aulas presenciais e por um motivo bem maior, foi alterada toda dinâmica de trabalho. O ano de 2020 foi e será marcado na história pelo início da pandemia de Covid-19, iniciada na China. Em poucos meses, o vírus chegou a vários lugares do mundo, incluindo o Brasil, ocasionando mortes, isolamento social, crises políticas e sobrecarga nos sistemas de saúde. “O mundo se deparou com uma crise na saúde pública mundial, ocasionada pela pandemia da Covid-19, as Organizações das Nações Unidas (ONU) decretaram para controle desse vírus o distanciamento social” (ASSIS, 2021, p.1).

A educação teve que se adaptar a uma nova realidade, pois a interação entre docente e discente não poderia mais ocorrer de forma presencial devido à proliferação do vírus. Diante dessa situação, o ensino passa a ser de forma remota mediada pelas tecnologias de informação e comunicação (TICs).

Assis (2021, p. 2) relata:

A Covid-19 é pandemia que possui um grande poder de contaminação entre os seres humanos do planeta. Percebendo assim a necessidade de que sejam tomadas prevenções de contágios. Inclusive, o isolamento social, como está sendo aplicado nas instituições de ensino para garantir as práticas pedagógicas e a própria vida.

Com essa situação a população foi levada a mudanças drásticas, permanecendo mais tempo com suas famílias e não permitindo ficar perambulando no comércio e nem mesmo visitar amigos e familiares. Boaventura de Sousa Santos (2020, p. 7) destaca que “[...] A etimologia do termo pandemia diz isso mesmo: todo o povo. A tragédia é que neste caso a melhor maneira de sermos solidários um com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos”.

Com essa reflexão, Santos (2020) relata a questão da pandemia, onde os seres humanos foram submetidos a conviver uns com outros para se manter vivos. “Os internados não podem viver senão colados uns aos outros. Famílias de cinco ou seis pessoas dormem num espaço com menos de três metros quadrados” (SANTOS, 2020, p. 9). Uma pandemia desta dimensão

provoca justificadamente comoção mundial (SANTOS, 2020). Esta é uma forma do ser humano perceber que há uma necessidade de aprender a viver com as diferenças.

Com essa nova realidade que os países vêm passando, as escolas, as universidades e a maior parte do comércio também entra no isolamento e, principalmente, os que fazem parte do grupo de risco, pois a doença é perigosa. Essas mudanças conduziram todos a buscarem mecanismos para atenderem seus compromissos. A escola, a universidade e outros espaços passam a funcionar em casa através da internet com aulas remotas. Segundo Kenski (2003, p. 2),

[...] estamos vivendo um novo momento tecnológico. A ampliação das possibilidades de comunicação e de informação, por meio de equipamentos como o telefone, a televisão e o computador, altera a nossa forma de viver e de aprender na atualidade. Na verdade, desde o início da civilização, o predomínio de um determinado tipo de tecnologia transforma o comportamento pessoal e social de todo o grupo.

Logo no início das primeiras aulas remotas experimentamos os novos desafios, pois teríamos que nos adaptar e se reinventar para enfrentar a mais nova realidade. A internet que oscila, a nova maneira de projetar *slides*, conversar com os professores a distância falando diante do computador e verificar qual a melhor forma de comunicação para que todos possam receber as informações necessárias. Isso foi importante para eu ter um bom aprendizado, sentir-me seguro e confortável em tempo de pandemia. Para Kenski (2003, p. 8),

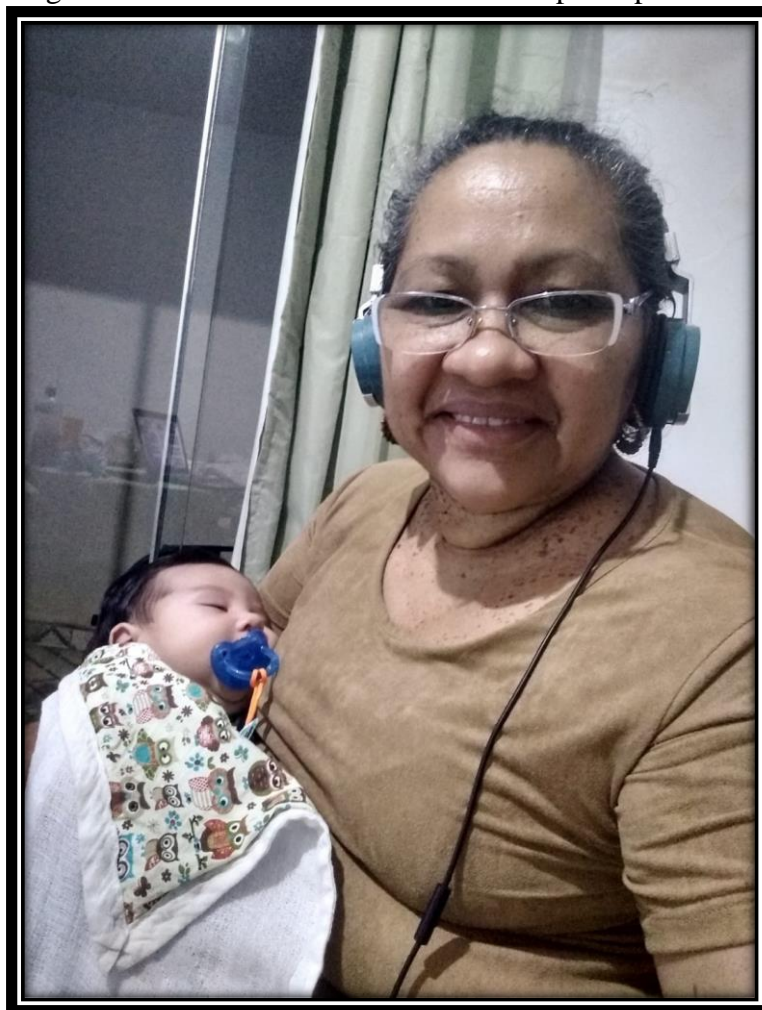
[...] este modelo tem como requisito a possibilidade de comunicação intensa entre todos os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. Interação, reciprocidade e partilha de informações são pontos comuns a serem respeitados. As características tecnológicas do ambiente virtual devem garantir o sentimento de telepresença. Ou seja, mesmo que os usuários estejam em espaços distanciados e acesse o mesmo ambiente em dias e horários diferentes, eles se sintam como se estivessem fisicamente juntos, trabalhando no mesmo lugar e ao mesmo tempo.

Embora o transtorno com a presença da Covid-19, é possível viver momentos alegres, pois em abril de 2020 meu terceiro neto chegou a este mundo turbulento e requerendo cuidados para não se contaminar com o vírus que estava invadindo o território humano. Sua chegada trouxe alegria para nossa família e a esperança de dias melhores. Também nesse período seu irmão estava em tratamento contra leucemia e estava se preparando para o tão esperado transplante, tendo que ficar vários meses internado para receber a medicação necessária. Foi um período de longa espera, mas esse dia chegou e assim, aos 60 anos de idade, tornei-me mãe-avó do meu neto que estava apenas com dois meses de nascido.

Estava ciente de que seria uma caminhada longa e desafiadora, mas minha família contava com minha ajuda. Não foi fácil conciliar os estudos, o trabalho e todos os compromissos com minha família. Muitas lágrimas foram derramadas nas noites sem dormir para cumprir com as minhas atividades de pesquisa, assim como as dos meus alunos, estava trabalhando de forma remota. Com todas essas atividades, em um determinado momento o corpo não responde, tive problemas de saúde, precisando parar com as atividades para recuperar os movimentos do ombro. Não é fácil estar diante de tantas dificuldades, mas nessa caminhada contei com o carinho e a atenção dos meus colegas, professores e de orientadores espirituais.

A resistência e a perseverança é que nos fortalecem para vencer as barreiras que surgem em nossa vida. A experiência de mãe-avó aos 60 anos foi um dos maiores desafios nesse período que estava dedicando à pesquisa. Não imaginava ter que levantar nas madrugadas para preparar mamadeira, trocar fraldas, atender o choro do bebê e dedicar todo amor e carinho para quem estava tão distante de sua mãe. Não foi tarefa fácil, mas o importante é que recebeu toda atenção que uma criança necessita.

Figura 3 – Assistindo aula remota em tempo de pandemia



Fonte: Acervo particular da autora (2020).

Mesmo estando diante de tantas diversidades, continuei atendendo todos os compromissos, realizando as leituras, porém em alguns momentos não foram possíveis e acompanhava as aulas como ouvinte. Mas posso dizer que, aos poucos, minha identidade foi se transformando, resignificando-se. Sentia que me tornava outra pessoa, outra mulher e, assim, seguindo o caminho como pesquisadora. Com esse momento perturbador, as incertezas que estava vivendo, penso que são caminhos para mudanças, transformações que estavam me conduzindo às desconstruções e resignificações da minha identidade e, com isso, afirmando ainda mais a minha diferença. Em outras palavras, me amparo nos escritos de Hall (2006, p. 9), autor que diz: “[...] estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito”.

Entendo que todo esse contexto vivenciado, assumindo diferentes identidades (pesquisadora, filha, mãe, avó), me auxiliou a refletir e a explorar a situação nublada e escura

que estava passando. Após essas agitações, finalmente consegui concluir todos os trabalhos solicitados durante as aulas e com isso entraria de férias das atividades do mestrado, mas continuaria com as leituras para dar início aos escritos da pesquisa. Após as orientações necessárias, coloquei-me a planejar os passos que seguiria nesse período de férias, diante de todas as funções que eu estava exercendo.

Ao final de 2020, enfrentei mais um desafio, agora com a saúde de meu pai, que a princípio foi diagnosticado com pneumonia. Foram vários dias de ida e vinda ao médico. Internação, exames e continuava cada vez mais debilitado. Devido a esse quadro teve que ser entubado, falecendo posteriormente.

Foi uma situação muito difícil, pois como estava com suspeita de Covid-19, não teve o direito de ser velado, saiu do hospital direto para a sepultura. Essa é uma viagem que todos faremos sem dia e ora marcada. Seizer da Silva (2016, p. 34) destaca que

Quando alguém parte para a grande viagem, durante um ano, não se estrutura nada daquilo que o falecido colaborou; uma forma de preservar a memória e a colaboração do outro, pois para mim existia uma incoerência, alguém parte e não houve despedida do corpo.

Recordo que aquele momento vivido não é registrado em palavras. O sentimento de impotência e dor não cabe nas escritas dessa dissertação. Porém, depois da morte do meu pai, todos que moravam em minha casa foram afetados pelo vírus, inclusive o meu neto, o bebê.

Mais uma vez passando por aprovações me levando a não continuar com a pesquisa, pois minhas forças estavam totalmente abaladas. A cada gesto e movimento do meu neto foi me fortalecendo e me incentivando a não desistir dos meus ideais, pois houve momento em que pensei em desistir, mas pensava nos meus netos e nos meus pais. Não podia me intimidar diante das situações que estava vivenciando.

Então comecei a refletir e buscar como exemplo o bebê, que, procurando conhecer o mundo em que estava chegando, meus pais que se sempre me apoiavam e só observavam meus movimentos para não incomodar, meu neto lutando pela vida e minha filha buscando ser a mais forte que pudesse ser para vencer essa luta de três anos. Eu não tinha o direito de parar no meio do caminho, teria que continuar com a minha pesquisa. Não podia perder essa oportunidade.

Assim, em 2021 iniciei uma nova jornada e levando comigo todas as experiências como um processo de aprendizagem e reaprendizagem; e para recuperar os momentos que ficaram para trás é preciso ler, refletir, contextualizar e aprender. Com essa reflexão, tenho buscado nas pesquisas e leituras a motivação para escrever.

### 1.3 Os conceitos teóricos que ajudaram nesse movimento

Dentro das “cenas” da pesquisa que foram constituindo essa dissertação, apresento alguns eixos de discussão que aparecem atravessados no trabalho, sempre em busca dos elementos para compreensão da proposta. Tomando como ideia os elementos que contribuíram para a produção das identidades e diferenças dos estudantes que participaram do grupo de dança “Irmãos Alvarenga”, conheceremos os teóricos que ajudaram nesse movimento. Os autores apresentados abaixo correspondem a um respectivo campo teórico dos estudos culturais, porém é importante registrar que o trabalho não se limita somente ao diálogo com esses autores. Ele busca uma conversa e uma sintonia com outros pesquisadores e estudiosos que vão se fazendo presentes no decorrer da pesquisa.

Apenas como registro e amparado nos escritos de Silva (2011, p. 131), em *Documentos de identidade*, “o campo de teorização e investigação conhecido como Estudos Culturais tem sua origem na fundação, em 1964, do Centro de Estudos Culturais Contemporâneo, na Universidade de Birmingham, Inglaterra”.

Em um primeiro momento, trato da questão da diferença e identidade com base nos estudos de Hall (2000), Silva (2000), Bhabha (1998); em seguida, procuro destacar o conceito de cultura. Para entender o conceito de diferença e identidade, busco inspiração em Silva (2000), para melhor entender essa proposta. Para o autor, “a identidade é, simplesmente, aquilo que é [...] e a diferença é aquilo que não é” (SILVA, 2000, p. 74). Nesse contexto, uma pessoa pode afirmar: “Sou paraguaia”, “sou negra”, “sou mulher”, ao passo que outro é “homem”, “italiano”, “branco”, aparecendo à diferença que recai na cor e no gênero.

A identidade de ambos é determinada pela diferença de gênero e cor, e assim revelam a diferença. Sobre esse assunto, Woodward (2000, p. 39) explica que “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença”. Nessa mesma linha de pensamento, Silva (2000, p. 74) destaca que “da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como auto referenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe”.

Ainda nessa discussão os estudos de Veloso e Batista (2017, p. 62) mostram que “a identidade é produzida e reconhecida pela similaridade ou afinidade existente entre pessoas, grupos locais e regionais, ou de mesma nacionalidade ou, ainda, entre povos de um mesmo continente, entre outros”. Nesse sentido, posso compreender que falar de identidade e diferença é uma temática que vinha me chamando a atenção por eu pertencer a três etnias de descendência, pois ficava sempre na dúvida de como iria me proceder diante de tal situação. Percebia que

estava ocorrendo uma crise de identidade (SILVA, 2000). Em outras palavras, Vieira (2015, p. 63) comenta que “[...] a construção da identidade não se dá de maneira harmoniosa, suave e equilibrada; ao contrário, é fabricada em meio às tensões e aos conflitos que emergem do processo de representação, das relações de poder, inclusão e exclusão”.

Vale salientar que essa crise mencionada anteriormente por várias vezes enfrentadas quando criança, principalmente no momento que me chamavam de “paraguaia” eu não me sentia confortável. Porém, diante das leituras percebi que não era o fato de pertencer a essa etnia, mas a forma “pejorativa” com que era conduzido o tratamento, assim, como se referiam à cor da minha pele.

Sobre esse assunto em discussão, encontrei conforto nas palavras de Backes (2005, p. 1), que explica que “os sujeitos não são centrados, as identidades e as diferenças não são naturais, nem essenciais, são produzidas social e culturalmente, atravessadas pelas relações de poder, isto é, as identidades e as diferenças são negociadas”.

Já na fase adulta no local de trabalho, meus colegas me chamavam de “bugra”, por ter os cabelos negros e compridos, mas naquela época não me importava, pois percebia que o tratamento era de forma carinhosa. Porém, quando criança ouvia algumas pessoas comentarem que o “bugre” era preguiçoso e traiçoeiro. Vieira (2015, p. 30-31) escreve que

[...] o índio bugre também é um produto das marcas da cultura hegemônica e das relações assimétricas de poder impostas pela colonialidade, por meio de manifestações negativas e relações desiguais, onde é apresentado como sendo o transtorno, o baderneiro, a sujeira, o estranho e o impuro da cidade.

Revisitando o meu passado, recordei-me dos homens e mulheres da aldeia do Limão Verde em Aquidauana, que comercializam mandioca, milho, pequi, manga, banana, coisas oferecidas nas residências, mesmo tendo um local na feira livre para expor seus produtos, mas mantêm a tradição de visitar as casas de suas freguesias. Assim, entendo que as populações indígenas que vivem tanto na aldeia como na cidade estão sempre desempenhando suas atividades no trabalho para ajudar financeiramente suas famílias.

Com essas reflexões, percebemos que as identidades têm muito a ver com os interesses que estão em jogo. O que incomoda uma identidade não é necessariamente como ocorre a perturbação, mas o jogo de negociação que as identidades constroem, borrando as fronteiras (BACKES, 2005). Seguindo esse mesmo pensamento, o autor destaca: “É nesse jogo de negociação que as identidades se constroem, borrando as fronteiras” (BACKES, 2005, p. 9).



Conforme avançava nas leituras sobre o assunto, percebia que a discussão referente ao conceito de identidade e diferença é bem ampla. Enfim, os autores que utilizei Woodward (2000), Hall (2000) e Silva (2000), ambos amparados na perspectiva dos estudos culturais, buscam, de diferentes formas, delinear essa questão.

Woodward (2000, p. 7) afirma que “essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”. A autora destaca que a identidade é relacional, sendo assim, a identidade é marcada pela diferença, envolve a negação e conseqüentemente é sustentada pela exclusão. Nesse mesmo contexto, Silva (2000) enfatiza que a identidade e a diferença vêm de um processo de produção simbólica, discursiva, e tem relação social. Afinal, a identidade e a diferença são inseparáveis, quanto à linguagem da qual dependem. “A identidade e a diferença não podem deixar de ser marcadas, também, pela indeterminação e pela instabilidade” (SILVA, 2000, p. 80).

Hall (2000) se dedica à discussão da formação da identidade e da subjetividade. Para ele, a identidade é formada com o convívio entre o eu e a sociedade (HALL, 2000; BACKES, 2005; VIEIRA, 2015). Em consonância com os outros autores, Hall (2000, p. 110) escreve que “as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela”.

Outro conceito presente no trabalho de dissertação é cultura. Assim como no anterior, conforme avançava na leitura para melhor compreender a questão, observava que definir o que é cultura não é tarefa simples. A cultura é discutida como interesse que define e influencia a maneira e o estilo de ser das pessoas. De acordo com os estudos de Backes (2006, p. 431), entendo que a cultura “diz quem nós somos, o que não devemos ser o que devemos nos tornar como devemos nos comportar, que lugares sociais podemos ocupar”. O conceito de cultura é compreendido em diferentes áreas do conhecimento como: sociologia, antropologia, história, comunicação, entre outras.

Ainda, em discussão sobre o assunto e dialogando com o pensamento de Backes (2006, p. 431), observo que a “a cultura atravessa tudo. Isto significa dizer que todos os seres humanos são produtores de cultura e ao mesmo tempo um produto da cultura”. Esses escritos me levam a pensar nos jovens estudantes que dançaram no grupo de dança “Irmãs Alvarenga”. Recordo que em cada coreografia realizada, cada dança apresentada, estávamos diante de uma cultura. Hoje, vivendo esse momento, ainda que de maneira saudosa, por meio da escrita, compreendo o quanto é fundamental para esses estudantes conhecerem fragmentos da cultura em discussão. No diálogo com os estudos de Vieira (2015), entendo o quanto foi importante a convivência desses estudantes, entre variadas culturas, ainda que por meio da dança. Os movimentos e os passos realizados que surgiram por meio de pesquisas, proporcionaram experiências e possibilidade de

transitar, dialogar e conhecer diferentes identidades. Utilizando de outras palavras e inspirada em Woodward (2000, p. 18-19), essa questão pode ser explicada a partir do momento em que a autora escreve que “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade [...]”.

No trabalho de dissertação realizado por José Bonifácio Alves Silva, em 2013, o pesquisador nos ensina que produzimos e criamos códigos de significados e os decodificamos. Nesse mesmo contexto, “Através dos sentidos e significados hierarquizados procuramos regular nossas condutas, as nossas identidades e as dos outros” (SILVA, 2013, p. 25). Com essas reflexões, percebemos que em determinado grupo eles não são homogêneos, cada indivíduo possui e produz diversas identidades sociais, em diferentes contextos. Estamos diante de uma diversidade de culturas e identidades, com isso “um indivíduo não pertence somente a uma única cultura, mas em várias culturas diferentes” (TULIO, 2009, p. 36). Sobre o assunto, diversidade cultural, Bhabha (1998, p. 63) explica que a “diversidade cultural é um objeto epistemológico – a cultura como objeto do conhecimento empírico – [...] o reconhecimento de conteúdos e costumes culturais pré-dados, mantida em um enquadramento temporal relativista [...]”.

De acordo com os escritos de Vieira (2015, p. 63), “a cultura é como forma de vida, pois atravessa tudo e torna-se responsável pela produção de significados da vida social”. No diálogo com Bhabha (1998, p. 245),

[...] a cultura pode ser entendida como uma prática desconfortável, perturbadora, de sobrevivência e suplementaridade – entre a arte e a política, o passado e o presente, o público e o privado – na mesma medida em que seu ser resplandecente é um momento de prazer, esclarecimento e libertação.

Ainda buscando compreender o conceito de cultura, Hall (1997, p. 22) reconhece que

[...] a cultura está presente nas vozes e imagens incorpóreas que nos interpelam das telas, nos postos de gasolina. Ela é um elemento-chave no modo como o meio ambiente doméstico é atrelado, pelo consumo, às tendências e modas mundiais.

Procurei até esse momento no texto, mais precisamente nessa seção, apresentar uma discussão sobre os conceitos de identidade, diferença e cultura. Após conhecer um pouco melhor sobre esses dois assuntos que irão caminhar comigo durante a escrita do trabalho, feze-me compreender a necessidade do posicionamento do conceito de interculturalidade. Penso ser relevante, tendo em vista, que a pesquisa está trabalhando a partir de um Grupo de Dança que

realiza diálogos com diferentes culturas, possui inúmeras identidades e transitou por contextos ímpares: vários lugares do Brasil.

Através das leituras realizadas no decorrer da pesquisa e nas aulas de mestrado, entendo que a interculturalidade está relacionada a duas ou mais culturas, onde os conhecimentos são repassados de geração em geração. Pode-se dizer ainda que é uma interface, um intercâmbio entre povos de diferentes culturas. O Brasil, por exemplo, é um país com muitas variações culturais, identidades, povos e sotaques. Direcionando o olhar para o estado de Mato Grosso do Sul, campo empírico da pesquisa, deparáramos com uma multiplicidade de culturas e identidades que estão presentes em todo território, transitam por diferentes espaços e continuam firmes na luta por seus direitos (NASCIMENTO; VIEIRA; XAVIER, 2012). Para melhor compreender essas questões, amparo-me em Marín (2009, p. 128), que escreve:

Assumir a interculturalidade como perspectiva possibilita-nos o reconhecimento e a valorização de outros sistemas culturais, para além de toda a hierarquização, em um contexto de complementaridade que possibilita a construção de um diálogo.

Na concepção de Candau e Russo (2010, p. 166), “a interculturalidade é então concebida como uma estratégia ética, política e epistêmica. Nesta perspectiva, os processos educativos são fundamentais”. Sobre esse assunto, Astrain (2021, p. 66) menciona:

A interculturalidade é uma nova e cada vez mais nítida tomada de consciência a respeito de que todas as culturas estão em um processo de gestação de seus próprios universos de sentido e, ainda, sem a possibilidade teórica de subsumir completamente o outro no meu sistema de interpretação.

Cabe destacar que a escola é a instituição social que processa a produção e reprodução da cultura, assim como a circulação das diferentes identidades/diferenças. Assim é importante pensar em um currículo intercultural com procedimentos e atitudes que fortaleçam o protagonismo estudantil no contexto escolar, quem sabe essa ação/prática pode ser viabilizada pela dança.

#### **1.4 Os movimentos que se fizeram presentes para ajustar os passos: os objetivos e os procedimentos metodológicos**

Nesta seção apresento o caminho metodológico da pesquisa percorrido para a construção dessa dissertação. Trago o olhar, por meio de narrativas, das professoras e

estudantes/dançarinos que atuaram no grupo de dança “Irmãs Alvarenga”, bem como os meus relatos e minha trajetória de vida até a chegada à educação.

Esse movimento, que foi se constituindo e definindo os passos mais seguros para o desenvolvimento da pesquisa, iniciou-se com os primeiros estudos sobre o assunto para a produção do projeto e seguiu com a composição dos objetivos (geral e os específicos) já mencionada na introdução do trabalho.

A pesquisa intitulada “História de vida da professora no Grupo de Dança ‘Irmãs Alvarenga’” e a concepção dos estudantes e professores sobre os elementos culturais que contribuíram para a produção das identidades e diferenças durante a participação no grupo. Diante de vários caminhos para desenvolver a pesquisa, busquei ser coerente com as inspirações teóricas que escolhi para serem companheiras nesse trajeto que considero fundamental para descrever a temática proposta e entender a relevância, enquanto pesquisadora.

Com essa perspectiva, apresento os caminhos percorridos para estabelecer a metodologia de pesquisa. É fundamental destacar que os objetivos estão relacionados com o método da investigação, bem como com seu referencial teórico. Os procedimentos metodológicos foram produzidos e inspirados no pensamento de Meyer e Paraíso (2012), Silva (2007), Ramos (2021), entre outros, que foram importantes para a construção deste subitem.

Todos os caminhos percorridos durante o processo da pesquisa exigem leituras diárias, concentração, esforço e dedicação, conforme mencionado em linhas acima. A questão metodológica tem causado inquietação a todo o momento, provocando ansiedade e preocupação. Para entender esse processo, busquei apoio nos escritos de Meyer e Paraíso (2012). Neles, compreendi que a metodologia é um processo que

[...] trata-se de caminhos a percorrer, de percursos a trilhar, de trajetos a realizar, de forma que sempre têm por base um conteúdo, uma perspectiva ou uma teoria. Pode se referir a formas mais ou menos rígidas de proceder ao realizar uma pesquisa, mas sempre se refere a um como fazer. (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 15)

Com tantas incertezas e desafios ao conduzir essa pesquisa, deparei-me com inúmeros desencontros nessa caminhada, pois foram marcadas por decisões que direcionaram os percursos metodológicos. Os escritos de Meyer e Paraíso (2012, p. 16) apontam que a metodologia torna-se importante, visto que é um “modo de perguntar, de questionar e de construir problemas de pesquisas articulado a um conjunto de procedimentos e coleta de informações”.

A pesquisa de caráter qualitativo traça os caminhos metodológicos percorridos para construção desta dissertação com a participação dos entrevistados compartilhando suas experiências com o grupo de dança a ser pesquisado.

Nos escritos de Silva (2007, p. 33), “as falas, os gestos e as ações das pessoas são conexões com contexto onde se manifestam”. Nesse mesmo pensamento de estudo há uma característica que é a preocupação com o processo investigativo, é considerado relevante quanto à pesquisa. Segundo os estudos de Ramos (2021, p. 19), “o pesquisador precisa estar comprometido e atento no momento da coleta dos dados. Há uma gama de instrumentos metodológicos disponíveis, mas, talvez o maior seja a sensibilidade do pesquisador”.

Antes de relatar a metodologia desenvolvida/produzida na pesquisa, é importante ressaltar os primeiros procedimentos para buscar os meus sujeitos da entrevista. Assim que foi confirmada a minha entrada no PPGE, desloquei-me para o município de Aquidauana, no início de março de 2020, antes da proliferação da pandemia. Sendo assim, fui à busca das pessoas que pudessem me auxiliar na construção da pesquisa.

Os entrevistados selecionados são de Aquidauana, local onde o grupo de dança “Irmãs Alvarenga” realizou sua atuação com as danças de quadrilhas e as danças paraguaias. É importante registrar que alguns dos integrantes sabiam do meu interesse em realizar essa pesquisa, pois em momentos oportunos sempre comentava estar em busca do mestrado. Sobre esse assunto, recordo-me que, no momento do grupo de discussão, um dos procedimentos realizados para a produção dos dados, Valter da Silva, um dos estudantes-dançarinos, mencionou o quanto era “importante poder participar desse momento para ficar registrado em uma pesquisa” (Valter Souza da Silva, entrevista realizada em 5 de maio de 2021).

Diante dessa primeira manifestação de incentivo e apoio para realizar a pesquisa, com a parceria de alguns de estudantes-dançarinos, observei que, além da pertinência da proposta de trabalho, estava no caminho certo. Assim, percebi que seria possível registrar os percursos realizados pelos participantes do grupo de dança “Irmãs Alvarenga”. Este grupo surgiu da iniciativa dos meus alunos(as) da Escola Estadual Professora Marly Russo Rodrigues, com intuito de homenagearem a mim e minhas irmãs, falecida repentinamente deixando uma tristeza muito grande em minha família e também para as pessoas que as conhecia, assim como os estudantes mencionados.

Para escrever a trajetória do meu trabalho, realizei como procedimento de pesquisa, o grupo de discussão, as entrevistas semiestruturadas com as professoras e os estudantes-dançarinos envolvidos na pesquisa. Para compreender determinadas questões e conceitos,

busquei apoio nos autores como Andrade (2008), Godoi (2015), Meirnez (2011) e Fernandes (2014).

Um grupo de discussão é um instrumento de investigação utilizado em diversas disciplinas, como a antropologia, comunicação, saúde, educação, entre outros (GODOI, 2015). Nessa mesma linha de pensamento, o grupo de discussão é uma “prática de uma escuta atenta, sensível e reconhecadora da relação estabelecida entre investigador e investigado, exige uma abertura por parte do pesquisador [...]” (MEINERZ, 2011, p. 487). Utilizando outro escrito, como já mencionado anteriormente o grupo de discussão teve seu início com os estudos sociológicos voltados para a opinião pública. Ou seja, é um método de investigação que conta com a participação do entrevistado. Em outras palavras, o grupo de discussão “consiste em uma organização de pessoas selecionadas e convidadas a participar de uma discussão que gira em torno de um tema ou de temas escolhidos previamente pelo pesquisador” (FERNANDES, 2014, p. 198).

Esta situação somente reforça que no grupo de discussão o coletivo fornece a possibilidade de construir sentidos sobre a atividade e ao mesmo tempo se constrói como sujeitos a narrativa. Nesse sentido, o foco da entrevista assimila como narrativa de si, “é a compreensão de que cada pesquisador/a, na relação com o/a outro/a, ressignifica o fazer metodológico em sua trajetória pessoal de investigação” (ANDRADE, 2012, p. 174).

Partindo da ideia de que as entrevistas estão ligadas à história de vida e às memórias dos sujeitos que narra e sendo elas um suporte para minha pesquisa, faz-se necessário realizar uma reflexão da abordagem metodológica, uma investigação que priorize a informação do entrevistado exige uma aproximação do pesquisador com os pesquisados para que se estabeleça uma relação de confiança.

Antes de iniciar o caminho da investigação, considero importante explicar questões que surgiram no decorrer da pesquisa: deparei-me com inúmeras dificuldades, que vêm de encontro com o campo empírico. Quando iniciei esta dissertação, não estava prevista a tão temida pandemia. Ela acontece no ano em que estava previsto o encontro com as professoras e os estudantes-dançarinos.

Lembrando que o objetivo dessa dissertação é relatar a história do grupo de dança “Irmãs Alvarenga” e verificar as contribuições culturais que auxiliaram na produção da identidade/diferença. Retorno ao objetivo, justificado no início do trabalho, para explicar o que ocorreu no contexto pandêmico inesperado.

Logo que a Covid-19 se espalhou no primeiro semestre de 2020, as dinâmicas dos contatos com os sujeitos aconteceram de forma diferente do que havia me proposto a realizar.

Isso significou que durante o período pandêmico causado pelo novo coronavírus, alterou-se a forma de nos relacionarmos, tendo que efetuar o distanciamento, sem ao menos nos tocar fisicamente. Essas eram as medidas mais eficazes, assim como o uso de máscaras e a biossegurança para conter a circulação da doença que a cada momento vinha se expandindo em vários lugares do mundo, inclusive no Brasil. Diante desses acontecimentos que marcaram o Brasil e o mundo, meus contatos passaram a ser via telefone e aplicativos de mensagens.

Para a realização da entrevista, foram selecionados estudantes-dançarinos que fizeram parte do grupo de dança “Irmãs Alvarenga” e as professoras que acompanharam o grupo durante sua atuação na cidade de Aquidauana e regiões. Veremos logo adiante como ocorreu essa seleção.

Selecionados os participantes da pesquisa, a partir de 30 de abril de 2021, enviei, via aplicativos de mensagens e registrei em *e-mail*, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para leitura e, posteriormente, a assinatura. Somente após esse procedimento é que foi possível realizar os grupos de discussão. Esses grupos foram organizados em dois momentos: o primeiro com os estudantes-dançarinos do grupo, em 5 de maio de 2021; o segundo momento com as professoras que ajudavam e auxiliam na organização do grupo, em 29 de maio de 2021. Com a assinatura de todos os envolvidos no grupo de discussão, ressalto que ele aconteceu de forma virtual, por meio da plataforma Google Meet, plataforma de videoconferências do Google, pertencente ao Workspace, que oferece planos gratuitos, com o objetivo de realizar reuniões com várias pessoas ao mesmo tempo e com a possibilidade de gravar a reunião. Com o devido consentimento, gravamos as entrevistas para a posterior transcrição.

É importante ressaltar também que o material físico e/ou digital produzido durante a entrevista será conservado garantindo o sigilo das informações pessoais, ficará armazenado apenas no computador pessoal da pesquisadora. Ressalto que os estudantes-dançarinos e as professoras não ficaram no anonimato, pois autorizaram os seus nomes em todo o texto, razão por que não se tornaram fictícios.

Afirmo que no início das entrevistas tivemos alguns contratemplos, descaminhos, conforme Bujes (2002). Em função do trabalho e da disponibilidade dos participantes, houve momentos de transferir as datas das entrevistas. Outro fator que preciso compartilhar é com relação à questão do uso da plataforma do Google Meet, meio utilizado para realizar as conversas, pois em se tratando da internet há momento que correram interferências como barulho no momento da fala, queda de conexão, cachorro latindo. Ao final, foi possível realizar os registros.

O local de pesquisa selecionado para se investigar a temática proposta foi o do grupo de dança “Irmãs Alvarenga”, a cidade de Aquidauana, na BR 262, a 130 km que se liga a Campo Grande.

Para a produção de dados, lancei mão de entrevistas semiestruturadas, que enfocam história de vida narrada pela pesquisadora, assim como a vivência dos estudantes-dançarinos do grupo de dança “Irmãs Alvarenga” e as narrativas das professoras.

Pesquisar a história de vida representa um ato desafiador e instigante. Investigar, analisar documentos e narrativas, registrar vivência e trajetórias faz parte de um conjunto de experiências construída ao longo da vida (SOARES, 2007). É o que busco com essa pesquisa estruturar as narrativas dos estudantes-dançarinos e das professoras e compreender os modos pelos quais suas identidades são produzidas. Soares (2007, p. 18) afirma que

Por meio do método das histórias de vida, é possível redescobrir os caminhos percorridos, assim como os cenários e os fatos vivenciados por uma determinada pessoa, em uma época distinta, encaminhando-nos a uma reflexão sobre a nossa própria atuação, quer pessoal, quer profissional.

Enquanto pesquisadora, entende que a história de vida é pequenos pedaços de diários de narrativas da trajetória do campo empírico, dizem de um registro pleno de significações (OLIVEIRA; MIORANDO, 2020).

Nessa mesma linha de pensamento, Oliveira e Miorando (2020, p. 347) comentam que a história de vida é “às vezes, pedacinhos, que dela parecem escondidas no corriqueiro, como se pudéssemos transformar em hábito a vida [...]”. Sendo assim, apresento uma escrita que

Mas quando falamos sobre cada episódio, esses pedacinhos parecem coloridos de novo, prontos para serem reconhecidos em palavras e ressignificados como quando olhamos através de um espelho e as imagens contam sonhos em perspectiva – do passado, do presente e como ainda pretendemos viver, irrequietos. (OLIVEIRA; MIORANDO, 2020, p. 347)

Ainda na produção de dados, valho-me de documentos do grupo, registros fotográficos, celular como gravador de voz entre outros. Uma vez que este tipo de instrumento metodológico nos permite fazer, nas palavras de Duarte (2004, p. 214), “podemos fazer observações de campo” e, com isso, tomar nossos registros como fonte.

Podemos recorrer a documentos (escritos, registrados em áudio ou vídeo, pictóricos etc.); podemos fazer fotografias ou videograções de situações significativas; podemos trabalhar com checklists, grupos focais, questionários, entre outras possibilidades. (DUARTE, 2004, p. 214)



A pesquisa foi desenvolvida com estudantes e professoras na faixa etária de 36 a 65 anos, que atuaram no grupo de dança “Irmãs Alvarenga” do município de Aquidauana. Atualmente os quatro jovens são trabalhadores, a outra integrante é funcionária pública aposentada e as duas professoras são gestoras de escolas municipal e estadual.

Quadro 1 – Perfil das professoras e estudantes participantes da pesquisa

Nome	Idade	Formação profissional	Função no grupo	Função na escola/ano de participação
Coleta Gimenez	65	Funcionária pública aposentada	Dançarina e auxiliar de costura	Inspetora de aluno(a) 1999 a 2005
Estéfani Aparecida Mendes Gimenez	39	Técnica de radiológica	Dançarina e puxador do grupo de dança	Estudante 1999 a 2015
Maurício dos Santos Oliveira	44	Professor de dança e coreógrafo	Dançarino e auxiliar de coreografia	Estudante 1999 a 2015
Myrceia Gimenes Cozer	40	Cuidadora	Dançarina e auxiliar dos adereços	Estudante 1999 a 2015
Nilda Fatima Moraes	54	Professora	Simpatizante do grupo	Professora 1999 a 2015
Synara Azambuja	54	Pedagoga	Simpatizante do grupo	Coordenadora pedagógica 1999 a 2015
Valter Souza da Silva	36	Professor e assistente social	Dançarino e auxiliar de coreografia	Estudante 2000 a 2013

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Por meio do grupo de discussão via plataforma Google Meet, foi possível ouvir e dialogar com os entrevistados. Outros procedimentos realizados foram o processo de transcrição do grupo de discussão, a pesquisa bibliográfica e a entrevista semiestruturada. Isso se fez possível, porque uma vez que este tipo de instrumento metodológico definido por Duarte (2004, p. 215) nos “permitam descrever e compreender”, trazendo os indivíduos a perceberem a relação que se estabelecem no interior do grupo expandindo informações consistentes. Para Duarte (2004, p. 215),

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados.

Por meio da entrevista, podemos escutá-las e conhecer mais sobre as interpretações, possibilitando o diálogo. É com esse pensamento que busco entender nas narrativas dos estudantes e professoras para a produção das identidades. Segundo Alves (2018, p. 81), “Partindo da ideia de que as experiências estão ligadas à história e à memória do sujeito que narra”. Ainda nesse pensamento, Spinola e Santos (2003, p. 121) afirmam que “uma narrativa tem uma função descritiva e avaliadora, pois, quando relatamos um fato, na verdade, estamos tendo oportunidade de refletir sobre aquele momento”. Nesse viés, entendo que as narrativas são formas orais e escritas de contar uma história. Marques e Satrino (2017) fazem uma pequena reflexão e comentam:

A partir de narrativas, tem-se a possibilidade de (re)elaborar questões internas e fortalecer a autoria e a autonomia. A narração não é a descrição fiel do fato, mas como ele foi construído mentalmente pelo narrador. No narrado podemos conhecer mais acerca da subjetividade do narrador do que a “verdade” em si do narrado. (MARQUES; SATRINO, 2017, p. 372)

Sobre essa forma de realizar pesquisa, Alves (2018, p. 82) escreve que “[...] têm auxiliado na compreensão de narrativas como forma dos sujeitos falarem de si, suas histórias, suas culturas, suas marcas, por meio das memórias pessoais e/ou coletivas”. Com essas reflexões, veremos quem são os entrevistados e, na sequência, os critérios utilizados para a seleção.

Para compor o grupo de entrevistados, foram selecionados cinco integrantes e as duas professoras que atuaram e acompanharam as atividades do grupo de dança “Irmãs Alvarenga”. A escolha obedeceu aos seguintes critérios:

- a) Estudante e integrante que participou da fundação do grupo.
- b) Dançarino quem permaneceu mais tempo no grupo de danças.
- c) Integrante que dançou quadrilha e as danças paraguaias.
- d) Professor(a) que acompanhou a trajetória do grupo de dança.

Esses critérios estão de acordo com os objetivos e vêm ao encontro da realidade esperada para o desenvolvimento da pesquisa.

Realizaram-se duas entrevistas, consideradas como aproximação ao objetivo da pesquisadora e o método adotado. Desta, a primeira teve 60 minutos de duração; a segunda, em torno de 40 minutos. É importante ressaltar que durante as entrevistas todos se mostravam nervosos, mas foi por pouco tempo, logo estavam descontraídos, falantes e alegres em estarem fazendo parte dos registros da história do grupo de dança “Irmãs Alvarenga”. Houve um momento de emoção ao recordar alguns fatos ocorridos como as primeiras vitórias do grupo

nas participações de concurso e também a perda de uma das integrantes. Lamentaram de não ter mais participantes, mas como numa pesquisa é necessário limitar os números de entrevistados, por isso não foi possível convidar outros participantes que fizeram parte do grupo de dança.

Para compreender as contribuições que o grupo de dança “Irmãs Alvarenga” proporcionou e ajudaram na formação da identidade, a esse respeito é importante compartilhar algumas falas que vejo ser relevante e vêm ao encontro da proposta da minha pesquisa, haja vista que as professoras e estudantes narram suas experiências com o grupo de dança “Irmãs Alvarenga”, elaborando falas como:

*“Nessa entrevista não darei conta de elencar tudo, mas o que me marcou, foi às contribuições que o grupo deu, porque obrigatoriamente a gente desenvolvia o senso de disciplina. Imagina um monte de molecada e você conseguia manter a disciplina. Um monte de molecada e isso aconteciam... Então impunha, imagina você tá dançando para ser algo divertido, mas implicitamente você tá trabalhando o senso de liderança, é trabalho em grupo, disciplina, sabe assim, e evolução... Eu consegui romper com a timidez... E olha só! Para um menino que chegou lá com 15 e 16 anos, não entendendo nada, e quase ao final eu já dominava aquele ritmo, dominava o conhecimento, sabia qual ponto, o que você tinha que fazer qual gesto, então o amadurecimento.” (Valter Souza da Silva, entrevista realizada em 5 maio de 2021)*

Diante das narrativas dos estudantes e das professoras, fica evidente a vivência e as experiências que a cada história constituem-se os diferentes momentos e são capazes de construir identidades. Sendo assim, percebi que diante do papel que assumimos as identidades são fabricadas, inventadas e construídas. Essa reflexão vem ao encontro dos pensamentos de (HALL, 2006, p. 13), segundo os quais “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente”. Seguindo esse mesmo pensamento, a identidade “é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2006, p. 38).

Assim, a relação com o campo empírico foi construída de forma dinâmica, respeitando e valorizando o outro em suas diferenças, levando em conta o atravessamento da história de vida no campo empírico com a expectativa de promover, no ambiente acadêmico e escolar, um espaço dialógico para cultura, com ênfase para os diferentes tipos de danças.

## **CAPÍTULO 2 – O MOVIMENTO INICIOU: APRESENTANDO O GRUPO DE DANÇA “IRMÃS ALVARENGA” NO MUNICÍPIO DE AQUIDAUANA-MS**

Este capítulo apresenta a seleção e a construção da formação do grupo de dança “Irmãs Alvarenga” e os tipos de danças apresentados por este grupo. Para isso, traz uma breve constituição do cenário histórico da trajetória das danças apresentadas pelo grupo, sua importância e significados na sociedade.

O grupo de dança “Irmãs Alvarenga” deu início às atividades a partir da formação de um grupo de dança da Escola Estadual Professora Marly Russo Rodrigues sob a minha orientação, para uma apresentação nas festividades da festa junina promovido pela escola, onde manteve suas atividades por cerca de três anos. Com a perda das minhas irmãs gêmeas e pela ausência de apoio da direção colegiada, deixei de coordenar o grupo de dança da escola já mencionada.

Com objetivo de prestar homenagem às irmãs falecidas e também se solidarizar com a dor da professora, os estudantes se uniram para dar continuidade às danças. Mas, trazendo uma nova identidade para o grupo. Com isso, em votação escolheram o nome de Grupo de Dança “Irmãs Alvarenga”. Esta também foi uma forma de me incentivar a estar no grupo e continuar as atividades com as danças regionais.

### **2.1 Como tudo começou? O grupo de Dança Irmãs Alvarenga no município de Aquidauana-MS**

A formação do grupo de dança “Irmãs Alvarenga” surgiu a partir de trabalhos desenvolvidos na Escola Estadual Professora Marly Russo Rodrigues, em Aquidauana, no ano de 1994. A trajetória do grupo durou cerca de dezessete anos com apresentações e participações

em eventos culturais no município de Aquidauana, Anastácio e outras cidades de Mato Grosso do Sul. O encerramento das atividades ocorreu em 2015, assim que eu, responsável pelo grupo, solicitei transferência para outra unidade escolar de Campo Grande. A última apresentação do grupo de dança foi no concurso de quadrilha em uma festa junina<sup>5</sup>, promovida pela Prefeitura Municipal de Aquidauana, na Avenida Pantaneta, local onde eram realizados os eventos culturais.

Figura 4 – Última apresentação do grupo de dança na Avenida Pantaneta



Fonte: Acervo da autora (2015).

O grupo de dança “Irmãs Alvarenga” está relacionado com a minha história de vida, pessoal e profissional. Como uma das fundadoras, junto com meus alunos e a colaboração das minhas irmãs, não seria possível dissociar os escritos de formação do grupo de dança. Minha vivência e experiência foram me conduzindo a me apropriar de diferentes identidades que foram se constituindo no decorrer do tempo e dos lugares por onde circulei. Enquanto era professora, era dançarina e coordenadora do grupo. Segundo Silva (2000, p. 76), “a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais”. Por esse motivo, apresento muitas memórias desse período de construção e organização do grupo e entrelaçadas com as narrativas dos estudantes e professores que participaram do grupo de dança “Irmãs Alvarenga” forma essa parte da dissertação.

Retornando a formação do grupo de dança “Irmãs Alvarenga”, vale ressaltar outros motivos que permitiram a criação de um grupo de dança de quadrilha na escola. Como já mencionei acima, assumi aulas na Escola Estadual Professora Marly Russo Rodrigues. Nas primeiras semanas conheci meus alunos, agitados, falantes e de pouco interesse na professora e na disciplina de Ciências Biológicas.

Diante dessas primeiras aproximações e constatações, realizei um combinado com a turma, haja vista que estavam interessados em participar da festa da escola e precisavam de um professor(a) que tivesse disponibilidade para ficar responsável por eles na organização e ensaio da dança.

Com o combinado firmado, informei que iria ensaiá-los no contraturno das aulas para não prejudicar o conteúdo de Ciências e das demais disciplinas. Recordo que ainda reforcei com os estudantes, que além de ter o compromisso com a dança teria que ter mais empenho nas aulas. Desta forma foi estendido o convite para as outras turmas, pois eu ministrava aulas de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental. Enfim, organizamos os pares, onde ficaram somente aqueles que iriam dançar e teriam o compromisso não só de aprender, mas de se apresentarem no dia da festa. E nesse período vários alunos manifestaram o interesse em dançar somente para fugir das aulas e ficar observando todo o movimento da organização da festa. A vontade de estar fora sala de aula penso que vinha da curiosidade e a vontade de fazer parte da dança ou mesmo da organização, nos períodos de festa na escola os estudantes ficavam mais eufórico e participativos nas confecções das ornamentações da festa. Porém, tinha a questão de cumprir com as atividades pedagógicas e não era fácil despertar a atenção dos estudantes, pois estavam focados no movimento da festa.

Eventos culturais na escola sempre causavam essa euforia. Em razão disso, nasce o grupo de dança que se apresentava em todas as festas da escola e em outras instituições de ensino, levando o nome da Escola Estadual Marly Russo Rodrigues. E os integrantes eram formados por alunos e professores desse educandário. É importante ressaltar que a primeira apresentação dos alunos em outro educandário foi a Escola Municipal Erso Gomes a convite de uma professora que também trabalhava nas duas escolas mencionadas. O grupo de dança passou por algumas dificuldades, com a falta de apoio financeiro e também da direção direcionando a assumir uma nova identidade, com isso surgindo o grupo de dança “Irmãs Alvarenga”.

Durante os três anos em que permaneci à frente do grupo de dança não foi possível vivenciar uma boa acolhida, empenho e dedicação por parte da direção. Hoje, revivendo esses acontecimentos do passado, compreendo que para manter um grupo de dança é necessário que haja estímulos, incentivos e a colaboração de todos, para que cada vez mais possa haver um

crescimento e aprimoramento de determinadas capacidades. Somente assim é possível obter êxito nos trabalhos realizados. Diante desses acontecimentos, concluí minhas atividades como integrante e responsável pelo grupo e na esperança de que toda equipe escolar pudesse refletir sobre o valor da dança e da cultura dentro da escola.

Amparado em autores como Candau (2007) e outros, compreendo que a escola poderia realizar uma reflexão onde os conhecimentos não ficassem fundamentalmente promovidos pela lógica hegemônica dos conteúdos escolares. Entendo que nos mais diferentes espaços da escola, onde circulam diferentes estudantes e realizam variadas atividades existe uma produção significativa de conhecimentos e saberes.

Penso que naquele momento não conseguia realizar esses questionamentos, pois não realizava leituras que me possibilitavam esse olhar mais crítico de interação. Porém, observo que já estava em uma direção que me levava a promover tensões e ressignificações do que seria uma instituição escolar. Foi assim que em 1998 pedi remoção para outra escola, pois nesse período estava fazendo uma especialização e precisava ter o período vespertino livre para me dedicar à pesquisa e à escrita do meu trabalho.

Mesmo estando em outra escola não perdi o contato com meus ex-alunos. Convém salientar que quando o grupo da escola ficou sem um responsável os integrantes se reuniram com a ajuda de alguns professores e tiveram a iniciativa de buscar uma nova identidade para o grupo, foi quando em votação, no ano de 1999, escolheram um novo nome, passando a ser chamado de “Grupo de Dança Irmãs Alvarenga”.

Figura 5 – Primeira apresentação o Grupo no 9.º Batalhão de Engenharia



Fonte: Acervo da autora (1999).

Com a mudança de nome do grupo, foi possível perceber que sempre estavam entrando novos integrantes e, com isso, o grupo foi tomando uma nova proporção, pois iniciou a participação em outros eventos, inclusive de concursos de quadrilhas realizados por outras instituições. Diante dessas movimentações, ou seja, desafios realizados pelos membros, fez-se necessário haver novos figurinos para estar de acordo com os critérios julgados no decorrer das apresentações. Foi assim que participamos de momentos de apresentações nos eventos culturais promovidos em municípios sul-mato-grossenses como Aquidauana, Anastácio, Bodoquena, Corumbá, Dois Irmãos do Buriti, Miranda, Porto Murtinho, Campo Grande e os distritos de Aquidauana, Aldeia do Limão Verde, Distrito de Camisão e Piraputanga, além de Palmeiras, distrito de Dois Irmãos do Buriti.

No período de 1999 a 2000, o Grupo de Dança “Irmãos Alvarenga” iniciou sua caminhada, estreando no 9.º Batalhão de Engenharia (BE), participando do concurso de quadrilha. Na ocasião, o vencedor foi o grupo da União São João, que estava no auge de suas apresentações. Nos de concurso de quadrilha é necessário atender os critérios de avaliação como, evolução, harmonia e vestimentas, um dos critérios que levou o grupo ao segundo lugar. Em 1999, o grupo atendeu a três convites, uma apresentação de quadrilha na festa junina e outra apresentação na abertura da semana do curso de Biologia, organizada pelos acadêmicos do Centro Universitário de Aquidauana (CEUA) e também no 1.º Arraiá da Polícia Militar (PM), participando do concurso e barracas de doces.



Não tendo alternativa de desistir do grupo de dança, fui levar em frente todo carinho e dedicação desses jovens que reconheceram o meu trabalho e os das minhas irmãs com as danças. Foram elas que sempre contribuía na organização das vestimentas, na ajuda das meninas com os cabelos e os cuidados com as roupas a cada término de apresentação, no intuito de cada vez mais compartilhar o conhecimento e divulgar os trabalhos folclórico nas escolas e na cidade. É importante registrar que o grupo de dança não possuía fins lucrativos e sempre contava com o auxílio dos simpatizantes da cultura, ou seja, da premiação dos concursos que na maioria das vezes eram realizadas em dinheiro. Ainda sobre esse assunto, a professora Nilda Fátima ressalta que alguns estudantes gostavam e tinha um pertencimento tão amplo ao grupo, que vendiam rifa para as viagens do elenco.

*“Então essa questão do pertencimento que é algo que nem todos nós professores não conseguimos, você conseguiu. Eu dava aula na EJA e os alunos vendiam rifas, eles corriam atrás, mas por quê? Por que eles se viam, então ali a questão do pertencimento foi primordial, você conseguiu colocar neles, o se sentir cidadão, o se sentir, o sentir parte. A dança é no sentido da Integração Social e ali você conseguia colocar, não tinha gênero, não tinha cor, não tinha nada, o gostoso é que todos eram diferentes, né.”* (Professora Nilda Fátima Moraes, entrevista realizada em maio de 2021)

Sobre os sujeitos que denominamos de simpatizantes da cultura, vale ressaltar que a cultura está presente em todos os setores e pode influenciar a maneira e o estilo que as pessoas vivem e se comportam. Nesse sentido, Backes (2006, p. 430) afirma que “mudando as identidades, muda também a cultura, pois os sujeitos mudam a cultura e a cultura muda os sujeitos”.

Com as leituras realizadas, tenho refletido sobre o quanto o grupo de dança estava distante dos conhecimentos culturais, pois a cultura não é somente a dança, as vestimentas, as comidas típicas, isso era o que prevalecia no grupo como conhecimento, mas é muito mais amplo. Segundo Backes (2006, p. 431), “a cultura faz com que as pessoas fiquem indignadas diante das injustiças, diante das discriminações/racismos, diante da dor do outro e da outra. A cultura produz os movimentos negros de resistência”.

Durante a entrevista realizada com a professora Synara Azambuja, que também trabalhou na escola Estadual Professora Marilly Russo Rodrigues, fiquei tendo informação importante sobre a formação do grupo de dança “Irmãs Alvarenga”. O conhecimento que tinha sobre a formação se resumia na decisão que meus ex-alunos em dado momento haviam tomado. A participação em um concurso de quadrilha no dia 12 de junho de 1999, no 9.º Batalhão de Engenharia de Combate, na intenção de realizarem uma homenagem à família, principalmente

às minhas irmãs gêmeas Vania e Vera, que faleceram em 1998. A professora Synara, em maio de 2020, relata os primeiros movimentos para a formação do Grupo de Dança “Irmãs Alvarenga”:

*“O grupo de dança resultou do investimento de uma professora que investiu nas crianças da Escola Marly Russo que eram “marginalizadas”... Então através da dança, ela soube valorizar muito a questão regional, por que a festa junina não é nossa, com outro olhar, diferente do nordeste [...]. Então, talvez você não tenha percebido o trabalho emocional e cultural que realizou nesse bairro [...]. Quando suas irmãs faleceram você intensificou a sua dor em forma de dança, [...] O grupo de dança “Irmãs Alvarenga” deu um afago no coração de sua família, porque tinha perdido duas irmãs num prazo muito curto e ter isso como memória.” (Entrevista realizada com a professora Synara Azambuja, município de Aquidauana-MS, entrevista realizada em maio de 2021)*

De 2001 a 2002, o grupo de dança estendeu suas apresentações para outras regiões, conforme mencionado acima. A primeira viagem realizada pelo grupo foi para o município de Bodoquena-MS, em uma apresentação na Escola Estadual Joaquim Maria Bomfim. Tudo estava caminhando em perfeita harmonia, mas no dia 26 de abril de 2001, ocorreu uma tragédia: Cristiane, integrante do grupo, carinhosamente chamada de Cris, foi assassinada pelo namorado quando estava indo para escola, onde cursava o Ensino Médio. Devido ao ciúme do namorado, a jovem perdeu a vida com apenas 16 anos.

Figura 6 – 2.ª apresentação – Centro Universitário de Aquidauana



Fonte: Acervo da autora (1999).

Foi uma perda irreparável e muito triste para todos os integrantes do grupo, pois procurávamos transmitir a paz, a união e o respeito ao próximo. Nesse mesmo ano, estava prevista a nossa participação especial na abertura da Festa Junina na Avenida Pantaneta, em Aquidauana. Em virtude desse acontecimento, escrevi um pequeno texto para ser lido antes da apresentação, seguido de um minuto de silêncio:

*“O grupo de dança Irmãs Alvarenga tem como objetivo divulgar a cultura artística regional e promover o bom relacionamento entre os estudantes, composto de 20 pares; tem se apresentado em vários eventos levando alegria e brilhantismo nas festas da nossa cidade. Hoje carrega o coração de luto por ter perdido uma de suas estrelas, no dia 26 de abril de 2001, Cristiane, carinhosamente chamada por seus colegas de “Cris”. Mesmo estando com o coração partido o grupo vem trazer alegria em mais um evento, pois era com essa alegria que a companheira “Cris” viveu seus 16 anos de vida, sempre carinhosa, meiga e acima de tudo feliz, o que demonstrava a todo o momento ao som de uma música a dança. Cristiane é mais uma estrela que foi brilhar lá no céu, pois aqui na terra sempre brilhou no grupo de dança “Irmãs Alvarenga’.” (Vicenta Alvarenga, município de Aquidauana-MS, em 16 de junho de 2001)*

Em 2002, o grupo promoveu a primeira noite Paraguaia, apresentada no Palco do Centro Cultural Décio Correia de Oliveira, em Aquidauana. Nesse espaço, no passado funcionou o único cinema da cidade, atualmente foi transformado em uma loja. Nesse mesmo ano, o grupo participou do Festival das Américas, que aconteceu no município de Corumbá-MS. Como o grupo sempre procurou atender aos convites, naquela ocasião, parte do grupo fora para Corumbá, os demais integrantes fizeram apresentação na aldeia do Limão Verde, distrito de Aquidauana.

A primeira apresentação na aldeia do Limão Verde foi uma experiência positiva, pois os estudantes tiveram a oportunidade de estar em uma comunidade indígena, uma cultura diferente à da cidade e também sair da zona de conforto, e levar a perceber como o outro vive. Recordo que na ocasião houve muita insatisfação por parte dos integrantes, voltada à questão de terem que trafegar em estrada sem asfalto onde produzia muita poeira deixando-os “cinzentos”. Essa foi a única observação feita por parte dos estudantes-dançarinos. Elogiaram muito a receptividade dos indígenas e como foram valorizados como artistas. Ainda no mesmo ano, ocorreu uma apresentação na posse da nova diretoria da ARPA, onde o grupo foi homenageado recebendo uma placa do novo presidente. Outra apresentação foi na festa junina do II Arraia do Fogo, realizado pelo 7.º Subgrupamento de Bombeiros.

No embalo das apresentações, o grupo de dança “Irmãs Alvarenga” continuou atendendo os convites: associações de bairros, projetos desenvolvidos pelas escolas e Igreja,

principalmente nas festas em comemoração a São João, no município de Anastácio, além de Santo Antônio e São Pedro. Nessas festas são o momento em que as pessoas exercitam a sua fé e com muita alegria, realizam fogueira e banho ao santo no rio. Também, é o momento em que os devotos pagam suas promessas e renovam sua fé no santo.

Outro evento que o grupo de dança marcava presença era o dia da Consciência Negra, 20 de novembro, organizado pela professora Nilda, historiadora que nesse dia promovia a reflexão sobre essa data promovendo o evento na “Praça dos estudantes”, onde várias escolas participavam, assim como outros grupos de danças ou musical.

Por várias vezes, durante esse tempo de grupo ouvi dizer: “Recordar é viver”. Por isso, ao escrever esse trabalho de dissertação, estou revivendo as lembranças assistindo as gravações de vídeos das apresentações do grupo de dança. Recordando esses momentos, entendo que estou realizando uma forma de fazer história, pois permito ao meu leitor possibilidades de compreensão das “diferentes interpretações acerca da história vivida, constituindo-se em uma forma democrática do fazer histórico” (BORGES; BORGES, 2020, p. 90).

Ver as filmagens das pessoas que fizeram parte de todo esse processo possibilitou documentar o não documentado (BORGES; BORGES, 2020). Como sempre teve alguém destinado a fazer os registros de cada apresentação, hoje observo o quanto é fundamental, porém para aquela ocasião, servia de apoio para observar as falhas e diante disso aperfeiçoar as próximas apresentações, além de registrar os momentos vividos pelo grupo.

Nos registros do grupo, algo que me chamou a atenção foi ver meu pai envolvido em todas as apresentações, seja nas filmagens, seja fotografando com a nossa câmera de pouca qualidade, pois nem sempre as imagens ficavam nítidas. Lembro-me quando comprei a filmadora, tive que pagar em suaves prestações, mas valeu a pena! Como diz no verso do poema de Fernando Pessoa (1943, p. 60): “Tudo vale a pena, se a alma não é pequena”. Mesmo diante de muitas dificuldades, momentos tristes e perdas, sempre estavam otimistas para dias melhores. Estar à frente de um projeto exige dedicação, interesse e muito amor para compartilhar com seu próximo.

Ainda recordando alguns momentos, consigo visualizar o desempenho de cada apresentação dos jovens e adultos participantes do grupo. A preocupação deles era de sempre fazer o melhor. Havia uma dedicação em aprender as coreografias, a preocupação na evolução, onde cada um ajudava ao outro. Isso é importante, porque durante uma evolução se alguém perder o passo, toda a equipe se descontrola e coloca todos em situação de desespero.

Outro fato importante é o casal responsável em conduzir a quadrilha. Eles possuem um papel importante de chamar os dançarinos para animação, evolução e levar a confiança em

tudo que estão realizando. Em uma dança, é importante que todos estejam sintonizados para que toda coreografia seja um sucesso. Era prazeroso ver esses jovens e adultos em cena. Preocupavam-se em preservar o nome do grupo e manter sempre em evidência. Foram dezessete anos de dedicação e apresentações se destacando nas festividades que o grupo de dança “Irmãs Alvarenga” participava. Vale lembrar que passaram por diversos lugares, assim como, igrejas nos momentos de louvar os santos padroeiros das comunidades católicas. Com a responsabilidade de conduzir os passos e os movimentos do grupo de dança “Irmãs Alvarenga”, Estéfani Aparecida M. Gimenez revela o quanto foi importante para a formação de sua identidade.

*“O que marcou para mim... A importância de conduzir o grupo por muitas vezes, então eu tinha o compromisso de estudar os passos (coreografia), porque eu tinha que passar essa segurança para o grupo... Foi um aprendizado, isso aí eu vou levar também para o resto da minha vida... Ele trouxe a cultura, trouxe alegria, companheirismo, e amizade que nós temos até hoje.” (Estéfani Aparecida Mendes Gimenez, entrevista realizada em maio de 2021)*

Abaixo, segue o registro importante para o grupo de dança. Esse registro, além de apresentar a união, o companheirismo e outros elementos presentes, evidencia a primeira vitória em concursos de dança.

Figura 7 – 1.º Vitória do concurso de quadrilha – Avenida Pantaneta – Aquidauana-MS



Fonte: Acervo da autora (2003).

Em 2003, ocorreu um dos momentos mais esperados pelos integrantes do grupo: a primeira conquista no município de Aquidauana. Posso mencionar que após muita dedicação conseguimos vencer um concurso de quadrilha com êxito. Vencemos o grupo da União São João. Nossa! Que alegria! Os integrantes pulavam, gritavam e até choraram com a vitória. Não consigo descrever a emoção, também como sempre chorei, meus estudantes dançarinos mereciam essa vitória. Após tanto empenho e dedicação, não desmerecendo os demais participantes, a vitória iria fortalecer ainda mais o grupo:

*“O que marcou foi o ano que entrei se não me engano foi o título do grupo de Dança “Irmãs Alvarenga” esse foi um dia que marcou também para mim. A união do grupo sabe era uma galera muito boa, uma galera unida. As viagens também marcaram muito para mim eu tenho muitas, muitas lembranças boas sabe.”* (Maurício dos Santos Oliveira, entrevista realizada em maio de 2021)

Em 2005, aconteceram mais duas vitórias do grupo “Irmãs Alvarenga”, sendo nos municípios de Aquidauana e Anastácio. A conquista foi registrada no jornal O Pantaneiro, edição de 9 de julho de 2005, com a notícia: “V Arraiá do Pantanal: festa inesquecível”. A publicação descreve que “o concurso de quadrilhas foi vencido pelo grupo de Irmãs Alvarenga (Aquidauana), que conquistou 174 pontos do corpo de jurados e levou o prêmio em dinheiro de R\$ 1.500,00” (JORNAL O PANTANEIRO, 2005). A intenção de trazer esse momento é porque além de marcar os estudantes dançarinos do grupo, rendeu uma viagem para Porto Murtinho. Isso aconteceu porque o prefeito de Aquidauana, Felipe Orro, solicitou que fôssemos representar o município no evento promovido pela Prefeitura Municipal de Porto Murtinho, onde estariam participando grupos representantes do Brasil, Paraguai, entre outros. Os integrantes ficaram encantados, pois estariam diante de artistas do Paraguai, afinal de contas nos divulgávamos a cultura paraguaia, com certeza seria uma troca de conhecimento muito significativa.

Os eventos realizados pela prefeitura de Aquidauana foram tomando uma grande proporção, muitos grupos se formaram para participarem dos concursos de quadrilhas. Foi assim que passamos a competir com o grupo de dança Terena, da aldeia Ipegue, município de Aquidauana. O grupo formado pelos indígenas desta etnia era dedicado e participativo. Por algumas vezes eles foram campeões, deixando o nosso grupo em segundo e terceiro lugar.

Entre 2006 e 2013, o grupo de dança “Irmãs Alvarenga” continuou participando dos eventos promovidos pelos órgãos públicos, escolas, associações de bairros, assim como as viagens para Dois Irmãos do Buriti numa festa folclórica, em Campo Grande, na festa junina. Anualmente o grupo recebia convite para participar nos eventos que aconteciam na cidade ou

em outros municípios. É interessante ressaltar que nesses anos, em virtude de troca de governantes, os eventos culturais foram deixando de ser prioridade e com isso vai perdendo a representatividade, promovendo o distanciamento da comunidade nos eventos culturais que de certa forma promovia a descontração, entretenimento e lazer para população aquidauanense e anastaciana.

Figura 8 – Apresentação no 9.º Batalhão de Engenharia de Combate



Fonte: Acervo da autora (2000).

Entre 2014 e 2015, os eventos promovidos pelos órgãos públicos retornam, mais não com tanta intensidade como os anos anteriores. Os projetos realizados nem sempre eram voltados para a cultura. Sem fundo financeiro, muitos dos grupos de danças organizados pelas escolas e grupos de jovens das igrejas, entre outros, foram deixando de participar. As premiações conquistadas nos concursos eram destinadas a manter a confecção das vestimentas. Manter um grupo de dança não é tarefa fácil, exige muita dedicação, trabalho de equipe, além de um fator importante, que é a parte financeira para continuar com as atividades culturais e para isso é importante a participação dos órgãos públicos. Esses desafios vividos pelos grupos de dança do município de Aquidauana, entre eles o grupo “Irmãs Alvarenga”, podem ser observados nos escritos de Faro (1986). Por exemplo, este autor diz:

A nossa dança folclórica é, ao mesmo tempo, imensamente rica e pouco executada. Os livros especializados na matéria indicam-nos centenas de

danças, muitas das quais sobreviveram apenas em pequenas cidades e morrem um pouco a cada ano que se passa com a falta de renovação de seus intérpretes e o pouco interesse das autoridades competentes. Assim, um rico acervo cultural de nossa pátria vai se diluindo no tempo e deixará de existir caso não haja uma firme ação por parte das autoridades culturais do país. (FARO, 1986, p. 25)

Diante dessas questões mencionadas, o projeto de dança está estagnado, ou seja, sem possibilidade de prosseguir suas atividades. Porém, em 2018 dois ex-integrante do grupo e atualmente carnavalescos no município, não deixaram que a memória do grupo “Irmãs Alvarenga”, passasse despercebida. Através de um dançarino, em reunião com a diretoria da Escola de Samba Acadêmicos do Pantanal, prestaram homenagem ao grupo de dança “Irmãs Alvarenga”. E na ocasião alguns dos integrantes fizeram parte da comissão de frente e de outras alas da escola. Um sonho que foi realizado por esses jovens que trouxeram para a avenida um pouco da história do grupo através de seu enredo.

Esses registros evidenciam a formação e algumas das caminhadas do grupo. Porém é importante ressaltar que foram muitas idas e vindas em busca da cultura regional e paraguaia, mas o momento não permite registrar. Ainda no decorrer desse capítulo, convido o leitor a continuar dançando conosco e se aventurando ainda mais nesse contexto do Grupo de Dança “Irmãs Alvarenga”. A intenção dos próximos escritos é oportunizar conhecer aqueles que dançaram conosco no grupo.



## 2.2 Quem dançou e participou nesse grupo? Os estudantes, professores(as) e as demais profissionais: identidades

Figura 9 – 2ª Vitória Concurso de quadrilha em Anastácio-MS



Fonte: Acervo da autora (2005).

Começo essa seção realizando a apresentação dos integrantes que fizeram parte do grupo de dança “Irmãs Alvarenga” no período de 1999 a 2015. Parte dessas informações está presente nos registros do grupo, documentos pessoais de alguns dançarinos e autorizações dos pais dos estudantes fornecidas para as apresentações realizadas nos eventos públicos e nas viagens promovidas pelo grupo.

Formado por alunos, professores e funcionários da escola pública do bairro Nova Aquidauana, município de Aquidauana, o grupo “Irmãs Alvarenga” surgiu da vontade de enfrentar novos desafios em criar, aprender coreografias e com a intenção de colaborar com a produção do conhecimento dos estudantes da escola e, posteriormente, a interação deles com o meio em que vivem.

Não havia uma seleção específica, um biotipo determinado, uma habilidade física, nem uma execução coreográfica para participar como membro do grupo de dança. As únicas exigências que acabavam prevalecendo eram a vontade, o compromisso e a disponibilidade em participar do grupo. Diante dessas questões apresentadas, foi constituído um grupo heterogêneo, formado por jovens e adultos, na faixa de 12 a 40 anos. Alguns dos integrantes já tinham vivenciado informalmente a dança de quadrilha e outros estavam iniciando naquele

momento a experiência. A partir desta diferença evidenciou-se a familiaridade e, assim, a facilidade de uns com os movimentos pré-determinados e os demais com a expectativa de aprender com o auxílio dos colegas.

*“Você trouxe outro modelo de educação. Porque para muitos, até então, ainda tem a visão de quem dança é homossexual. Então você colocou pai de família, colocou meninos. Foi um trabalho social, cultural e financeiro também, muito importante porque vocês faziam viagens...”* (Professora Synara Azambuja, entrevista realizada em maio de 2021)

Tendo aproximadamente 14 a 20 pares de integrantes, oriundos de identidades afrodescendentes, bolivianas, indígenas e uma forte presença da paraguaia, posso mencionar amparado em estudos realizados por Candau (2007), Hall (2004) e outros, que o grupo foi formado por inúmeras identidades/diferenças e sujeitos marcados por muitas histórias, contextos sociais, saberes e culturas diferentes. Ainda sobre a constituição do grupo, é preciso destacar que alguns pares eram restritos às danças de quadrilhas, e outros, cerca de oito pares, apresentavam as danças da cultura paraguaia com um repertório de nove coreografias, sendo baseada em danças típicas e outras criadas a partir das músicas paraguaias, mexicanas e portuguesas, por exemplo: Mercedita, Pássaro Campana, Dança da fita e La Raspa.

Ao estudar elementos do conceito de cultura, identidade e pertencimento étnico cultural compreendo que a divulgação da cultura paraguaia não era uma simples opção do grupo, mas estava ligada ao encontro dos sujeitos com suas raízes e a possibilidade que eles tinham para se posicionarem, assumirem seus lugares e produzirem e afirmarem suas identidades étnicas (HALL, 2004). Utilizando dos estudos de Bhabha (2003), entendo que o grupo de dança é um entrelugar, onde os dançarinos encontram-se com a sua cultura e se fortalecem para os enfrentamentos possíveis do dia a dia. Ainda, no diálogo com Bhabha (2003, p. 245), observo o quanto a cultura pode ser entendida como “uma prática desconfortável, perturbadora, de sobrevivência e complementaridade”.

Toda essa heterogeneidade é que fez o grupo crescer e se tornar conhecido na sociedade. Estava sempre disponível para receber os novos integrantes sem se preocupar com seu aspecto físico, cor, religião ou gênero. Apenas se preocupava com o bem-estar das pessoas, o compromisso e primeiro o respeito às diferenças.

Por tanto, o grupo era uma verdadeira família, composto de integrantes que eram filhos, sobrinhos e primos. No início das atividades do grupo o contato com esses jovens e adultos era de fácil acesso, pois estudavam na mesma escola, e sendo meus alunos a comunicação entre eles ocorria durante os encontros das aulas, onde era possível estender os

convites para fazerem parte do grupo de dança. Essa era uma tarefa contínua, principalmente de um ano para outro, pois alguns dos integrantes participavam entre um ou dois anos e acabavam se afastando, às vezes por motivos de trabalhos, mudanças de cidades, por terem se casado, frequentar faculdade ou nascimento dos filhos. Mas nada disso impedia de permanecer no grupo. Tivemos casais com filhos que fizeram parte do grupo por muito tempo. As crianças também iam para os ensaios e até mesmo nas apresentações. Essas lembranças que vivenciei no grupo me emocionam muito nesse momento das minhas escritas, a saudade aumenta desses momentos que ficaram gravados em minha memória. Há momentos que não consigo conter as lágrimas. São lembranças do empenho e da paixão pela dança que muitos jovens e adultos compartilharam entre eles e a sociedade. Sem falar de muitos jovens que se casaram e formaram famílias com os próprios integrantes do grupo de dança “Irmãs Alvarenga”.

Também me recorro da minha filha que não via a hora de completar 12 anos para também fazer parte do grupo, pois meu sobrinho já estava na equipe de dançarinos. Para mim, nesses anos de dedicação ao grupo, sempre tive o apoio da minha família, que mesmo não fazendo parte da dança estava nos bastidores auxiliando a todo o momento. Isso me faz lembrar os relatos dos entrevistados quando dizem que o grupo era fortalecido pela união de todos.

Na vida sempre há uma exceção. Como disse anteriormente, o grupo era formado por jovens a partir dos doze anos, mas não tivemos como negar um pedido de uma mãe triste e de coração partido por ter perdido sua filha precocemente, (Cris) que fez parte do grupo por algum tempo. A mãe sempre estava nos ensaios e um dado momento solicitou que aceitássemos o filho Cristian, que se encontrava muito rebelde e desobediente após o falecimento da irmã. Como ele estava com 9 anos, fugia dos nossos critérios, mas como todos se solidarizaram com o pedido da mãe, todos foram favoráveis com a entrada do novo integrante e ajudar o garoto. Isso não quer dizer que o grupo fosse de entreajuda, mas iria contribuir para alguma coisa.

Não foi fácil o relacionamento dele com os colegas, brigava muito, principalmente com sua parceira de dança que também era muito nova e revidava aos insultos. Enfim, os anos se passaram e tudo foi mudando e dando outro rumo à história. O garoto se tornou um excelente dançarino e permaneceu no grupo por um bom tempo.

Na condição de pesquisadora participante do grupo de dança “Irmãs Alvarenga”, vivenciando a experiência da dança, passando por inúmeros desafios para manter o grupo em funcionamento onde requer tempo, esforço, espaço e dedicação. Este processo tem que ser pensado e depois compartilhado com o grupo para tomar um rumo nas atividades a serem realizadas.

Um dos problemas que enfrentávamos era a falta de espaço para os ensaios. Esses eram realizados na rua em frente à casa de um dos integrantes. Nos períodos chuvosos, os ensaios eram transferidos para outro momento, pois o salão de baile ficava muito molhado. Outro fator era o meio de transporte para chegar até o local das apresentações, por várias vezes usei meu carro para transportar os integrantes, fazer baldeações e contar com ajuda dos adultos que podiam levar de moto. Eu sempre fiquei responsável por transportar e recolher as vestimentas a cada apresentação, essa também era uma forma de não perder as peças usadas pelos dançarinos.

São tantos os desafios vivenciados, eu sempre fui a responsável em comprar o aparelho de som e providenciar as músicas. No início da formação do grupo as músicas eram tocadas em fita cassete, imagina a mão de obra. Sempre tinha que ter uma de reserva, pois, se arrebentasse, teria que trocar. Sem falar quando o técnico trocava a posição da fita e não tocava a música da dança que seria executada.

Mas com a evolução da tecnologia as coisas foram melhorando. Nesse período contava com a ajuda do amigo Rangel Castilho, que com sua habilidade e conhecimento começou a gravar os CDs com as músicas para as nossas apresentações. Assim, também gravava as músicas paraguaias que ficavam sempre na ordem das apresentações das danças. São recordações que me levam a refletir. Como foi possível fazer tudo isso? Enfrentar as dificuldades sem recursos financeiros é um grande desafio. Nesse momento não podemos ter vergonha e se encher de coragem para pedir ajuda para as pessoas. Não foi fácil superar todos esses desafios, mas o que me fortalecia era o momento em que estava dançando e apresentando nos eventos junto da garotada. Isso me fortalecia e renovava minhas forças para continuar, pois sempre vinha bom resultado a cada apresentação, que sempre foram um sucesso.

Como amadora e aprendiz, estava sempre buscando novos conhecimentos através dos meios de comunicação para aprimorar nossas coreografias, pois não possuía nenhuma formação em dança e arte, mas sempre tive força de vontade e muitas noites de sono perdido estudando novos passos e novas coreografias para aplicar no grupo.

Vale ressaltar que após a nova identidade do grupo, ele passa a ser independente e aberto para novos integrantes que vinham de outros bairros, também do município de Anastácio. Com isso o grupo vai expandindo seus conhecimentos e divulgando ainda mais seus trabalhos. Sem falar que sempre que tinha oportunidade esta pesquisadora e dançarina, participando de entrevistas nas emissoras de rádio da cidade, divulgava e convidava a população para irem assistir as apresentações do grupo.

Enfim, todas estas conquistas só foram possíveis graças ao esforço e à competência de seus idealizadores, integrantes e colaboradores do grupo, o que inclui a dedicação antes das apresentações, além da divulgação, espaço para ensaios, meios de transportes, figurinos e preparação física. No entanto, essa experiência resultou em uma grande amizade, transformando-se ao longo dos anos em uma grande família. Inicia-se uma nova caminhada em busca de aprimoramento e dedicação à cultura regional e paraguaia. O leitor terá oportunidade de dançar com o grupo de dança “Irmãs Alvarenga” nos próximos capítulos.

### **2.3 Dançando com o grupo: relações estabelecidas, lugares e apresentações – algumas contribuições culturais**

Começo esta parte descrevendo alguns momentos das participações do grupo de dança “Irmãs Alvarenga”. A cada ano que se passava, nos meses de abril e maio iniciavam-se os ensaios da quadrilha e os planejamentos das coreografias, que eram organizados em conjunto com alguns integrantes. Todos usavam ao máximo suas criatividade para desenhar novos passos e produzir uma evolução que pudesse encantar os jurados durante as disputas no concurso.

Figura 10 – Apresentação na Avenida Pantaneta – Aquidauana-MS



Acervo da autora (2010).

Já comentamos acima que a equipe, além de dançar, tinha o compromisso de confeccionar as vestimentas, mas também elaborar novas coreografia e criar a parte da indumentária sempre com o intuito de levar a alegria ao público, assim como chamar a atenção na parte artística. Como nas festas juninas e nas apresentações, são lembrados os casamentos caipiras da roça. E houve momentos que o motivo das nossas evoluções realizava os casamentos.

É importante ressaltar que, ao longo das caminhadas, muitos casamentos aconteceram na vida real de alguns integrantes. Através da dança, começava a uma amizade sólida e que aos finais muitos se enamoram e essa união era fortalecida com o casamento entre os casais dançarinos. Além da grande amizade que se formou no grupo, muitas famílias também se formaram. Mas também tiveram as separações e cada uma dessas pessoas envolvidas buscavam novos caminhos e novos amores.

Dos casamentos realizados, pude presenciar a chegada de novas crianças que ao longo do tempo chegaram a participar como dançarinos. Para mim foram grandes realizações, contribuí na formação de muitos jovens e de repente estava mais envolvida com eles e com a família.

O encanto de dançar está em que o pratica! Com esse lema, início a trajetória do grupo de dança “Irmãs Alvarenga” nos lugares que se apresentaram e os tipos de danças que fizeram parte desse movimento. Mas antes de convidá-los a entrar na dança, é importante relatar o que os pesquisadores pensam, assim como alguns autores a respeito da dança e como se aplicam nos ambientes escolares ou na sociedade. A dança é a mais antiga manifestação corporal, está presente na sociedade desde os primórdios das civilizações.

Figura 11 – Festa Junina na Escola Estadual Antonio Trindade



Acervo da autora (2000).

Segundo Moreira e Oliveira (2009, p. 58), “a dança faz o corpo físico um instrumento para a manifestação de culturas como expressões de estados emocionais [...]”. Ela expressa amor, luta, morte e ainda pode ser linguagem pelo qual se comunicam sem expressar verbalmente os sentimentos, onde o indivíduo se relaciona com o próprio corpo e com o mundo. Os autores ainda apontam:

A dança é uma das mais belas formas de comunicação humana capaz de transmitir sentimentos que não podemos expressar com palavras, além de ser um meio para promover a harmonia entre as pessoas e, sem dúvida, um instrumento muito importante para o desenvolvimento social, emocional e cultural de crianças e adolescentes em processos formais de educação. (MOREIRA; OLIVEIRA 2009, p. 59)

Considero que a dança inicia sempre com uma música que nos leve a movimentar os pés, as mãos e em seguida todo o corpo. E com isso as pessoas podem dançar de forma “solo” ou formar pares e com a leveza deslizam pelo salão, mesmo sem experiência; motiva o público a se movimentar, assim cada um passa a ser protagonista de uma bela história de emoção, carinho e alegria. Isso é possível devido à harmonia, disciplina, dedicação e ao respeito por todos que fazem parte da dança.

De acordo com Moreira e Oliveira (2009),

A dança é uma das maneiras mais divertidas e adequadas para ensinar, na prática todo potencial de expressão do corpo humano, pois além de trabalhar

o desenvolvimento motor, ajuda a desenvolver a linguagem diferente da fala e escrita, conseguindo melhorar a sociabilidade e quebrar a timidez e sendo uma característica e tradição de todos os países e região, tornando-se uma diversidade cultural. (MOREIRA; OLIVEIRA, p. 57)

Figura 12 – E.E. Marilly Russo Rodrigues – Festa Junina



Foto: Acervo da autora (2010).

A dança é uma arte ligada às crianças, aos jovens e adultos e está presente no tempo e no espaço. Seu desenvolvimento se dá de forma contínua, com uma variedade que nos proporciona uma medida exata. Segundo Faro (1986, p. 10), “isso nos permite dizer que a dança, em suas diversas manifestações, está de tal modo ligada à raça humana e que só se extinguirá quando esta deixar de existir”. A dança é a mais antiga manifestação corporal, está presente na sociedade desde os primórdios da civilização. Não é fácil determinar quando o homem dançou pela primeira vez. Para Faro (1986, p. 13),

É difícil determinar hoje em dia quando, como e porque o homem dançou pela primeira vez. Há quem distinga as figuras nas cavernas de Lascaux, pelo homem pré-histórico, figuras dançando. E como o homem da Idade da Pedra só gravava nas paredes de suas cavernas aquilo que lhe era importante, como a caça, a alimentação, a vida e a morte, é possível que essas figuras dançantes fizessem parte de rituais de cunho religioso, básicos para a sociedade de então, a cujos costumes esse tipo de manifestações já estaria incorporado.

Ainda nessa discussão, Guedes (2016, p. 27) mostra que “dançamos não apenas por aplausos, mas para representar a vida, a morte, o amor, o ódio, as conquistas, as agonias e para



representar nosso tempo histórico”. No ensaio sobre a dança publicado pelo autor, percebemos que ela está ligada às cerimônias religiosas, mas que por algum momento da história, foi banida pela Igreja Católica como instrumento do pecado. Com base nos estudos de Faro (1998, p. 17),

Essa comparação pode parecer aleatória, mas, se consideramos que, conforme é fartamente citada por escritores antigos, à dança integrava as cerimônias religiosas pagãs e desapareceu na Igreja Católica, a resposta se torna clara. Se saímos do nosso país, aqui encontramos, entre os nossos indígenas e no candomblé, suficientes provas da vinculação entre a dança e o ato religioso.

No caso das religiões indígenas, e, especialmente, do candomblé, ocorreu um sincretismo que permitiu que essas religiões, onde os negros pudessem executar seus ritos em lugares distantes e horas tardias, evitando desta forma a fiscalização da polícia. Vale lembrar que muitos templos religiosos possuem seus alvarás de licença para que possam realizar seus momentos de orações. Então, qual é a religião indígena, africana ou de outras etnias? São todas aquelas que considerarem indispensável, como as identidades não fixas (HALL, 2003). Muitos religiosos, especificamente a umbanda, entre outras religiões, assim como muitos brasileiros, ao acender sua vela numa igreja dia de Santa Bárbara, São Jorge e São João Batista o fazem não só aos próprios santos, mas também a Iansã, Ogum e Xangô. “Nos empoderamos com essas culturas religiosas e fizemos nossa própria maneira de cultuar” (SEIZER DA SILVA, 2016, p. 118). Com isso, podemos ter ainda uma noção bastante viva da ligação entre dança e religião. Para Seizer da Silva (2016, p. 129), “a dança é uma das mais belas expressões artísticas de um povo [...]”.

Ao me referir à religiosidade e à dança, trago como reflexão, pois já foi mencionado no texto, assim como em algumas citações, que em algum momento estas coisas estão ligadas às celebrações, seja de casamentos, seja de colheitas, lutas e vitórias.

Entretanto, buscar um novo olhar sobre o que realmente ela representa, como se aplica ao ambiente escolar e também em outro ambiente, é uma reflexão que pode ser possível em outros estudos. Vale lembrar que o grupo de dança “Irmãos Alvarenga” iniciou seus primeiros passos dentro da escola e que também se apresentou em eventos culturais, assim como religiosos.

O objetivo principal do grupo era o de apresentar a dança de quadrilha nos meses de junho e julho, nos eventos organizados pelos órgãos públicos, escolas e outras instituições. Também passaram a apresentar as danças típicas paraguaias no decorrer do ano. Com isso, o grupo estava sempre em evidência.

Figura 13 – 2ª Vitória Concurso de quadrilha em Anastácio-MS



Fonte: Acervo da autora (2005).

Durante as apresentações, os integrantes se vestiam tipicamente referente a cada tipo de dança e cultura. Nas apresentações de quadrilha caipira, todos usavam roupas típicas, tanto as damas como os cavalheiros. Os responsáveis pela organização dos figurinos sempre tiveram a preocupação de deixar as vestimentas bem coloridas, alegres e não com aspectos de roupas sujas ou rasgadas. É importante trabalhar a conscientização dos jovens estudantes e da sociedade sobre a questão da má representação do caipira.

Segundo os estudos de Sigrist (2000), caipira não é sinônimo de ridículo. Sobre o assunto, a pesquisadora continua a expressar sua pesquisa:

Há alguns anos noto que várias escolas de Campo Grande, a exemplo de outras cidades brasileiras para satisfazer a vontade de seus alunos, sobre o pretexto de que “eles gostam”, tem incentivado e permitido a exibição de quadrilhas, em que seus participantes vestem-se de maneira inadequada e “macaqueiam” gestos e expressões mais próximo do humor circense, ficando longe do que se poderia chamar de quadrilha. (SIGRISST, 2000, p. 68)

A dança de quadrilha se popularizou e se adequou às possibilidades do povo e às condições financeiras, mudando sua forma original. Da França chega ao Brasil colonial, dança de salão, executada pela nobreza. Trazida pelos portugueses e que novamente se folclorizou, passando à quadrilha caipira como conhecemos hoje. Já nas danças paraguaias as damas vestem saias longas bem rodadas e blusas com imitações de “AóPoí” confeccionada e bordada na época pelas minhas irmãs e outras pessoas voluntárias. E os cavalheiros, usavam calça social e camisa

de manga longa e para compor *look* usa chapéu de palha e não podia faltar a faixa colorida na cintura. De acordo com Arca (1993, p. 59),

No Paraguai, os grupos folclóricos apresentavam-se tipicamente trajados, com blusas e camisas de tecidos de tela fina, chamado de AóPoí, que são bordados com linha fina representando motivos vegetais, além de saias longas, cheia de babados e rendas, muitas joias e flores no cabelo. Os homens levam uma faixa colorida à cintura, uma pequena pala sobre nos ombros e chapéu de abas largas voltadas para cima nas laterais.

Como o grupo não possuía fins lucrativos, os próprios integrantes buscavam aprender a fazer suas próprias vestimentas contando com a ajuda da professora e os integrantes Coleta e Davi. Para compor as vestimentas, contávamos com parceiros simpatizantes da cultura e de alguns comerciantes das cidades de Aquidauana e Anastácio que colaboravam ofertando chapéus e CD com as músicas típicas de quadrilha. Quanto aos arranjos para os cabelos, faixas coloridas os integrantes sempre que podiam também colaboravam com os adereços. E quando não era possível comprar alguma coisa que faltasse, dava-se um jeito de emprestar de pessoas que possuíam e que sempre acabava ajudando na composição das vestimentas dos dançarinos. Todos esses procedimentos ficam bem claros na fala dos integrantes no momento da nossa roda de conversa.

Os integrantes recebiam as vestimentas sem nenhum custo, pois através dos eventos realizados pelas prefeituras de Aquidauana e Anastácio, promovendo concurso de quadrilhas, a premiação era sempre em dinheiro e com a dedicação e empenhos dos integrantes nas apresentações, por várias vezes o grupo foi campeão. E os valores recebidos eram destinados à compra das vestimentas. E a outra parte era para a confraternização dos integrantes. Essa era uma forma de valorizar merecidamente os dançarinos que se doavam voluntariamente a participar do grupo de dança.

Com o intuito de conhecer um pouco das danças apresentados pelo grupo, passo a relatar e descrever cada uma delas e os prováveis significados:

**1- Chupim:** Dança típica paraguaia, apresentado com três pares ao som e ritmo da polca paraguaia. Essa dança através dos movimentos imita um jogo de conquista do passarinho que tem o mesmo nome e demonstra a paixão pela sua amada. Há nesta representação um charme do rapaz que representa o passarinho chupim e a fêmea se mostra difícil e esnobe. Para Guedes (2016, p. 57),

A dança chupim representa o namoro do pássaro de mesmo nome no período de acasalamento. Em ritmo de polca paraguaia é executada em bailes

populares, em comemorações familiares, em lugares públicos ou privados em qualquer ocasião, nas cidades de fronteira com o Paraguai.

Figura 14 – Apresentação da dança Chupim – Associação Comercial de Aquidauana-MS, 2001

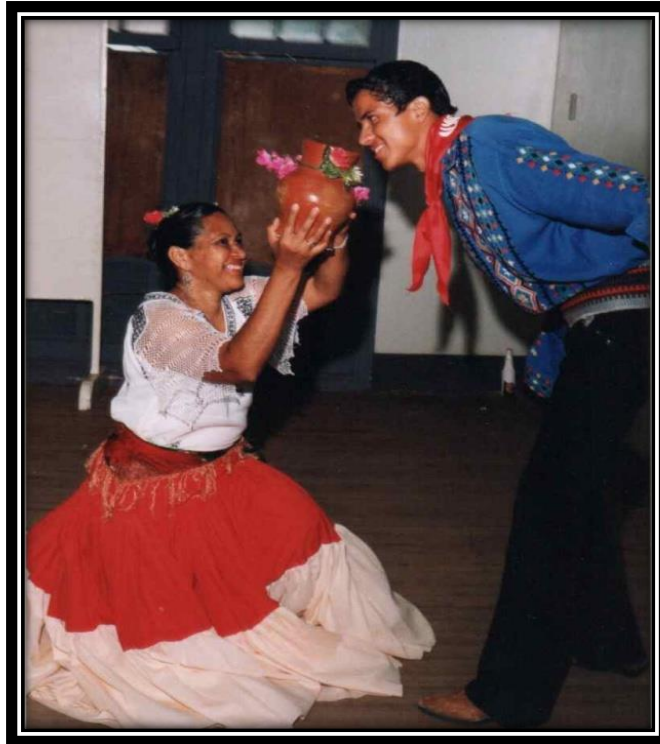


Fonte: Acervo da autora.

**2- Galopeira:** Durante as apresentações do grupo, por várias vezes foi apresentada a dança Galopeira. Também dançava no grupo e era a única integrante que equilibrava o cântaro ou vaso na cabeça. E isso era possível, pois desde criança carregava “vasilha” com água na cabeça como mencionado anteriormente. Penso que essa prática possibilitou-me equilibrar o vaso e ainda dançar com o ritmo da galopa.

O senhor Alvarenga, meu pai, contava que a música Galopeira, do compositor Mauricio Cardozo Ocampos, descreve a história da festa de São Brás, música muito conhecida e dançada no Paraguai por lindas mulheres que levam um cântaro na cabeça e de pés descalços em agradecimento à Terra mãe. E, assim, demonstram a alegria das paraguaias que iam até o riacho pegar água fresca para oferecer aos peregrinos que por lá passavam para beber a água ou tomar o tradicional tereré.

Figura 15 – Apresentação da dança Galopeira



Fonte: Acervo da autora.

Segundo Arca (1993, p. 62), “a Galopa é dançada em bailes ou festas populares, com as tradicionais ‘galopearas’, mulheres que sozinhas ou em grupos dançam levando sobre a cabeça um cântaro ou uma garrafa”. Nesta dança as dançarinas equilibram um cântaro (vaso de barro) na cabeça, onde dançam com toda graça e sorriso estampado.

**3- Solito:** É uma dança formada por pares, onde o cavaleiro não tem uma dama e por esse motivo leva consigo uma cadeira ou uma vassoura para que sirva de sua dama. Assim que começa a música, os casais entram no salão dançando formando círculo. Era de costume o grupo de dança “Irmãos Alvarenga” usar uma vassoura para a brincadeira durante a dança e com o passar do tempo os meninos usando de suas criatividade ornamentavam a vassoura para as apresentações. Ao iniciar a contradança, o cavalheiro que leva a vassoura, soltava-a no chão, onde os casais trocam de pares e quem ficar sem a dama terá que dançar com a vassoura e, ao término da música, quem permanece com a ela pagava uma “prenda”, ou seja, declamava um verso encerrando a apresentação. É muito divertida, onde a plateia dá gargalhadas e gritos durante a execução da dança.

Figura 16 – Integrante da dança Solito



Fonte: Acervo da autora.

A dança mencionada tem certa semelhança com a dança da arara. Essa informação pode ser observada em *Chão batido: a cultura de Mato Grosso do Sul*, livro de Marlei Sigrist (2000). Para a autora,

É uma dança comum no Brasil, recebendo vários nomes, como dança da vassoura ou dança do chapéu. Sua execução começa com um dançarino que deve tirar outro e outro, até que a fila se apresente longa, virando ora para um lado, ora para outro, fazendo movimentos semelhantes aos de uma cobra. (SIGRIST, 2000, p. 69)

Vale lembrar que nesta dança se juntam os pares e quem ficar sozinho deve requisitar o par do outro e, ao término da música, aquele que estiver só deverá pagar uma “prenda”, geralmente declamando um verso.

**5- Chiperita:** Essa é uma dança apresentada por mulheres que levam a cabeça uma cesta com chipa, alimento feito de polvilho e queijo, representam as vendedoras desse alimento, típico do Paraguai. É uma dança em que as dançarinas oferecem o alimento para as pessoas, sempre com muito charme e elegância ao dançar.

Em 2019, tive a oportunidade de retornar ao Paraguai e nessa ocasião pude observar que atualmente os homens também saem às ruas para vender as chipas. Aqui em Mato Grosso do Sul é comum encontrar esse alimento nas padarias e lanchonetes, no Paraguai, o local é chiperia.

Na primeira noite paraguaia organizada pelo grupo “Irmãos Alvarenga”, foi possível ofertar chipas aos participantes no evento, pois na ocasião um amigo tinha padaria e fez a doação para que pudéssemos entregar o alimento para degustação ao término da apresentação da dança chiperita. Com isso, conseguimos chegar mais próximo da dança típica do Paraguai e também uma forma de compartilhar o alimento saboroso da cultura paraguaia. De acordo com pesquisa preliminar, no Paraguai – mais precisamente, na Quarta-feira Santa –, toda a família se reúne para fazer os alimentos. Esse é o momento de compartilhar os costumes e tradições para as crianças, que são motivadas a aprender a fazer não só a chipa, mas também a sopa paraguaia.

**6- Pericon:** É uma dança apresentada por casais que durante a coreografia declamam versos a cada parada da música. É uma dança de passos marcados e de muitos movimentos. Composta por oito casais, todos vestidos com trajes tipicamente paraguaios. E ao som da música os dançarinos apresentam a coreografia e, em determinado momento, o maestro de cerimônia grita: “Alto!”, e a música é interrompida. E em seguida o cavalheiro e sua dama declamam versos um para o outro, que pode ser de galanteio ou desafiando o parceiro ou a parceira e assim sucessivamente. E de certa forma é uma dança contagiante, pois cada verso declamado pelos casais motiva a plateia a bater palmas, gritos e gargalhadas, isso em virtude dos versos serem engraçados e provocantes. Apresento dois versos proclamados durante a dança.

Abaixo estão alguns versos recitados nos momentos da apresentação da dança Pericon, produzido especialmente para esse momento pelo escritor José Pedro Frazão.

(Cavalheiro)  
*Quando chego a uma festa  
 E vejo o grupo Alvarenga,  
 Caio logo na seresta,  
 Agarradinho numa prenda.*

(Cavalheiro)  
*“Bugrinha” um dia eu te pego  
 E te enrolo num embrulho...  
 Te levo pra minha casa,  
 E acabo com teu orgulho.*

(Dama)  
*Moço que dança bem,  
 Que deixa a prenda tonta.  
 Danço contigo também,  
 Pois eu já estou pronta.*

(Dama)  
*Meu orgulho, “bugre” feio,  
 Ninguém consegue embrulhar.  
 Nem um peão de rodeio,  
 Quanto mais esse baguá.*

Figura 17 – Primeira apresentação do Pericon – CEUA



Fonte: Acervo particular da autora (1999).

De acordo com os integrantes do grupo, as danças paraguaias formaram o primeiro desafio de se apresentar recitando verso diante do público. Além de um estudo diário dos responsáveis e dançarinos, foi preciso muita dedicação para aprender os passos e a coreografia. Após esse primeiro compromisso realizado com os movimentos e os passos, surgiu outro desafio: como conseguir os versos. Nesse momento entra a participação do meu pai, grande incentivador do grupo, que se propôs a falar com um amigo jornalista e escritor para compor os versos. Com ajuda dos integrantes, durante o grupo de discussão, essa foi a primeira dança paraguaia a ser apresentada pelo grupo Irmãs Alvarenga, numa festa de abertura na Semana da Biologia, no CEUA.

Com base nos escritos de Ferreira (2012, p. 46), “podemos comprovar o desempenho do grupo, através de uma reportagem do Jornal O Porta-Voz Popular (1999), que descreve a iniciativa da professora e dos estudantes em valorizar a cultura artística”. E na ocasião divulga a primeira apresentação da dança típica paraguaia Pericon. Nessa dança, ao término da apresentação, o último casal agradece o público e pede para que se toque uma polca paraguaia para que se encerre o Pericon.

*Senhora e senhores, por favor, preste atenção.  
Em nome do grupo de dança Irmãs Alvarenga  
Que fez essa apresentação peço que toque  
Uma polca paraguaia e encerre esse pericon.  
(João, Wagner)*



### **CAPÍTULO 3 – VAMOS DANÇAR? A PRODUÇÃO DAS IDENTIDADES E DIFERENÇAS PRESENTES NO GRUPO DE DANÇA “IRMÃS ALVARENGA”**

Ao chegar a esse capítulo, estou sentindo um “friozinho” na barriga, o coração batendo mais forte, a garganta apertada e os olhos embebidos de lágrimas. Enfim, foram vários caminhos percorridos que me faltam palavras para descrever e imprimir os sentimentos e pensamentos vividos durante o processo dessa pesquisa. Fizeram-me entender que as “palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras” (LAROSSA, 2002, p. 21). É assim que me senti por várias vezes a cada apresentação de dança, pois vou destacar os momentos significativos com o grupo de dança “Irmãs Alvarenga” que são recordações que por várias vezes tive que revisitar para transcrever e depois relatar nessa pesquisa. Momento este que não se trata especificamente da minha vida e nem da minha família, mas sim de jovens e adultos que permitiram se tornar dançarinos e que enaltecem um projeto de dança que iniciou na escola e resolveu ser “livre” para delinear uma linda trajetória e fazer história em Aquidauana e outras regiões por onde circularam.

Nesse terceiro e último capítulo, procuro focar o olhar das professoras e dos estudantes-dançarinos, principalmente no sentido de identificar os elementos que contribuíram para a produção das identidades e das diferenças, entender as negociações silenciadas que circulavam pelo grupo de dança. Para isso, contarei com alguns relatos dos professores e estudantes que fizeram parte do grupo de dança “Irmãs Alvarenga”.

### 3.1 O grupo de dança “Irmãs Alvarenga” e as contribuições na vida dos estudantes

A dança contribui para as qualidades físicas, sociais e morais, desse modo sua contribuição é preciosa. Posso citar alguns dos benefícios que a dança traz como melhoria nas funções circulatórias, respiratórias, muscular e demais sistemas do corpo humano. Colaboram para a agilidade, flexibilidade e elasticidade dos movimentos. Segundo Souza (2012, p. 8),

A dança vai além de sua função artística; ela desenvolve a psicomotricidade (cognitivo, físico e afetivo) e também é uma maravilhosa possibilidade para a aquisição de hábitos saudáveis entre os alunos de qualquer nível da educação básica. Assim, faz parte não só da área da arte, mas também de educação e saúde. (SOUZA, 2012, p. 8)

A meu ver, a dança traz vários benefícios para qualquer pessoa, proporcionando o bem-estar, alegria e bom humor. E ainda pode ser desenvolvida em qualquer ambiente e não tem uma idade definida para praticar. Baldi *et al.* (2020, p. 186) apontam que “Com a dança contemporânea, todos os corpos podem dançar – magros, gordos, com ou sem deficiência etc. – e o corpo, então, não é mais visto como instrumento: eu sou corpo”. E ainda nessa discussão, Souza (2012) lembra que “a dança é um instrumento extraordinário, quer como educação, quer como arte, capaz de tornar possível, e real, a vivência plena do homem com o seu corpo” (SOUZA, 2012, p. 6). Promovendo um diálogo entre os relatos dos integrantes e professoras que participaram do grupo “Irmãs Alvarenga”, utilizarei as falas dos entrevistados no momento do grupo de discussão, realizada no mês de maio de 2021.

Como foi mencionado em capítulo anterior, usei a plataforma Google Meet para essa entrevista, onde destaco, a partir de agora, suas apresentações, seguidas de suas respectivas textualizações. Com isso, passo a ouvir para entender e ao mesmo tempo aprender com seus sentimentos e dedicação as danças de quadrilha e danças paraguaias. Mas, para dar continuidade a esse assunto, é de fundamental importância entender o que a realmente a dança ofertou de contribuições sociais e educacionais na vida dos estudantes na concepção de alguns autores.

A dança vista como manifestação cultural, enquanto abordagem cultural corporal de movimento, torna-se uma valiosa possibilidade para o desenvolvimento de experiências significativas e para a formação da capacidade física. Ela permite o contato consigo mesmo e com o outro, direciona a reconhecer-se, a reconhecer o outro, a localizar-se no espaço e no tempo. Souza (2012, p. 5) destaca:

Como ação pedagógica, a dança pode assumir várias intenções. Na busca pela descoberta de diferentes formas de movimento, ela pode despertar a

criatividade. Nas ações que se utilizam da música, da percussão ou do canto, ela trabalha o ritmo e, por tabela, a dinâmica dos movimentos, a atenção e a concentração.

É importante observar que o corpo deve ser tratado como expressão corporal, e não como um instrumento a ser manejado. É preciso que os envolvidos na dança tenham a leveza de direcionar seus movimentos de forma a entender a sua existência em cada movimento e expressão. Portanto, é necessário que essa prática tenha em comum a representação cultural humana e entendida como: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)/Arte, “[...] atividades que ressignifica a cultura corporal humana e o fazem utilizando ora uma intenção mais próxima do caráter lúdico, ora mais próxima do pragmatismo e da objetividade” (BRASIL, 1998, p. 28). Ainda nesse mesmo pensamento, os PCNs destacam que o “corpo é conhecimento, emoção, comunicação, expressão. Ou seja, o corpo somos nós e nós somos o nosso corpo. Portanto, o corpo é a nossa dança e a dança é o nosso corpo” (BRASIL, 1998, p. 72).

Os PCNs são um referencial para a educação do Ensino Fundamental que orientam e garantem a coerência do sistema educacional (BRASIL, 1998, p. 73), em que “os alunos podem, por meio da Dança reforçar laços de amizade, trabalhar e conhecer o grupo, assim como conhecer a si próprios de outra maneira, dando importância à questão da autoestima”. Ainda, nessa direção, é possível dizer que os jovens absorvam a cultura e com isso desenvolvem sua história e sua identidade. Por meio de todas essas informações, argumenta que “Pode-se dizer que a arte e a dança fazem parte deste processo histórico social que compõe a cultura o que faz a necessidade de se fazer presente no âmbito escolar” (CARVALHO, SILVA, 2014, p. 4). E nessa mesma linha de pensamento afirma que “todo indivíduo age através do seu corpo mais especificamente através de suas expressões, seus movimentos. Por meio de movimento o aluno pode-se comunicar estudar, aprender, sentir o meio e interagir com ele” (CARVALHO; SILVA, 2014, p. 6).

Nesse sentido, buscarei dar contorno, sintonia aos passos da pesquisa, a partir de cada manifestação dos integrantes. Nessas manifestações, os estudantes evidenciam suas participações e, no ponto de vista de cada um, as contribuições absorvidas durante o tempo que circularam pelo grupo de dança “Irmãs Alvarenga”. Seguirei com as falas de acordo com que foi combinado no dia da entrevista, pela ordem alfabética seguindo as perguntas que foram realizadas com esta finalidade.

Vale ressaltar que usarei um trecho de um dos integrantes que é fundamental para iniciar os relatos seguintes:

*“Então, é indescritível essa sensação de poder participar já de grupo que é uma homenagem, ou seja, nós estamos celebrando a vida, celebrando encontros e compartilhando história.” (Valter Souza da Silva, entrevista realizada em maio de 2021)*

Diante dessas palavras, é possível inferir os elementos de fala que sustentam os relatos, haja vista que os estudantes e dançarinos narram suas vidas a partir de experiências no grupo de dança “Irmãs Alvarenga”, constituindo palavras conduziu a vários benefícios.

*“Aprender as danças, a vontade aprender as danças. A vontade de crescer, de levar a dança à música para vários lugares.” (Coleta Mendes Gimenez, entrevista realizada em maio de 2021)*

*“Foi o aprendizado, né. As amizades, a cultura e tipo! A gente era uma família, né. Então, trouxe tipo! Uma amizade, uma cultura a mais né... E eu acho que foi um aprendizado. Ah! Foi muito importante, difícil de esquecer, muito marcante mesmo.” (Myrceia Gimenes Cozer, entrevista realizada em maio de 2021)*

*“A questão da bebida que não era aceita, vício de modo geral não era aceito, até porque não, não era o propósito. E enquanto a gente estava envolvida com grupo (dança) não estávamos na rua, nós não estávamos bebendo. Isso fez um diferencial muito grande para a vida dos adolescentes no sentido de que eles poderiam estar se perdendo em algum momento. Em situações assim, que na prática de algo ilícito seja consumo de álcool, seja consumo de drogas. De modo geral eles se ocupavam. Então o grupo tinha esse viés social que é especial ainda que não está explícito, também tem muitas contribuições do grupo que não são explícitos, mas indiretamente elas abarcaram essa área... Então, diria que teve um aspecto formador ainda que indiretamente, ainda que não estava dito, olha! Então essa contribuição para quem teve a oportunidade de participar. Ganhou a possibilidade de se tornar uma pessoa melhor, uma pessoa mais responsável. Levando em consideração aquilo que de fato é importante que é tratamento com outras culturas com outras pessoas, conhecer, é isso!” (Valter Souza da Silva, entrevista realizada em maio de 2021)*

*“A questão do pertencimento foi primordial, você conseguiu colocar neles, o se sentir cidadão, o se sentir parte. Eu vou até repetir a Synara, eu posso, eu tenho condições e eu falo que esse grupo ele tem esse marco! Ele realmente trabalha a sua valorização é enquanto que às vezes nós acabamos falando de outras sociedades, de outras culturas e a nossa é tão rica, ela é assim como todas as culturas são ricas, mas nós precisamos amar a nossa cultura, para depois sim, poder até mesmo entender a cultura do outro, então eu vejo esse grupo com essa característica, além da alegria. Uma coisa que eu observava quando eu era menina, a mulher paraguaia ela era “mal vista”, principalmente a bem antes.” (Professora Nilda Fátima Maraes, entrevista realizada em maio de 2021)*

Vale ressaltar que na fala da professora, quando se refere à imagem da mulher paraguaia, são memórias vivenciadas quando menina. O preconceito e a discriminação eram muito

evidentes ao sexo feminino e como isso, “consideradas atiradas” (BACKES, 2005). O autor utilizou como conceito: “além de colocar em xeque a regionalização da diferença, apela para a identidade de gênero, classificando de machista o olhar dos que enxergam “mulheres atiradas”. Além disso, (re-)significa o conceito de “mulher atirada”, relacionando-o com “ser amigo” e “ir em busca do que ela quer” (BACKES, 2005, p. 9-10).

Ainda continuando a fala da professora Nilda,

*“O preconceito era muito grande, com relação à mulher e o grupo conseguiu as pessoas, as mulheres principalmente. As pessoas começaram a vê-las de outra forma... Então eu observava como algumas mulheres tinham vergonha de expor, a sua cultura, porque talvez pudesse ser “mal vista”, mas ela foi colocada de uma forma tão natural, né?... Talvez pelo fato de vocês não estivesse preocupado com que a sociedade ia pensar que foi sendo assimilada e isso abriu portas para várias mulheres se sentirem importantes.”* (Professora Nilda Fatima Moraes, entrevista realizada em maio de 2021)

*“Você trabalhou nessas pessoas é a disciplina. Não essa disciplina engessada, mas a disciplina de horário, de tempo de ensaio, as marcações, a disciplina é muito importante no desenvolvimento humano né? Você ter uma disciplina de tempo, organizar sua vida, né... Uma coisa muito engraçada, muito importante na verdade, que aconteceu foi quando grupo fez com que outros grupos se formassem na cidade e região. E tinha seu grupo, tina o grupo do ARPA lá da associação recreativa Paraguaiá. Tinha o grupo dos Indígenas que vinham lá do Ipegue. Consequentemente Aquidauana lançou um concurso Estadual de quadrilha se lembra disso?”* (Professora Synara Azambuja, entrevista realizada em maio de 2021)

Esses relatos proporcionaram reviver as experiências vividas na escola e também com o grupo de dança, independentemente de como cada entrevistado relata sua visão das situações que ocorreu e participaram, mas posso afirmar que a cada caminho trilhado passei por muitos desafios e dificuldades.

A minha atuação enquanto coordenadora do grupo foi o de buscar uma maior aproximação entre os jovens, e que pudessem proporcionar o bem-estar de cada integrante. O que observei durante as falas dos entrevistados que em nenhum momento discutiu-se as possibilidades de aplicação da dança no âmbito escolar, e verificar o significado da dança para os alunos do Ensino Fundamental e Médio.

É importante frisar que nos relatos fica explícito o quanto puderam absorver participando do grupo de dança, de conhecimento e a produção de sua identidade e diferença, aquilo que somos e o que somos, são fabricadas, inventadas e construídas no interior de cada indivíduo (SILVA, 2000).

Ao ouvir e revisitar cada fala dos entrevistados, penso que é importante compartilharem os benefícios que a dança trouxe não só para mim como integrante e dançarina do grupo, mas também para meus filhos(as), pois o leitor poderia indagar: Onde estavam seus filhos no momento em que se dedicava ao grupo de dança? Tendo em vista que os ensaios e dedicação às atividades com a dança aconteciam nos finais de semanas!

Para esclarecer esse fato, é importante de dizer que em todas as atividades em que estive a frente toda minha família estava envolvida. Essa era uma forma que encontrei para que todos estivessem ao meu lado e poderia continuar dando atenção e a educação necessária aos meus filhos(as) e contribuir na formação de suas identidades. Todo esse processo foi fundamental, pois não estavam abandonados e eu não sentiria culpa em não estar me dedicando à família. Outra forma de negociação, apesar de não estar bem explícita na fala do entrevistado Valter Souza dos Santos, que relata que no grupo não era permitido o uso de álcool. Esse era um dos critérios para permanecer no grupo. Diante desses relatos, podemos perceber que estamos em constante negociação. Em outras palavras, Bhabha (1998) argumenta que a condição de negociação provoca efeitos nas identidades culturais, fomentando negociações: “Com a palavra negociação, tento chamar a atenção para a estrutura de interação que embasa os movimentos políticos que tentam articular elementos antagônicos e oposicionais sem a racionalidade redentora da superação dialética ou da transcendência” (BHABHA, 2001, p. 52). Backes (2005, p. 430), amparado nesse autor e em outros autores, mostra que “as negociações fazem parte da cultura. Cultura é o campo onde o sentido das coisas, das identidades, das diferenças é negociado e construído”. Nesse mesmo pensamento, articulando com outro autor, podemos observar que “toda a nossa conduta e todas as nossas ações são moldadas, influenciadas e, desta forma, reguladas normativamente pelos significados culturais” (HALL, 1997, p. 41).

Vale ressaltar que o envolvimento com a cultura e a dança trouxe uma grande contribuição para meus filhos(as), diminuindo-lhes a timidez e tornando-os mais comunicativos. Também os ajudou a serem pessoas mais responsáveis, capazes de enfrentar desafios, entender e respeitar a diferença de cada indivíduo.

### **3.2 Os elementos culturais do grupo de dança “Irmãos Alvarenga” que colaboram nas produções das identidades e diferenças dos estudantes**

A dança como manifestação cultural artística caracteriza o uso do corpo para realizar movimentos com ritmos geralmente com o auxílio de som e de música. E podemos destacar

como apresentação de formato solo como, por exemplo, o balé; pode ser dupla, como o forró, samba e outros; e em grupo, como as quadrilhas. Elas podem variar de acordo com cada região.

Antes de abordar os elementos culturais que colaboraram nas produções das identidades e diferenças dos estudantes do Grupo de Dança “Irmãs Alvarenga”, faz-se necessário apresentar os elementos culturais da dança na concepção de alguns autores. Silva (2013, p. 35), em *Oficina de docência em dança*, fala sobre os elementos da dança nos seguintes termos: [...] “a educação para a dança seria o espaço/tempo de se trabalhar com os saberes próprios do campo de conhecimento da dança, tais como: os elementos da dança, como ritmo, música e movimento e seus fatores e qualidades”. Destaco aqui os principais elementos que compõem uma dança e que estão divididos em três partes:

- a) Movimento corporal: são os movimentos básicos ao dançar.
- b) Espaço: é a trajetória do corpo do início ao fim e que indica as direções acima, abaixo, do lado, na frente etc.
- c) Tempo: corresponde aos referenciais corporais conforme o compasso da música, que podem ser lento, moderado e rápido.

É através dos movimentos do nosso corpo que produzimos as expressões quando se está triste, alegre ou quando vai pegar alguma coisa e com isso o corpo fala através dos movimentos. Segundo Laban (1978, p. 19), “o homem se movimenta a fim de satisfazer uma necessidade. Com sua movimentação, tem por objetivo atingir algo que lhe é valioso”. É interessante como o autor descreve os movimentos que são desenvolvidos na dança. Na tentativa de retratar os movimentos realizados por Eva no paraíso para pegar a maçã que na ocasião era de suma importância para ela. E com isso busca demonstrar os elementos da dança:

Os movimentos grupais podem ser vivos, rápidos e carregados da ameaça de agressividade, ou suaves e sinuosos como o movimento da água num lago sereno. As pessoas podem agrupar-se à semelhança de rocas de montanha, ásperas e esparsas, ou como um riacho que flui lentamente na planície. As nuvens frequentemente se agrupam em formas bastante interessantes de efeito dramático bem estranho. Os movimentos grupais no palco lembram de certo modo as mutáveis nuvens, das quais tanto pode se formar uma tempestade como irromper o sol. (LABAN, 1978, p. 21-22)

Em se tratando do espaço, este também pode ser o local onde estamos, onde acontece a dança, assim como os espaços que temos para nos movimentar e realizar a dança, como, por exemplo: o palco, uma quadra de esporte, uma sala de aula ou até mesmo na rua, tudo isso está interligado onde acontece a dança. Vale ressaltar que o espaço ocupado pelo grupo “Irmãs Alvarenga” era a rua, embaixo do pé de ingá, onde aconteciam os ensaios de quadrilhas e danças

paraguaias, pois o grupo não tinha um lugar adequado para realizar seus ensaios, mas que nunca foi problema para se preparar para as apresentações, a não ser quando surgiam as chuvas, porque nem mesmo o frio tirava o entusiasmo dos jovens.

Em algumas entrevistas com os dançarinos, eles(as) deixaram em evidência o do local que servia de palco para os ensaios nos finais de semana. Para recordar esses momentos, vou destacar algumas falas dos integrantes durante o grupo de discussão como forma de ilustração nesse espaço da pesquisa.

*“Os ensaios puxados! Debaixo do Pé de “Ingá” na rua né? Não tinha onde ensaiar aí a gente improvisou no gigantesco pé de Ingá, lá na frente da casa da tia “Cota”. (Myrceia Gimenes Cozer, entrevista realizada em maio de 2021)*

*“É! Eu também lembro o ensaio que era aqui na frente de casa, debaixo do pé de Ingá. É, começamos também o ensaio lá no fundo da casa da Myrceia [sorrindo], logo que virou “Irmãs Alvarenga”, começamos aí! Lá na Rua da Vicenta, na Vila Paraíso Não era fácil!” (Estéfani Aparecida Mendes Gimenez, entrevista realizada em maio de 2021)*

*“Então o problema é! A gente não tinha problema! Por exemplo, a gente ensaiava descalço numa rua de chão que levantava poeira, a dona Coleta, seu Lúcio tinha que gastar da água deles para molhar, para diminuir a poeira. E ou quando a gente ia para frente da casa da Vicenta também! Era asfaltado lá, mas também era na rua, a gente, a gente não tinha esse ego de falar assim, Não! A gente não vai ensaiar porque não tem um local adequado! A gente fazia o local! E não tinha problema, a gente adorava aquilo ali!” (Valter Souza da Silva, entrevista realizada em maio de 2021)*

Nesse dia foram momentos de recordação, emoção e saudades para todos, pois o grupo passou por vários momentos de alegrias e dificuldades, mas que serviram de fortalecimento para continuar em frente os objetivos traçados por cada participando em prol da cultura e da dança. Quero aqui destacar um local que não foi mencionado por nenhum dos integrantes, mas que gostaria de deixar registrado, pois, durante todo esse trajeto, sempre contávamos com o auxílio dos simpatizantes da dança. Logo que iniciamos os ensaios da dança do Pericon, o tio de uma das integrantes disponibilizou o clube onde aconteciam os bailes populares. E esse clube era conhecido como Saravá, assim como todos conheciam o proprietário, até então nunca fiquei sabendo sobre o motivo que o levou a receber essa denominação.

Os ensaios não duraram tanto nesse local, pois para usá-lo teriam que contribuir com o pagamento da luz e, como nem sempre dispunham de verba, tiveram que buscar outro local. Foi então quando surgiu a ideia de realizar os ensaios em frente à casa de uma das integrantes, como já mencionado, na rua e embaixo do pé de Ingá.



Esse relato tem a finalidade de ilustrar os lugares por onde o grupo de dança transitou para produzir os ensaios. Diante de todos os desafios nada o abalava, ao contrário, só fortalecia ainda mais.

É comum ouvir nas escolas a falta de materiais, recursos financeiros, falta de um espaço físico adequado para desenvolver a prática de dançar. Para Silva (2013 p. 14), “no entanto, o fato de a escola não ter o lugar adequado para as práticas corporais não pode impedir uma atitude docente positiva”. Seguindo o mesmo pensamento, Silva (2013) questiona:

Afinal, onde está escrito que a dança tem que ser trabalhada em uma sala espelhada, assim como a Educação Física apenas na quadra? É evidente que o favorável seria um espaço amplo, não necessariamente a quadra, porém, nas escolas municipais e estaduais, essa não é a realidade. Então, vamos negar aos alunos essa prática pelo fato de não ter espaço adequado? Negaríamos o movimento, a expressão, por conta disso? (SILVA, 2013, p. 14)

Essa tem sido uma alegação para o fato de desinteressar o ensino da dança. Ao contrário, o grupo de dança “Irmãs Alvarenga” usufruiu da rua como espaço disponível para exercer sua criatividade e levar em frente às atividades com a dança. E como os relatos dos dançarinos, isso não era problema, eram dificuldades que não era levadas em conta. E entendo que essa atitude desempenhada por eles contribuiu para formação do senso de humildade, responsabilidade e identidades. Esses jovens, quando submetidos a se posicionar socialmente, não devem se preocupar com os desafios que podem surgir em suas vidas, pois vão se sentir preparados e confiantes.

Quanto ao tempo, o corpo expressa os movimentos e isso faz relação com a dança que posso citar como exemplo as danças de quadrilhas e as danças paraguaias, onde jovens dançarinos precisam ter uma sincronização e fazer os movimentos ao mesmo tempo em uma determinada coreografia. O tempo também corresponde à ligação entre a música e a dança, onde entram os movimentos que podem ser lentos, moderados e rápidos.

Quando mencionei os elementos de uma dança, foi mais voltado na concepção dos autores, mas para o grupo de dança, faço menção às roupas, às posturas e às músicas que direcionavam as atividades da dança.

Algo interessante que acontecia durante a dança era quando cada integrante se preparava para apresentar a quadrilha ou as danças típicas paraguaias. Observei o comportamento deles diante de cada vestimenta, pois em se tratando de cultura diferente eles(as) “incorporavam” essas culturas de modo tão natural, mas que ficava evidente a dedicação e a postura. Realmente se sentiam artista e deveras importante a cada momento da

representação. E vejo que tudo isso fazia um diferencial muito importante para cada indivíduo. Quando alguns dos integrantes disseram na entrevista que “vestiam a camisa”, isso era real, pois todos tinham o mesmo objetivo, que era o de mostrar a beleza de cada coreografia e proporcionar alegria e entretenimento ao público.

E a cada movimento do corpo, dos braços, os movimentos das saias das garotas e os sapateados dos garotos, podia-se perceber que naquele momento eles se sentiam “livres” para ser o que quisessem ser, sem se preocupar com o que a sociedade pensa. Podem ser diferentes e assumir diferentes identidades, pois naquele instante eram artistas, podiam realizar várias coisas e tudo isso ao ritmo das músicas de forró ou das músicas paraguaias, onde podiam extravasar todo sentimento de tristeza e alegria.

Quanto às danças paraguaias, estavam diante de outra postura que era de imponência, elegância, graciosidade, sensualidade e alegria. A dança proporciona tudo isso. E a cada grito, a cada batida de palma, os dançarinos se sentem seguros diante das apresentações.

Todos esses elementos podem afirmar que a interferência que pude observar durante todo esse tempo de convivência com esses jovens manifestaram várias contribuições, como respeito, valorização, companheirismo, trabalho em equipe, amizade e entender o sentido de compartilhar, seja conhecimento, um abraço, um lanche e um carinho. Desta forma, entendo que a dança trouxe novas atitudes e várias formas de identidades e diferenças.

### **3.3 Negociações silenciadas que circulavam pelo grupo de dança “Irmãs Alvarenga”**

Para entender esse subitem, vale lembrar que o grupo de dança “Irmãs Alvarenga” apresentava características diversas, ou seja, pessoas providas de diferentes orientações sexuais, culturais e étnicas que circulavam pelo grupo. Isso vem ao encontro das falas de alguns entrevistados quando afirmam que era um grupo que não se preocupava com a questão do preconceito, discriminação e diferença. O grupo estava aberto para acolher quem estivesse disposto a dançar e ter responsabilidades com os compromissos assumidos pelo grupo no sentido das apresentações.

Quando escrevo que o grupo de dança estava sempre pronto para acolher os jovens e adultos que nos procuravam para compor a equipe de dança é que não havia a preocupação com a sua identidade/diferença. Era comum receber jovens com diversas características como: muito alto, ou muito baixo, ou era muito magro, ou que era mais corpulento. Isso não era problema, pois sempre ao fazer as vestimentas já era pensado em produzir manequim apropriado para atender esse diferencial.

Durante as entrevistas foram mencionadas a questão da identidade de gênero por parte de um dos entrevistados. Vejo que é um assunto que, enquanto professora e pesquisadora, necessita de domínio e conhecimento para ser tratado. Gênero pode significar muitas coisas, podem aparecer com múltiplos apelidos (LOURO, 1997). É importante trazer para a pesquisa o conceito de gênero com base em Muniz e Silva (2007, p. 1), que dizem que “o conceito de gênero surgiu após muitos anos de luta feminista e de várias tentativas de explicações teóricas sobre a opressão das mulheres”, ainda discutem que “o gênero é o modo como as sociedades olham as pessoas do sexo masculino e as pessoas do sexo feminino. O sexo é dado pelas características biológicas: nasce-se macho ou fêmea da espécie humana, o gênero é consequência do sexo numa organização social” (MUNIZ, SILVA, 2007, p. 1).

Vale ressaltar que para mim é um assunto bem complexo, pois na condição de professora de Ciências Biológicas a ideia de discussão sobre gênero e sexualidade resulta somente das aulas ofertadas no currículo escolar: partindo dos estudos anátomo-fisiológico do corpo humano, abrangendo conteúdos relacionados ao sistema reprodutor, que incluíam a “prevenção” às infecções sexualmente transmissíveis, a gravidez e os métodos contraceptivos. E desta forma tal discussão não atende a questão social e cultural que atravessam a vida das pessoas. A temática da orientação sexual aplicada na escola encontra-se nos PCNs, mas não havia planejamento para abordar as questões na sala de aula.

Nesse sentido, pode se considerar que

A compreensão da construção sociocultural das relações entre corpo, gênero e sexualidade, foi proposta como tema transversal, nomeado de Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em 1997, para os quatro primeiros anos do Ensino Fundamental, e em 1998, para os quatro anos finais dessa mesma fase de ensino. (MELO, 2018, p. 50)

Na pesquisa não tratamos sobre gênero e nem da sexualidade. No entanto, um dos entrevistados mencionou como o grupo de dança foi importante na formação da sua identidade homossexual, destacando a forma como sempre foi acolhido que em nenhum momento se sentiu discriminado na condição da sua sexualidade. Enfatizou também que esse assunto só era comentado entre os amigos mais íntimos, e mesmo que os demais integrantes tivessem conhecimento ficava restrito somente aos grupos que tinham a liberdade entre si. Penso que realmente não tenha sofrido discriminação, pois os encontros para os ensaios aconteciam somente aos finais de semana, e o tempo era muito curto para se relacionarem. Outro fato observado que estudante-dançarino aqui mencionado estava sempre em evidência, muito participativo e dinâmico nos ensaios e apresentações.

Mas, como o foco do grupo estava sempre voltado a aprender as coreografias das danças, as pessoas não se preocupavam com as diferenças e nem com assuntos que não fosse a dança. Vale destacar que assuntos relacionados a religião, futebol e política também não eram discutidos no grupo, tendo em vista que cada indivíduo fazia sua escolha e essa era respeitada por todos.

Voltando ao assunto anterior com os relatos dos meus entrevistados, onde mencionam o quanto foi importante a convivência no grupo de dança, proporcionando respeito, amizade, união e acolhimento. Nesse sentido compartilho a fala do meu entrevistado que esteve bem à vontade para relatar sobre a questão de gênero e o acolhimento recebido dos integrantes do grupo de dança. Para entender melhor esse assunto, foi necessário um momento individual de conversa com um integrante do grupo, por isso marquei outro encontro pela plataforma do Google Meet em setembro de 2021, em que foi possível ouvir e registrar a conversa que posteriormente veio contribuir com a minha pesquisa.

Nesse dia, o entrevistado fez uma breve explanação de como ocorreu a formação de sua identidade a partir da sua adolescência, partindo da entrevista realizada no mês de maio durante uma roda de conversa com os demais entrevistados.

Um trecho da narrativa do meu entrevistado apresenta como foi sua experiência e convivência com os demais integrantes do grupo de dança em questão e como cada participante contribuiu na livre construção da sexualidade do indivíduo, através da relação com os amigos que se formaram dentro do grupo de dança “Irmãs Alvarenga”.

*“Eu acho o que não posso esquecer. É! Esse grupo sempre valorizou a diferença. É! E a questão, questão sexual, de gênero nunca foi um problema. Acho que isso facilitou pra que eu me sentisse à vontade, me sentisse em casa, nunca me senti discriminado, pelo contrário a gente era muito bem acolhido, assim como eu, tinha outros também que eram gays. E que eu não me lembro de ninguém reclamar. Que sofreu discriminação sofreu preconceito, se sofreu com isso, pelo menos que eu me recordo nunca! Então eu acho que é um ponto interessante de deixar registrado porque o fato de valorizar a diferença faz com as pessoas se sintam bem em estar ali, apesar de toda a contribuição, faz com a gente se sintam bem, então é esse ponto.” (Valter Souza da Silva, entrevista realizada em maio de 2021)*

Diante desta fala, posso constatar que ele sempre foi acolhido pelo grupo de dança e nunca vivenciou o preconceito quando esteve participando das danças. Mas é perceptível em seu relato a presença das negociações de identidades e a diferença cultural nos momentos em que fala que quando estava no grupo ele podia ser o que realmente era. E não tinha que se preocupar com a sociedade. Segundo Backes, (2005, p. 1), “as identidades e as diferenças não

são naturais, nem essenciais, são produzidas social e culturalmente, atravessadas pelas relações de poder, isto é, as identidades e as diferenças são negociadas”. E isso é uma condição para estar em determinado lugar e não ser julgado e nem discriminado.

Ainda se tratando da questão de negociação para fazer parte do grupo, pude observar na fala do dançarino-estudante que mesmo todos terem conhecimento da opção sexual de alguns integrantes não sentia necessidade de expor suas intimidades, pois naquele momento não era o que estava sendo tratado e sim em aprender a dançar, respeitar seu semelhante e acima de tudo saber conviver com a diferença e identidade de cada indivíduo. Mas percebe-se uma preocupação com o preconceito e discriminação vivendo em uma cidade do interior. E, no momento de sua fala, deixa bem evidente o que pensavam:

*“Lógico, que bem sabemos que em uma cidade do interior, casais “homo” não vão dizer abertamente, olha! Nós somos um casal! Mas o contexto propicia uma nitidez que faça com que a gente conseguia perceber que eram casais, ou também com conversas paralelas com pessoas afins, por exemplo, eu e outros colegas, então, havia uma fala mais aberta, ainda que a gente não explanasse, mas esses relacionamentos ocorriam, e também isso não afetava em nada, não refletia em a nada, não nos tornava alvo de nada, simplesmente acontecia como qualquer outro relacionamento, em qualquer outra circunstância, o diferencia é que era acatada, era aceito.” (Valter Souza da Silva, entrevista realizada em setembro de 2021)*

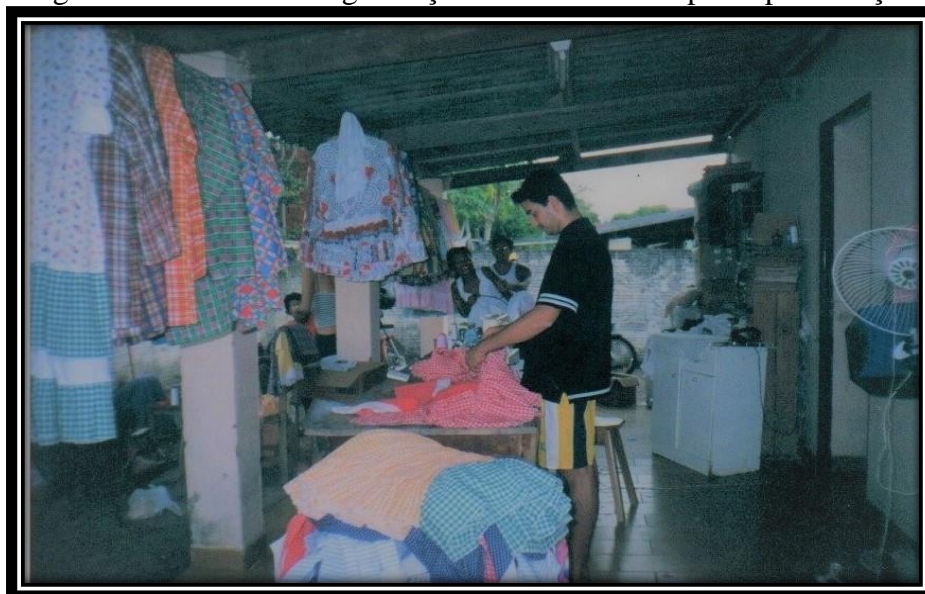
Para entender como o processo de negociação das identidades e diferenças ocorre, em determinados grupos e na sociedade, apresento mais uma fala do meu entrevistado onde podemos perceber que estar no grupo é uma condição de mostrar sua identidade reprimida na família e na sociedade.

*“A contribuição na constituição de quem eu sou. É que! Enquanto eu estava no grupo, eu poderia ser o que de fato eu sou, ou seja, a minha identidade homossexual não era colocada em xeque! Eu poderia fluir naturalmente. Nos ensaios eu colocava saia e ajudava as meninas a ensaiar e isso não era problema, e isso não era visto como problema... Então aqueles momentos de ensaio era o momento que extravasava, ou seja, tudo aquilo que eu reprimia em casa com a família, no serviço, ali era o momento de extravasar eu poderia ser eu mesmo, com meus trejeitos, o jeito de dançar, então era o momento que permitia essa fluidez da minha identidade. Ai! Enquanto adolescente isso me deu base pra sustentar quem eu sou, ou seja, e não ter problema de afirmar a minha homossexualidade.” (Valter Souza da Silva, entrevista realizada em setembro de 2021)*

Vale ressaltar que o grupo de dança “Irmãs Alvarenga” conseguiu promover um engajamento da turma, pois os integrantes, além de dançar, tinham o compromisso de ajudar na organização das roupas, formavam equipes para lavar, passar e costurar. E isso acontecia

naturalmente e em conjunto, garotos e garotas. Sempre unidos, não havia a preocupação em pensar que tais atividades fossem somente das garotas. Cada participante usava de suas habilidades e criatividade para contribuir com os afazeres e para que, no momento das apresentações, todos estivessem bem arrumados para as encenações das danças na avenida ou em qualquer outro lugar em precisassem se apresentar.

Figura 18 – Momento organização das vestimentas para apresentação



Fonte: Acervo da autora.

Com esses relatos, é perceptível como os sujeitos identificam-se e vão produzindo as representações das diferenças. Como enfatiza Hall (2003, p. 85), “todos os termos da identidade dependem do estabelecimento de limites – definindo o que são em relação ao que não são”. Parece-se que as representações de identidades e diferenças não são fixas, ou seja, mesmo que ocorra a tentativa de evitar os processos de negociação, as identidades e as diferenças sempre são negociadas (BHABHA, 1998).

Segundo Backes (2005, p. 10), “a cultura molda e fabrica as identidades, e, mesmo que se reconheça que as identidades estão sempre em negociação e são líquidas, há também sempre um movimento muito forte que tende à fixação e à cristalização indenitária”. Assim, cria-se um consenso que as identidades se constroem e são acionadas de acordo com os interesses que estão em jogo. Essas e outras colocações demonstram uma relação de afeto com o grupo de dança “Irmãs Alvarenga” e todas as contribuições ofertadas a cada integrante que fizeram parte das danças. Isso revela o poder das marcas que ficaram em cada participante de forma positiva. E para encerrar os relatos desse capítulo trago mais uma contribuição do

entrevistado, em que relata o que representou para ele o grupo de dança na formação de sua identidade diante de todas as diferenças que estão presentes na vida de cada ser:

*“Posso afirmar por mim que dez anos, um pouco mais que passei no grupo fez uma diferença absurda na construção da minha identidade enquanto ser humano. A gente acaba desenvolvendo o senso de responsabilidade, senso crítico, apreciando mais a cultura, hoje eu consumo mais, coisas antes que não consumiria, consumo a cultura paraguaia, consumo espetáculo de dança, eu vejo com outros olhos... Para além de aspecto de nos sentir acolhido. Também tem no aspecto não só indenitário no sentido “homo”, mas no sentido indenitário de ser humano melhor. Então é isso, é exatamente essa diferença esse social conhecido como “Irmãs Alvarenga” propiciou esse respeito à diferença... Porque a gente convivia com a diferença, sempre quando nos reuníamos para ensaiar, reunirmos para fazer apresentações e pra fazer viagem... A gente aprendeu a respeitar a diferença. A gente aprendeu a conviver e entender a diferença! Essa é uma condição da existência humana, somos iguais em alguns aspectos, mas em outros por questão da subjetividade mesmo, nós somos seres e não temos condições de ser igual ao outro.” (Valter Souza da Silva, entrevista realizada em setembro de 2021)*

Na reflexão do estudante-dançarino Valter Souza da Silva, percebemos que a identidade mencionada por ele tem a ver com um contexto sociocultural, onde enfatiza as dimensões pessoal e social. Parte do princípio de que todo ser relaciona-se com vários grupos, onde constrói sua identidade através de diversos grupos que convive ou faz parte, como a família, os amigos, a escola, desempenhando papéis diversificados.

Hall (2000), ao analisar como as identidades são construídas, aponta que elas são formadas via comparação com outras identidades, ou relacionadas às diferenças. A identidade da pessoa é formada na interação entre o eu e a sociedade.

A construção de identidade e diferença, para Silva (2000, p. 82), “estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade”.

Portanto, a produção da identidade e o benefício pessoal estão envolvidos com a subjetividade que permite uma análise dos sentimentos por estarem presentes nesse processo de produção. É uma forma de promover ao ser humano que há uma necessidade de entender, conviver e respeitar as diferenças. E, assim, o entrevistado continua com sua narrativa:

*“E aí este grupo social chamado de “Irmãs Alvarenga” propiciou esse contato com a diferença, esse respeito com a diferença, esse sentimento de acolhida, de amor e amizade. E isso me fez tornar o homem que sou hoje. O adulto que sou hoje.” (Valter Souza da Silva, entrevista realizada em setembro de 2021)*

Diante da fala do entrevistado, percebemos que estando no grupo de dança poderia ser o que realmente ele era, mas fica evidente também que há uma preocupação com o que a sociedade e a família podem pensar. Estando no grupo de dança poderia encenar as diferentes identidades, pois estava representando e ninguém iria questionar e nem mesmo discriminar ou encaminhar para o preconceito. De certa forma o grupo proporcionava toda essa movimentação como algo “natural”; ora é passível de reflexão e possibilitando um aprendizado de ser homem, e ser mulher e ser homossexual e com isso formando e entendendo a identidade/diferença. E foi através dessas diferentes identidades que o grupo se fortaleceu para caminhar e projetar todos os conhecimentos, mas principalmente absorver um melhor aprendizado e com isso tendo condições de conviver com diferentes personagens e levando a dança para todos os lugares, pois foi através dessa diferença que foi possível permanecer por mais de dezessete anos suas atividades culturais.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura e a escrita se tornam prazerosa no momento em que você consegue aguçar a curiosidade e escrever as primeiras linhas em forma de rascunho. E essa foi a intenção da pesquisa elaborada: evidenciar a dança, as identidades e diferenças dos sujeitos que fizeram parte dessa pesquisa. Na análise da fala das professoras e dos estudantes-dançarinos, percebi que os resultados alcançados não esgotam a temática e sequer nos permitem uma conclusão final. É importante ressaltar que esse é o momento que o autor finaliza a escrita, mas que a pesquisa é viva, e que a todo o momento podem surgir novos estudos acerca dessa temática. Nesse sentido, trago algumas considerações que acredito ser mais pertinentes. Dessa forma creio que outras pesquisas feitas poderão resultar em outras discussões. Com possibilidades de abordar o tema com diferentes perspectivas.

Antes de apontar algumas considerações, quero registrar que os momentos da minha trajetória e vivência foram ajustando com as falas das professoras e dos estudantes, assim como as dos referenciais teóricos. Estar diante dessas diversidades levou-me a experimentar e conhecer novos desafios, dialogar com autores que não faziam parte do meu cotidiano e que me levou a entender e conhecer o outro e a mim mesma.

O período de pesquisa me permitiu compreender as identidades e diferenças do sujeito no espaço escolar e na sociedade. Para entender todo esse processo, foi necessário realizar muitas leituras e ouvir os meus professores e professoras durante as aulas de mestrado, e das discussões que fizemos ao longo da dissertação.

Quando começou o trabalho de pesquisa, constatou-se que a dança é um elemento presente em minha vida e caminha comigo em minha atividade docente, onde sempre envolvi os estudantes do Ensino Fundamental, em busca de estímulos dos estudantes no processo do

ensino aprendizagem, assim como as mudanças de comportamento e a relação professor e estudante no cotidiano escolar. Entendo que a dança permite a socialização entre os estudantes e estimula o desenvolvimento de diferentes aspectos para a sua formação. Por isso foi importante estudar sobre o tema: “História de vida da professora no Grupo de Dança ‘Irmãs Alvarenga’ e a concepção dos estudantes e professores sobre os elementos culturais que contribuíram para a produção das identidades e diferenças durante a participação no grupo”.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral descrever o grupo de dança “Irmãs Alvarenga” na concepção dos estudantes e professoras e os elementos culturais que contribuíram para a produção das identidades e diferenças.

Em se tratando do objetivo geral, podemos dizer que conseguimos atender a proposta, que foi de descrever o grupo de dança, assim como verificar as contribuições na produção das identidades e diferenças. Diante disso, percebe-se efetivamente que o trabalho de pesquisa conseguiu demonstrar que a identidade e a diferença produzida pelos estudantes-dançarinos na escola não são permanentes, pois estão em mudanças contínuas e em negociações nos cenários vividos no decorrer de suas vidas. Em outras palavras, o que se percebe é o fato de que as identidades e diferenças são construídas em meios a relações de poder (VIEIRA, 2015). Assim, observam-se vários fatores que contribuíram para as negociações e o fortalecimento da identidade e diferença dos estudantes-dançarinos, podemos mencionar alguns fatores que contribuem para que isso ocorra.

– A dificuldade de os professores compreenderem a diferença dos jovens adolescentes e, com isso, respeitarem o seu tempo de aprendizagem.

– A falta de compreensão com as diferenças apresentados por determinados jovens, por parte da escola, assim como da família e da sociedade.

E isso pode ocorrer com reflexões e leituras que venha atender essas necessidades e, para ter um resultado satisfatório, faz-se necessário o envolvimento de todos os segmentos escolares.

Quanto aos objetivos específicos, apresentou a história do grupo de dança na cidade de Aquidauana, que também foram contemplados, pois através dos relatos das professoras e estudantes foi possível conhecer a história da fundação do grupo, assim como os registros mencionados no decorrer da dissertação, como carta convite, fotos, vídeos e entre outros.

E o segundo objetivo específico foi verificar as contribuições culturais que o grupo de dança realizou para Mato Grosso do Sul diante de várias apresentações realizadas pelo grupo no decorrer dos seus dezessete anos de atuação. Podemos dizer que trouxe muitas contribuições culturais para a sociedade e regiões. Na fala das professoras e dos estudantes-dançarinos, foram

mencionadas algumas das contribuições culturais que o grupo de dança trouxe para a sociedade e para os integrantes do grupo em questão. Isso ficou evidente com os registros de convites recebidos para as apresentações de danças em vários lugares de Aquidauana e região.

Com a metodologia proposta, percebemos que o trabalho de pesquisa poderia ter sido realizado mais amplo na coleta de dados com um número maior de estudantes-dançarinos, porém os trabalhos de pesquisa passam por limitação de tempo, limitação geográfica e limitações de recursos financeiros, só foi possível analisar uma população pequena.

Uma das limitações que posso mencionar é o fato de os entrevistados residirem em Aquidauana e eu residindo em Campo Grande. Mas o fator mais agravante foi a questão da Covid-19, que causou o período pandêmico devido ao novo coronavírus. Desta forma, inicia-se o distanciamento entre as pessoas para evitar a proliferação da doença, haja vista que o vírus vinha se expandindo em vários lugares do mundo, inclusive no Brasil.

O meio mais eficaz para as entrevistas foi através da plataforma do Google Meet que também necessita de recursos financeiros, pois é necessário o uso da internet, onde o sujeito da pesquisa precisa disponibilizar para participar das entrevistas. Além disso, tem a questão da qualidade da internet que no momento da entrevista não saia do ar. Outra dificuldade são os barulhos que são constantes e em determinados momentos prejudica entender o sujeito durante sua fala.

Enfim, com todas as dificuldades foi possível concluir a pesquisa. Entendo que esse trabalho não se esgota por aqui, mas que permite um caminho com novas reflexões, pois é preciso explorar a dança no âmbito escolar. Buscar a importância para a formação integral do estudante em todas as etapas da educação básica. Incentivar a dança não apenas nas apresentações festivas ou demonstrações folclóricas, mas em todas as manifestações dos estudantes em sala de aulas ou mesmo fora da escola.

## REFERENCIAL

- ALVES, Maria Isabel Alonso. **Narrativas de professoras indígenas arara (KaroTap) de rondônia: identidades entre experiências formativas não escolares e escolares** – 2018. Tese (Doutorado) Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), 2018.
- ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2012.
- ARCA – Revista de Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande-MS, dezembro de 1993, nº 4, 5.
- ASTRAIN, Ricardo Salas. **Ética intercultural (re) leituras do pensamento latino-americano**. Tradução Dilnéia Tavares do Couto e Jovino Pizzi. São Leopoldo: Oikos Editora, 2021.
- BACKES, José Licínio. **A negociação das identidades/diferenças culturais no espaço escolar**. GT: Educação Popular, n. 6, 2005.
- BACKES, José Licínio. Articulando raça e classe: efeitos para a construção da identidade afrodescendente. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 95, p. 429-443, maio/ago. 2006.
- BALDI, Neila Cristina, SANTOS, Oneide Alessandro Silva dos, MORS, Fabiana Andréia, Cínara Neujahr dos Santos. **Corpos Singulares: Autobiografia, Decolonialidade e Educação Somática no Ensino da Dança**. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 6, N. 1, p. 184-203 janeiro-abril de 2020: “Educação: Corpo em movimento II.” – DOI: 10.12957/riae.2020.45288.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução João Wanderley Geraldi Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. **Revista Brasileira de Educação**, Jan/Fev/Mar/Abr 2002 (p.20).
- BAUMAN, Zygmunt, 1925. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BRAZIL, Paulo Henrique de Assis *et al.* As práticas pedagógicas no ensino remoto e a formação docente na Covid-19. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano. 6, dd. 9, v. 6, p. 130-140, set. 2021.
- BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1998.
- BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1998.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; RUSSO, Kelly. Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. **Revista Diálogo Educacional**, v. 10, n. 29, p. 151-169, jan.-abr. 2010.

CARVALHO, Arthur Henrique Urzeda de; SILVA, Danielle Xavier Teixeira da. **A análise da dança no contexto da formação e identidade de jovens escolares de uma escola privada de Goiânia**. Maio de 2014.

CASTRO, Mêire Cristina de. Indisciplina: Um olhar sobre os distúrbios disciplinares na escola. Diálogos Acadêmicos. **Revista Eletrônica da faculdade Semar/Unicastelo**, v. 1, n. 1, out./jan. 2010.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR.

FARO, Antônio José. **Pequena história da dança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1986.

FERNANDES, Michele de Souza dos Santos. Grupo de discussão e entrevista coletiva: a construção de dispositivos metodológicos em uma pesquisa discursiva. **Abehache**, ano 4, nº 6. 1º semestre 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagógica da autonomia: saberes necessários a pratica educativa – 34ª ed.** São Paulo: Editora: Paz e Terra, 1996.

GUEDES, Amanda Ramires. **Grupo Camalote e Ginga Cia de Dança**. Campo Grande: 2016.

GODOI, Christiane Kleinübing. Grupo de Discussão como Prática de Pesquisa em Estudos Organizacionais. **ERA**, São Paulo, v. 55, n. 6, nov-dez 2015, p. 632-644.

Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

JORNAL O PANTANEIRO. **V Arraiá do Pantanal: festa inesquecível**, p. 8-3 A 9 de julho de 2005. Aquidauana-MS.

JORNAL O PORTA VOZ POPULAR, **Grupo de Dança Irmãs Alvarenga no CEUA em Aquidauana-MS**, p. 4. 1 a 15 setembro de 1999. Anastácio-MS.

KENSKI, Vani Moreira. Aprendizagem mediada pela tecnologia. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n.10, p.47-56, set./dez. 2003.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MARÍN, José. Interculturalidade e descolonização do saber: relações entre saber local e saber universal, no contexto da globalização. **Visão Global**, Joaçaba, v. 12, n. 2, p. 127-154, jul./dez. 2009.

MARQUES, Valéria; SANTRINO, Cecília Satriano. Narrativa Autobiográfica do Próprio Pesquisador Como Fonte e Ferramenta de Pesquisa. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v.23, n.51, p. 369-386, jun. 2017 a set. 2017.

MELO, Andréa Silene Alves Ferreira. **“Entre flores no jardim”**: Histórias de vida e formação. Uma análise sobre gênero e sexualidade entre egressos/as do curso de Ciências Biológicas da UEFS. 2018.

MEINERZ, Carla Beatriz. Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 485-504, maio/ago. 2011.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou Sobre como fazemos nossas investigações. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAISO, Marlucy Alves (orgs). **Metodologias de pesquisa pós-crítica em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 15-22.

MOREIRA, Cícera Patrícia; OLIVIEIRA, José Cleostenese. Dança como arte Milenar numa abordagem Contemporânea. **Revista de Psicologia**, ano 3, nº 8, jul. 2009.

MUNIZ, Alessandro Dias; SILVA, Profa. Daniela Regina da. **Sexualidade e gênero**. Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI Matemática/Licenciatura (MAD49/1) – Psicologia Geral e do Desenvolvimento 04/12/07.

OLIVEIRA, Karenine. **Dança é educação**: interfaces entre corporeidade e estética. Natal: EDUFRN, 2018..

OLIVEIRA, Valeska Fortes de; MIORANDO, Tania Micheline. Encontros Potentes Produzidos Pela Investigação Com Histórias de vida. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 5, n. 13, p. 345-359, jan./abr. 2020. p. 347.

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Dança é educação**: interfaces entre corporeidade e estética. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2018.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indivizível” ao “dizível”. *In*: SIMPSON, Olga de Moraes Von (Org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

RAMOS, TuanyInou e Pontalti. **O cotidiano das crianças em tempos de pandemia**: (des)construções. Campo Grande, 2021. 125 f. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco/UCDB – 2021.

RENGEL, Lenira Peral *et al.* **Elementos do movimento na dança**: Lenira Peral Rengel, Eduardo Oliveira, Camila Correia Santos Gonçalves, Aline Lucena e Jadiel Ferreira dos Santos. Salvador: UFBA, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Biblioteca Nacional de Portugal, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro, Graal, 1989.

SCARRAPATO, Marta Thiago. Dança educativa: um fato em escolas de São Paulo. **Cadernos Cedex**, ano XXI, nº 57, 53, abril/2001.

SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisadora (dora?). **Revista da Escola de Enfermagem**, USP 2003.

SEIZER DA SILVA, Antonio Carlos. **Kalivôno Hikó Trenoe**: sendo criança indígena Terena do século XXI: vivendo e aprendendo nas tramas das tradições, traduções e negociações. 2016.

SIGRIST, Marlei. **Chão batido**: a cultura popular de Mato Grosso do Sul: folclore, tradição. Campo Grande, MS: UFMS, 2000.

SILVA, Ângela Ferreira da. **Projeto Dança Criança e Escola Cidadã**: o aprendizado da dança e a construção de significados. Porto Alegre, 2007.

SILVA, Erineusa Maria da. **Oficina de docência em dança**: Erineusa Maria da Silva. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2013.

SILVA, José Carlos Gomes da; ARAÚJO, Melvina Afra Mendes de; SOUSA, Flávia Alves de (orgs.). **Política da promoção da igualdade racial na escola**. São Paulo: UNIFESP, 2017.

SILVA, José Bonifácio Alves. **As/os docentes de história da escolarização básica e a (des/re) construção das identidades negras**. Campo Grande, 2013. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, Tomás Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (orgs.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOARES, Liane Cristina Figueiredo. **Olga Mettig**: história de vida, percursos formativos e pensamento pedagógico. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Faculdade de Educação – Mestrado em Educação e Contemporaneidade – 2007.

Souza, João Batista Lima de. A dança como possibilidade de ação educativa libertadora. *In: IX ANPED SUL – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul*, 2012.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Rev Esc Enferm**, USP, 2003, 37(2), p. 119-26.

TULIO, Rogéri (Unigranrio). Reflexões Acerca do Conceito de Cultura. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. VII, n. XXVIII, jan-mar. 2009.

VELOSO, N. C.; BATISTA, G. A. Identidade e diferença: uma abordagem no contexto social. **Cadernos da Fucamp**, v. 16, n. 25, p. 60-70/2017.

VIEIRA, Carlos Magno Naglis. **A criança indígena no espaço escolar de Campo Grande-MS: identidades e diferenças**, 2015.

WALSH, Catherine. Interculturalidade, Crítica e pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e reviver. *In: CANDAU, Vera Maria. (org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-43.